



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**JAQUELINA IVONE BORGES VARELA**

**A GERAÇÃO Z E A PROMOÇÃO DA PAZ COMO  
OBJETO PEDAGÓGICO:  
CONTRIBUTO DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO MORAL E  
RELIGIOSA CATÓLICA**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada  
sob orientação de:**

**Orientador - Prof. Doutor Alfredo Teixeira**  
**Coorientadora - Mestre Cristina Sá Carvalho**

**Lisboa**  
**2021**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, que foi minha maior força nos momentos difíceis.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço aos Professores Cristina Sá Carvalho e Alfredo Teixeira, pela disponibilidade.

Agradeço, de igual forma, aos meus alunos e à professora cooperante do Agrupamento de Escolas da Damaia, que fizeram este percurso comigo e contribuíram para o meu crescimento enquanto docente. Aproveito ainda para agradecer aos meus amigos e colegas do curso, que sempre me apoiaram e incentivaram.

## ÍNDICE

DEDICATÓRIA	i
AGRADECIMENTOS	ii
ÍNDICE DE QUADROS	vi
ÍNDICE DE FIGURAS	vi
RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
LISTA DE SIGLAS	ix
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	
A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	8
1. A ESCOLA, A TURMA E O SEU CONTEXTO	9
2. AVALIAÇÃO GLOBAL DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	16
3. UNIDADE LETIVA 4 DO 7.º ANO: “A PAZ UNIVERSAL”	23
3.1. Análise e pertinência da Unidade Letiva	23
3.2. Interesse pedagógico	25
3.3. Aprendizagem enquanto docente	27
4. A LECIONAÇÃO DA UL: PLANIFICAÇÃO DE NÍVEL IV E REFLEXÃO SOBRE AS AULAS	28
4.1. Aula 1: A paz, o grande sonho da humanidade: “o testemunho de Nelson Mandela”	29
4.2. Aula 2: Situações de ausência de paz no nosso mundo: “construção de mural”	32
4.3. Aula 3: Conclusão da aula anterior: “construção do mural”	35
4.4. Aula 4: O direito à paz: “palavras cruzadas”	38
5. REFLEXÃO DA PLANIFICAÇÃO DAS AULAS NÃO LECIONADAS DEVIDO À COVID-19	40
5.1. Reflexão sobre a planificação da aula 5	44
5.2. Reflexão sobre a planificação da aula 6	50
5.3. Reflexão sobre a planificação da aula 7	56
CAPÍTULO II	
A GERAÇÃO Z E A PROMOÇÃO DA PAZ	57
1. CARACTERIZAÇÃO DA GERAÇÃO Z	59
2. UMA APROXIMAÇÃO AO CONCEITO DE PAZ	63
3. O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES: A FAMÍLIA, A ESCOLA E A IGREJA NA PROMOÇÃO DA PAZ	75

4. CONSTRUÇÃO DO BEM COMUM COMO CAMINHO PARA A CONSTRUÇÃO DA PAZ	83
CAPÍTULO III	
A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA: UM COMPROMISSO E CONTRIBUTO PARA A PROMOÇÃO DA PAZ	91
1. A EMRC E OS DESAFIOS EDUCATIVOS	92
2. EDUCAR PARA A PAZ: PROPOSTA PEDAGÓGICA NO ÂMBITO DA EMRC	94
3. PLANIFICAÇÃO DA ATIVIDADE PEDAGÓGICA	102
CONCLUSÃO	103
BIBLIOGRAFIA	105
1. DOCUMENTOS ECLESIAIS	105
2. OUTROS DOCUMENTOS	106
3. ESTUDOS E ENSAIOS	107
ANEXOS	110
Anexo 1: Aula 1 – UL 4 – Cartão com mensagem da paz	111
Anexo 2: Aula 1 – UL 4 – Fotografia de Nelson Mandela	112
Anexo 3: Aula 1 – UL 4 – Bandeiras de alguns países	113
Anexo 4: Aula 1 – UL 4 – Capa do Portefólio para os alunos	114
Anexo 5: Aula 1 – UL 4 – Símbolos da paz	115
Anexo 6: Aula 2 – UL 4 – Cartões	116
Anexo 7: Aula 2 – UL 4 – Mural	117
Anexo 8: Aula 3 – UL 4 – Autocolantes com sumário para colar no caderno	118
Anexo 9: Aula 3 – UL 4 – Caixas com imagens e notícias dos casos de violência: o caso mediático de uma criança de 9 anos que pediu para morrer depois de ser alvo de <i>bullying</i> na escola	119
Anexo 10: Aula 3 – UL 4 – Mural	121
Anexo 11: Aula 3 – UL 4 – Imagens de situações de conflitos em diferentes contextos sociais	122
Anexo 12: Aula 4 – UL 4 – Cartão e texto da página 134 do MA	123
Anexo 13: UL 4 – Cartolinas com os pilares da paz	124
Anexo 14: Imagem do Mahatma Gandhi no centro de uma cartolina e, à volta, algumas frases do mesmo	125
Anexo 15: Cartão e excerto da mensagem do Papa	126
Anexo 16: Imagem utilizada na Aula 5	127
Anexo 17: Imagens dos laureados com o Nobel da Paz	128

Anexo 18: Aula 5 – UL4 – Imagens e símbolos das organizações promotoras da paz	129
Anexo 19: Aula 6 – UL4 – Mural no átrio da escola para os alunos colocarem as mensagens de compromisso com a paz	130
Anexo 20: Aula 6 – UL4 – Pistas para encontrar o tesouro e caixa para colocar as bolas do Pokémon encontradas no caça ao tesouro	131
Anexo 21: Aula 6 – UL4 – Bolas do Pokémon com citações bíblicas encontradas ao longo da caça ao tesouro GO	132
Anexo 22: Aula 6 – UL4 – Arca do tesouro	133
Anexo 23: Aula 6 – UL4 – Fotocópias com mensagens bíblicas sobre a paz – Hermenêutica dos textos bíblicos	134
Anexo 24: Aula 7 – UL4 – Autocolante com sumário para colar no caderno	135
Anexo 25: Aula 7 – UL4 – Fotocópias com as regras de ouro	136
Anexo 26: Aula 7 – UL4 – Tiras de cartolinas com as seguintes religiões: Budismo, Islamismo, Judaísmo e Cristianismo	137
Anexo 27: Aula 7 – UL4 – Quadro com linha de lã ao centro para afixar mensagens sobre a paz	138

## **ÍNDICE DE QUADROS**

Quadro 1. Planificação da aula 1	30
Quadro 2. Planificação da aula 2	33
Quadro 3. Planificação da aula 3	36
Quadro 4. Planificação da aula 4	39
Quadro 5. Planificação da aula 5	41
Quadro 6. Planificação da aula 6	42
Quadro 7. Planificação da aula 7	43
Quadro 8. Plano de Atividade: “Construção da tenda da paz na escola”	49
Quadro 9. Planificação da atividade pedagógica	102

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

Figura 1. Fragmento Cultural	50
------------------------------	----

## RESUMO

Este trabalho discute a geração Z e a promoção da paz como objeto pedagógico. Importa salientar que a escolha desta temática está relacionada com a minha prática letiva enquanto docente de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC). Ao longo da lecionação da unidade letiva de referência (UL4), deparei-me com um problema que me levou a questionar de que forma apresentar a temática da paz aos alunos e que metodologias utilizar para despertar nos alunos a urgência da paz e a sua responsabilidade na construção da paz, além de reconhecer soluções fundamentais para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa. Este trabalho divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo, reflito sobre o projeto educativo da escola e contextualizo brevemente a turma que lecionei. Pondero a experiência da Prática de Ensino Supervisionada (PES) no núcleo de estágio na Escola Pedro D'Orey da Cunha, bem como o contributo específico da disciplina de EMRC para o Agrupamento de Escolas da Damaia, principalmente na formação dos alunos, com o intuito de concretizar uma educação para a paz. No segundo capítulo, faço uma breve caracterização da geração Z, mas, antes de mais, reflito a respeito do que é a geração Z, para tentar perceber como apresentar a paz, um tema tão pertinente e merecedor de atenção por parte de instituições como família, escolas e igrejas. Nesse sentido, proponho uma reflexão séria em torno da promoção da paz, tendo em conta os adolescentes e as diversas experiências que eles trazem consigo, principalmente do seu meio. No terceiro capítulo, apresento uma proposta pedagógica no âmbito da EMRC, com vistas a mostrar que é possível pensar uma educação para a paz, integrando um conjunto de conteúdos do currículo e permeando a nossa prática pedagógica cotidiana.

**Palavras-chave:** Prática de Ensino Supervisionada; Educação Moral e Religiosa Católica; Geração Z; Promoção da paz.

## ABSTRACT

This paper discusses generation Z and their relationship to the promotion of peace as a pedagogical object. This theme choice is related to my teaching practice with Catholic Moral and Religious Education (EMRC). During the teaching experience referenced in this thesis, unit (UL4), I came across a problem that led me to question how to present the theme of peace to students and to research methodologies that could help me awaken in these students the recognition of the urgency for peace as well as their responsibility in the construction of peace. In addition, I struggled to find a way to teach students how to recognize fundamental solutions to situations of conflict of values based on the fundamental recognition of a person's dignity. This work is divided into three chapters. In the first chapter, I reflect on the school's educational project and briefly contextualize the class I taught. I ponder my experience with the Supervised Teaching Practice (PES) in the internship nucleus at the Pedro D'Orey da Cunha School, as well as the specific contribution of the EMRC discipline to the Damaia School Group, mainly in the training of students, with the aim of achieving education for peace. In the second chapter, I briefly characterize Generation Z. After reflecting on what Generation Z is, I explain how to present peace to this generation and shed light on why this topic is so pertinent and worthy of attention by institutions such as family schools and churches. Subsequently, I propose a serious reflection on the promotion of peace, taking into account the varied experiences that students bring to the classroom, drawing mainly from their environments. In the third chapter, I offer a pedagogical proposal within the scope of the EMRC, in order to show that it is indeed possible to practice education for peace by integrating a set of curriculum contents into our daily pedagogical practice.

**Keywords:** Supervised Teaching Practice; Catholic Moral and Religious Education; Generation Z; Peace Advocacy.

## **LISTA DE SIGLAS**

ACNUR	Alto Comissariado da Nações Unidas para os Refugiados
CNE	Conselho Nacional de Educação
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
ONU	Organização das Nações Unidas
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PES	Prática de Ensino Supervisionada
PS	Pedagogia do Serviço
SNEC	Secretariado Nacional de Educação Cristã
TEIPE	Territórios Educativos de Intervenção Prioritário
UL	Unidade Letiva

## INTRODUÇÃO

A experiência da Prática de Ensino Supervisionada (PES) que aqui se apresenta está fortemente articulada a uma biografia, intimamente ligada à minha maneira de pensar a escola enquanto espaço de socialização. Enquanto docente, revejo toda a minha luta na construção de uma escola em mudança, que porventura faça sentido para muitas crianças e adolescentes que, tal como eu, sonham com uma escola de oportunidades para o futuro.

Aos seis anos de idade, o meu grande desejo era ir à escola. Como se soubesse o que era a escola, fazia-me muita confusão quando as minhas amigas saíam de casa de manhã e regressavam ao fim do dia. Sem perceber, questionava-me, em silêncio, o que faziam elas o dia todo fora de casa. Até que um dia decidi enfrentar a minha mãe com algumas perguntas. Ela, como sempre, com um sorriso e um olhar comprometedor, respondeu-me: «Filha, as tuas amigas vão para a escola.» Perante a sua resposta, não hesitei em perguntar: «Será que posso ir também para a escola como as minhas amigas?» A minha mãe respondeu-me: «Sim, filha, um dia, se Deus quiser.» Com o meu ar de revolta e sem perceber o porquê de não frequentar a escola, fiquei amuada, característica própria de qualquer criança insatisfeita.

Num belo dia de sol, a minha mãe deixou-me ir para a rua, brincar com as minhas amigas. Que felicidade! Pelo facto de raramente ir à rua brincar, não estava a perceber *a carta de alforria* que tinha acabado de receber da parte da minha mãe. Para uma criança da minha idade, sair de casa num fim de semana ensolarado, para ir brincar, era quase um milagre. Mas, para mim, estar com as minhas amigas seria o momento oportuno para fazer todas as questões sobre o que faziam na escola e por que iam à escola. E assim aconteceu. As respostas foram bastante diversas. Um diziam que, na escola, aprendiam a escrever os nomes, pintar, desenhar e brincar. Também houve quem dissesse que os professores davam palmadas quando os alunos não acertavam as tabuadas. Isso não me agradou, porque em casa também apanhava umas palmadas, quando não fazia bem as coisas.

Confesso que aquelas respostas não eram músicas para os meus ouvidos. A partir daquele momento, registei na minha memória a imagem do professor que batia nos alunos que não sabiam a tabuada. A minha vontade de frequentar a escola diminuíra, embora permanecesse o fascínio da descoberta. O medo da escola, sem nunca ter posto lá os pés, foi-se desmoronando quando a minha mãe afirmou que a escola era um sítio onde as pessoas estudavam para serem melhores no futuro. Todavia, com a minha idade, não percebia muito bem a lógica de estudar para sermos melhores no futuro, quando a minha avó nunca tinha ido à escola, sendo, no entanto, uma pessoa sábia, capaz de fazer as contas de cabeça, sem ajuda

de calculadora. A sua capacidade de ensinar e contar histórias era incrível. À dada altura, quis acreditar que estava numa escola diferente da dos meus colegas, porque aprendia de tudo. Posso até considerar que foi, em certa medida, ensino doméstico.

Na opinião do meu pai, a escola não prestava e não fazia sentido frequentar a escola. Com a minha inocência de criança, quis acreditar nas suas afirmações. Porém, não fiquei totalmente convencida. Vivi sempre inquieta com a questão da escola. Era-me incompreensível a passividade do meu pai perante a escola. Quando eu tinha oito anos de idade, a minha mãe enfrentou o meu pai e decidiu matricular os oito filhos na escola. Foi o dia mais feliz da minha vida. A ideia de escola como lugar de castigo foi-se apagando aos poucos da minha memória, embora a minha professora do primeiro ano me batesse sempre que eu errava as tabuadas. Entretanto, comecei a perceber que a atitude da professora não era de todo violenta. Ela apenas queria que eu aprendesse. Naquela altura, era muito normal os professores baterem nos alunos, e os pais agradeciam-lhes por disciplinar as crianças. A figura do professor era como que Deus na terra. O modelo de ensino era bastante rigoroso. Em contrapartida, havia uma elevada taxa de sucesso escolar. Eu via a escola como um lugar de aprendizagem e de socialização.

Contudo, esse estatuto começou a ser desvalorizado, quando fui para o secundário. O que teria mudado? O aluno? O professor? O modelo escolar? Teria a família deixado de exercer o seu papel educador? Muitas coisas mudaram, principalmente decorrentes dos avanços tecnológicos, que denotavam e implicavam transformações na sociedade e nas suas instituições, em particular a escolar. A explosão tecnológica veio trazer muitas mudanças para o ensino. A palavra do professor deixou de ter o mesmo peso como dantes. Criou-se um mal-estar dentro do ensino. A escola tornou-se em um espaço estranho, onde os professores viram diminuída a sua influência sobre a vida dos alunos. A proximidade entre docentes e discentes e o respeito por esses foram-se diluindo.

Resolvi escrever parte da minha história de vida apenas para dizer que aquelas inquietações sentidas na infância me fizeram ser professora e acreditar que o ensino transforma o ser humano e o capacita a transformar os outros. Concordo com Arends,<sup>1</sup> quando compara o ato de ensinar a uma arte e quando argumenta que o ensino não é apenas guiado pelo conhecimento científico, mas também depende de um conjunto complexo de julgamentos individuais, baseados em experiências pessoais que influenciam todo o processo. De certo modo, todas as minhas vivências influíram para o meu gosto pelo ensino. Ainda me lembro dos meus oito irmãos, sentados no chão, a ouvir-me como se estivessem numa escola de

---

<sup>1</sup> Richard Arends, *Aprender a Ensinar* (Lisboa: McGraw-Hill, 2008).

verdade, isso em uma altura tão longe de saber que um dia viria a ser professora. Embora esse fosse o meu sonho, vi-o muitas vezes quase interrompido. Mas, finalmente, consegui superar e contradizer aquelas opiniões negativas que ouvia em relação à escola, como a de que a escola não prestava para nada, perante o que tentei mostrar o contrário.

Ao longo da minha trajetória, do infortúnio ao sucesso, tento marcar a diferença pela minha capacidade de resiliência e, principalmente, de encontrar respostas para questões que me habitam, como entender o que é a escola e para que serve. Urgia encontrar respostas primeiramente através da minha experiência, antes de confrontar-me com aquilo que os estudiosos diziam.

O caminho tem sido desafiante e bastante enriquecedor. Licenciiei-me em Ciências Religiosas e iniciei o mestrado na mesma área na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa. Porém, por motivos financeiros, vi-me coagida a suspender esse mestrado, uma vez que não podia suportar as despesas inerentes sem qualquer apoio. Nesse ano, quase interrompi o meu sonho, mas não me deixei abalar, porque tinha um sonho e uma missão a cumprir. Mais tarde, decidi iniciar outro mestrado, mas em área distinta, a de administração escolar, com condições facilitadas pelo benefício de uma bolsa.

Nesse curso, aprendi muito sobre a escola e o ensino, mas faltava a parte prática do magistério. Por isso, senti que necessitava de algo mais. Nessa altura, não tinha experiência profissional no ambiente escolar. Logo, esse era o passo que me faltava e confesso que o via muito difuso, até um dia alguém me desafiar a concorrer para dar aulas de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC). Um dia surgiu a oportunidade: um concurso para oferta de escola fora lançado várias vezes, mas algumas horas letivas permaneciam disponíveis. Sem hesitar, concorri a catorze horas letivas remanescentes e logrei ser convocada para lecionar no Agrupamento de Escolas de Josefa de Óbidos, em Óbidos.

Naquele contexto, embora distante de tudo, fora da minha área de residência, longe dos amigos e das pessoas mais próximas, deu-se o meu primeiro contacto com uma escola e, na condição de docente, voltava-me diretamente para os alunos, destinatários da nossa missão, mas, sobretudo, sujeitos no processo de ensino-aprendizagem. A minha perceção sobre o que era a escola começou a ficar mais esclarecida. Confesso que tinha uma ideia muito romantizada, mas rapidamente coloquei os pés no chão e passei a ver a escola sob uma perspectiva mais integradora, inspirada no que diz Levinas<sup>2</sup> a respeito da hospitalidade como uma tarefa da educação. Nesse sentido, todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino-

---

<sup>2</sup> Citado por Isabel Baptista, *Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético* (Porto: Profedições, 2005), 103-6.

aprendizagem — especialmente, docentes e discentes — devem disponibilizar-se para o encontro, o diálogo, a interlocução, o entendimento e o cuidado *do e com o* outro. O percurso para aceder à alteridade não é uma mera projeção mental, mas um profundo sentir o outro.

Imbuída dessas ideias e ciente da minha vocação para o magistério, a minha presença como docente de EMRC mostrava-se distinta da dos demais professores. A principal tarefa de um professor que se vê como educador, não apenas como mero transmissor de informações e conhecimentos, é promover o crescimento dos alunos e, em consequência, o melhoramento da sua qualidade como ser humano. Essa missão é atingível quando a educação se configura como exercício de atenção, cuidado e hospitalidade. Assim, a educação acontece de facto no universo das relações estabelecidas quotidianamente entre todos os envolvidos no processo educativo.<sup>3</sup>

Depois de um ano de lecionação, avancei para o mestrado em Ciências Religiosas, que muito veio acrescentar à minha vida profissional, na posição de docente de EMRC. Sem dúvida, o percurso não foi fácil, mas representou um crescimento significativo, em particular com o meu estágio no Agrupamento de Escolas da Damaia. Fiquei muito feliz por estagiar na Escola Pedro D'Orey da Cunha, pela sua diversidade e capacidade de responder aos desafios que a multiculturalidade lhe exige diariamente. Lembro-me do primeiro dia, do meu primeiro contato com o agrupamento e com os alunos que me foram confiados: ao entrar pelo portão, senti-me completamente em casa. Não demorei a descobrir de onde vinha tamanha sensação de pertencimento: havia ali uma cultura que nos unia. Sempre que me aproximava dos alunos, logo pela manhã, antes do início das aulas ou nos intervalos, sentia-me de facto a professora de EMRC. Infelizmente, não é comum ter uma professora negra, jovem e capaz de entendê-los. Em vista disso, acredito que a minha presença foi bastante significativa para muitos alunos, mostrando-lhes que podemos conquistar posições como a de professor, independentemente da identificação racial e conscientes de que é preciso esforçar-se, empenhar-se e lutar para realizar os nossos objetivos. Recordo-me de um dia, quando, no intervalo, conversava com alguns alunos sobre a minha conquista e a minha luta para formar-me professora. Muito admirada, uma aluna disse-me: «Conseguiste ser professora!»

Após aquela particular interação com os alunos, senti-me um pouco triste. Aquela aluna era negra e advinda de uma origem social humilde. A sua mãe levantava-se de madrugada para ir trabalhar. Ela desconfiava que lhe seria vedado um futuro melhor em decorrência da sua origem. O diálogo com essa adolescente fez-me refletir sobre a minha missão enquanto professora de EMRC e, sobretudo, sobre a importância desta disciplina na

---

<sup>3</sup> Baptista, *Dar rosto ao futuro*, 103.

vida dos alunos e na própria escola. Cada vez mais, convenço-me de que urge preparar os jovens a acreditarem nas suas capacidades e a serem vendedores de sonhos, porque educar é entusiasmar, encher de esperança, alegrar dias de descoberta, animar formas novas, despertar desejos. Neste sentido, a Conferência Episcopal Portuguesa afirma que:

[o] principal objetivo da educação é suscitar e favorecer a harmonia pessoal, a verdadeira autonomia, a construção progressiva e articulada dos aspetos racional e volitivo, afetivo e emocional, moral e espiritual. Desta harmonia pessoal decorre a participação social e feliz, cooperante e solidária, que resulta na harmonia social.<sup>4</sup>

A EMRC não é indiferente a essa tarefa educativa: educa para os valores, alicerces estruturantes de uma personalidade sólida e no quadro específico dos valores cristãos. A EMRC pode contribuir eficazmente para a formação dos nossos discentes, desde que cumpra a sua missão atenta à vida das pessoas, de modo a ajudá-las a observar criticamente a realidade em que vivem. A EMRC tem a função de: (a) ajudar a pessoa a *ser*, ou seja, a identificar-se e a aceitar-se como é em harmonia com as várias dimensões da vida; (b) ajudar a pessoa a *ser com*, ou seja, a cultivar a interação e os laços entre pessoas; (c) ajudar a pessoa a *ser para*, ou seja, a aprender a identificar quais as linhas de ação por onde orientar a sua vida e desenvolver o sentido altruísta das suas ações; (d) ajudar a pessoa a *ser mais*.<sup>5</sup> Isabel Vilaça e Vítor Carmona defendem que:

[a]os jovens, é preciso dar-lhes a hipótese de construírem alternativas que os convençam da necessidade de atuarem, de acreditarem que o seu destino, enquanto pessoas, e mais tarde famílias, está nas suas mãos; convencerem-se de que é possível encarar as dificuldades da vida com uma nova maneira de estar e de ser.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação, direito e dever: missão nobre ao serviço de todos* (Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2002), n.º 4. Acedido a 30 de janeiro de 2020. <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-direito-e-dever-missao-nobre-ao-servico-de-todos/>.

<sup>5</sup> Isabel Vilaça e Vítor Carmona, «Os contextos pedagógicos e educativos da Educação Moral e Religiosa Católica», *Pastoral Catequética* 5 (2006): 89-90.

<sup>6</sup> Vilaça e Carmona, «Os contextos pedagógicos e educativos...», 91.

Quando olhamos para a realidade da nossa sociedade, são muitos os sinais dos tempos que nos levam a fazer uma reflexão mais ponderada acerca das mudanças culturais que muito têm atingido os nossos jovens. A este respeito, a Conferência Episcopal Portuguesa aponta algumas alterações da nossa cultura que têm sido alvo de reflexão. Uma dessas alterações tem a ver com

[o] aumento crescente do indiferentismo religioso, que leva as pessoas a não referirem a Deus o universo e o homem, com a conseqüente alteração dos critérios morais de existência; mudança no conceito de felicidade e de realização humana, muito centrada no bem-estar material, no progresso económico, no prazer, com pouco lugar para a alegria e plenitude interiores [...]; relativização da dignidade do homem e da vida humana, valor sagrado que só de Deus depende; corrupção do conceito de amor, de que se afasta a noção de serviço, de dom, de gratuidade contemplativa, de caridade; perda da dimensão absoluta de valores como fidelidade, amor, lealdade, caindo-se na precariedade do efémero; fragilidade da família como comunhão definitiva, aceitando-se, progressivamente, o casamento transitório, a união ocasional, a rutura entre conjugalidade, maternidade e paternidade.<sup>7</sup>

Em vista disso, importa dizer que é este o contexto cultural e social em que vivemos. A escola não é indiferente a essas mudanças culturais, até porque passaram a estar na escola crianças oriundas de meios sociais, económicos, culturais e étnicos múltiplos e diferentes. Hoje, a sala de aula já não representa uma memória única ou uma referência cultural única e monolítica, mas, sim, um ponto de encontro de muitas e variadas culturas, linguagens e códigos de comportamento. Este é o contexto do Agrupamento de Escolas da Damaia e, conseqüentemente, a realidade onde a EMRC se situa e tem de agir, de modo a ser uma mais-valia pedagógica e educativa.

A disciplina de EMRC no Agrupamento de Escolas da Damaia tem um papel muito fundamental para a formação da personalidade dos discentes. Ao longo da Prática de Ensino Supervisionada (PES), constatei o valioso contributo da disciplina através das suas principais finalidades: (a) educar para ser uma pessoa através da aceitação, interiorização e vivência dos valores essenciais à vida; (b) educar para a construção da identidade, ou seja, de um modo de ser e agir, integrado e harmonioso, único e irrepetível; (c) educar para a vida entendida como

---

<sup>7</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *Os cristãos leigos na comunhão e missão da Igreja em Portugal* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1989), 20-21.

projeto dinâmico; (d) educar para a promoção de relações de alteridade; (e) educar para as escolhas livres e conscientes ante as diferentes situações da vida; (f) educar para o desenvolvimento e amadurecimento de gestos de afetividade, inclusivamente relacionados com a sexualidade; (g) educar para o exercício da cidadania com vistas à construção de uma sociedade mais justa, pacífica, humanizada e humanizadora; (h) educar para a compreensão do fenómeno religioso, a fim de interpretar a existência à luz da mensagem cristã.<sup>8</sup>

De acordo com Vilaça e Carmona, a disciplina de EMRC pode contribuir, de forma relevante, para formar e definir a personalidade dos alunos, desenvolvendo-lhes a confiança e a autonomia. Também os ajuda a serem pessoas mais empenhadas, sensíveis e preocupadas com o mundo em que vivem. Ancorada no projeto educativo do Agrupamento de Escolas da Damaia e na minha observação direta enquanto estagiária, a disciplina de EMRC distingue-se das outras porque consegue o necessário equilíbrio entre rigor e método, entre a exigência científica e a disciplinar, e a proximidade efetiva e vivencial com o aluno. A especificidade da EMRC está na maneira de educar através dos afetos, na qualidade da relação pedagógica de um professor que é também educador. Ao longo da PES, pude confirmar a afirmação de Vilaça e Carmona a respeito da nossa disciplina: a nossa disciplina ajuda a criar laços com os outros elementos da comunidade escolar e com os outros saberes disciplinares. O professor de EMRC deve, por isso, ser um construtor de pontes, e não de muros.<sup>9</sup>

Ao longo da PES, pude constatar o quão importante era a disciplina de EMRC para os alunos daquela escola do Agrupamento de Escolas da Damaia. Segundo Vilaça e Carmona, a disciplina de EMRC toca o interesse e a motivação das crianças e jovens que crescem na Escola, revelando-nos também como a disciplina toca o coração dos alunos e contribui para as suas tomadas de decisão futuras.

Contudo, considero ainda haver um longo caminho a percorrer, porque trabalhar numa escola com uma diversidade cultural enorme não é de todo fácil de gerir, mas, felizmente, o agrupamento está composto por profissionais conscientes do contexto social dos nossos alunos. Somente dessa forma, consegui enquanto docente chegar aos nossos alunos para dar-lhes cultura, capacitá-los em melhorar alguma coisa à sua volta, abrir-lhes o horizonte, de modo que a sua capacidade de compreender a mensagem cristã lhe ajude a viver de forma verdadeira, humana e solidária. Estou certa de que a presença da disciplina de EMRC no Agrupamento de Escolas da Damaia é muito significativa.

---

<sup>8</sup> Vilaça e Carmona, «Os contextos pedagógicos e educativos...», 94.

<sup>9</sup> Vilaça e Carmona, «Os contextos pedagógicos e educativos...», 94.

## CAPÍTULO I

### A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Existem diversas profissões em que o desafio se assume como uma constante em todo o processo laboral, marcando e impregnando de uma forma fundamental o agir quotidiano de quem o exerce, essa é, sem margem para quaisquer dúvidas, a profissão docente. Ser professor é, hoje e cada vez mais, assumir o desafio premente das mudanças com que nos deparamos e considerá-las como móveis mais do que presentes para o necessário aperfeiçoamento profissional que se nos impõe. Através desta perspetiva, encetei o estágio no Agrupamento de Escolas da Damaia no ano letivo 2019-2020, tentando sempre corresponder ao desafio de fazer mais e melhor, ou seja, dar mais de mim para a tarefa educativa como ideal sempre renovado que urge honrar.

Entretanto, a pandemia de covid-19 impactou a vida de todos. Assim como todas as esferas da vida em sociedade, sendo que o setor da educação também se viu forçado a alterações e adaptações repentinas no programa de ensino. O Agrupamento de Escolas da Damaia não foi exceção. Em consequência disso, vi-me também obrigada a ajustar o meu plano de estágio ante o imperativo de obedecer às restrições de circulação e de aproximação social com vistas a evitar a propagação do novo coronavírus e a proteger a vida de todos os cidadãos. Num plano mais pessoal, embora a repercutir as circunstâncias coletivas, as restrições impingidas pela situação pandémica exortaram-me a ponderar a minha missão enquanto docente, o que pode ser justificado com as palavras de Etienne Verhack:

A mudança implica um alargamento da perspetiva de vida, os desafios colocam-se claramente, os meios estão disponíveis e a vocação do docente fica purificada. Os aspetos negativos da nossa época colocam-nos mais uma vez, tanto como os positivos, a questão da nossa liberdade humana.<sup>10</sup>

Considero importante esta reflexão, principalmente neste tempo de confinamento em que os professores foram obrigados a criar estratégias adequadas e eficazes para o ensino-aprendizagem em condição remota.

---

<sup>10</sup> Etienne Verhack, «A missão dos educadores cristãos: caminhar como árvores», *Pastoral Catequética* 9, n.º 27 (2013): 98.

Não obstante, a interrupção da Prática de Ensino Supervisionada (PES), já na sua fase final, revelou-se um momento importante no percurso académico no âmbito do mestrado. Assinalo que a PES é crucial no processo de formação profissional de quem deseja ser professor, com o compromisso e a dedicação permanente de aprender a ser um educador reflexivo. O ensino é também uma arte baseada nas experiências dos professores e na sabedoria da prática.

Arends afirma que os professores deverão ser capazes de utilizar estratégias para desenvolver um pensamento crítico e para resolver problemas.<sup>11</sup> À vista disso, a PES supera a condição de componente curricular a cumprir para a conclusão de uma licenciatura ou de um mestrado, não sendo descabido dizer que a PES é um espaço em que o professor estagiário aprende a criar materiais didático-pedagógicos, planificar aulas, propor e promover atividades de intervenção e gerir o tempo a fim de alcançar objetivos. Por este motivo, a PES converte-se na passagem da teoria à prática, considerando a realidade onde se atua, com particular atenção à escola e à turma.

Ao longo da minha experiência enquanto professora estagiária, tive a preocupação de conhecer a turma que me foi atribuída, para escolher estratégias adequadas às necessidades de aprendizagem da turma e de cada aluno em particular. Para tanto, registo e valorizo alguns aspetos do núcleo de estágio, bem como a rica e indispensável contribuição da professora cooperante e colega de estágio. Para que isso se torne possível, é também indispensável conhecer a realidade em que a comunidade está inserida.

Neste capítulo, serão apresentados alguns aspetos relativos à experiência da PES, nomeadamente a caracterização da escola e da turma, bem como a avaliação global da PES. Por fim, apresento as planificações das aulas que foram lecionadas, o registo escrito da reflexão pessoal sobre cada aula e os diversos materiais pedagógicos produzidos, conforme a unidade letiva do sétimo ano e o programa de EMRC, “A Paz Universal”.

## **1. A ESCOLA, A TURMA E O SEU CONTEXTO**

Arends afirma que, para aprender a ensinar, a principal finalidade do ensino pretende ensinar competências académicas básicas, aumentar a autoestima dos alunos, preparar os alunos para a universidade, promover a compreensão global, preparar os alunos para o mundo do trabalho, transmitir a herança cultural e finalmente ajudar os alunos a tornarem-se

---

<sup>11</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 17.

independentes e disciplinados.<sup>12</sup> Arends defende ainda que a tarefa de ensinar os jovens é demasiado importante e complexa para ser deixada à mercê dos pais ou estruturas informais de tempos passados.<sup>13</sup> A sociedade moderna precisa de escolas dotadas de professores competentes para cuidarem das crianças enquanto os pais trabalham.

Estou certa de que as finalidades do ensino enumeradas por Arends coincidem com aquelas almejadas pelo Agrupamento de Escolas da Damaia, como podemos perceber quando apreciamos as seguintes palavras do patrono do Agrupamento:

Temos que ensinar muitas coisas e muito aos nossos alunos. Temos de os preparar para uma vida de rigor, de qualidade e de extrema complexidade. Quanto mais exigirmos deles, contando que seja com respeito, com o devido encorajamento e compreensão, mais eles se sentem queridos, desejados e entusiasmados pela aprendizagem. O melhor que lhes podemos dar é a preparação necessária para que eles, autónomos, empreendedores e ativos, possam estar aptos a lutar por alcançar uma vida de qualidade.<sup>14</sup>

A partir da análise do projeto educativo, é possível perceber que o Agrupamento de Escolas da Damaia — enquanto escola pública e parte dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIPE) — assume uma missão peculiar na vida dos alunos: promover nos nossos jovens a interiorização das regras fundamentais de convivência em comunidade, tendo como referência principal o desenvolvimento dos seguintes princípios e valores: respeito por si e pelos outros; desenvolvimento pessoal e social; e, finalmente, cooperação que culmina na capacidade de tornar uma comunidade educativa dinâmica, integrada e promotora de bem-estar e sucesso para todos. Neste sentido, o Agrupamento de Escolas da Damaia faz um trabalho notório, apesar de alguns obstáculos, como o pouco envolvimento dos encarregados de educação, o elevado número de famílias com relações conflituosas e as situações precárias a nível habitacional, económico e laboral dos agregados familiares.

Conforme consta no plano curricular e no projeto educativo, o Agrupamento de Escolas da Damaia situa-se no concelho da Amadora, que abrange as anteriores freguesias da

---

<sup>12</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 4.

<sup>13</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 4.

<sup>14</sup> A frase está escrita na parede da sala de professores da EB 2 3 Professor Pedro D’Orey da Cunha.

Damaia e da Buraca, que atualmente constituem a freguesia das Águas Livres.<sup>15</sup> A população escolar é constituída por crianças e jovens de origem portuguesa e imigrantes, oriundos predominantemente dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP), aos quais se têm juntado cidadãos provenientes do Brasil, de países da Europa de Leste e, recentemente, de países da Ásia, em particular da China.<sup>16</sup> Essa diversidade multicultural não passa despercebida aos olhos de quem trabalha ou faz estágio neste núcleo. Enquanto estagiária, constatei que os professores e toda a comunidade escolar estavam conscientes dessa realidade. Por isso, todo o trabalho desenvolvido contemplava seriamente esta diversidade. Neste sentido, Arends afirma que «o cerne do trabalho com a diversidade cultural reflete a capacidade do professor para interligar o mundo e as culturas dos seus alunos com o mundo da escola e da sala de aula. Sendo essencial encontrar formas de incluir a cultura dos alunos em todas as aulas e todas as atividades».<sup>17</sup>

Aproveito para fazer uma breve partilha relativamente à questão da diversidade cultural dos alunos, porque esta questão esteve muito presente na minha prática letiva. Senti que a minha presença enquanto professora negra foi muito importante para muitos alunos afrodescendentes, pelo facto de partilharmos a mesma cultura e entendermos as nossas linguagens e frustrações. Muitas vezes dizia à minha colega de estágio que me sentia em casa, sempre que entrava no Agrupamento de Escolas da Damaia. Confesso que, com frequência, falava crioulo com os alunos fora da sala de aula e via o brilho nos seus olhos, porque uma professora falava a língua que ouvem em casa. Embora muitos dos meus alunos tivessem nascido em Portugal e fossem portugueses, em casa falavam diariamente crioulo com os pais, que não sabiam falar português e com quem os meus alunos acabavam por aprender o crioulo. Talvez, como reflexo desse contexto familiar, alguns alunos demonstravam dificuldades com a língua portuguesa. Por isso, o entendimento da língua materna dos discentes favorecia a aproximação entre mim e eles.

O Agrupamento de Escolas da Damaia exerce um papel importante na vida dos nossos jovens. De acordo com a minha experiência na Escola Pedro D'Orey da Cunha, percebi que a escola estava muito atenta à diversidade. Sendo possível afirmar que os alunos se sentiam acolhidos por cada professor. Não é descabido dizer que o agrupamento e a escola em questão são uma casa acolhedora, onde cada aluno é valorizado, independentemente da sua condição

---

<sup>15</sup> Agrupamento de Escolas da Damaia, *Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Damaia 2018-2021* (Damaia: República Portuguesa, Agrupamento de Escolas da Damaia, 2019): 4. Consultado a 10 de maio de 2020, [https://www.aedamaia.pt/media/media/2018\\_2019/Direcao/Documentos/PE\\_AED\\_2018\\_2021.pdf](https://www.aedamaia.pt/media/media/2018_2019/Direcao/Documentos/PE_AED_2018_2021.pdf).

<sup>16</sup> Agrupamento de Escolas da Damaia, *Projeto Educativo do Agrupamento...*, 5.

<sup>17</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 67.

racial. Digo ainda, sem hesitar, que são instituição e estabelecimento de ensino inclusivos, conforme se verifica no seu projeto educativo.

O compromisso com a construção de uma escola inclusiva é um desígnio nacional e um desafio para o qual estamos todos convocados. Fiquei feliz e, ao mesmo tempo, confiante por saber que todo o trabalho realizado pelo Agrupamento de Escolas da Damaia envolve um projeto que pretende dar respostas a um conjunto de necessidades e desafios com que os professores se deparam no dia-a-dia. Exemplo disso é o projeto “A Turma de Acolhimento”, cujo objetivo é integrar alunos oriundos de países estrangeiros, respondendo à necessidade da sua inserção escolar e linguística.

Na reflexão sobre a diversidade cultural, de género, linguística e socioeconómica, Arends argumenta que um dos grandes desafios do ensino é compreender os alunos e a forma como estes aprendem em salas de aula diversificadas. É crucial utilizar uma linguagem apropriada quando discutimos a diversidade ou descrevemos as origens e as capacidades dos discentes.<sup>18</sup> À vista disso, quando no seu projeto educativo se manifesta a preocupação com um elevado número de alunos que não dominam a língua portuguesa, a missão do Agrupamento de Escolas da Damaia é proporcionar um desenvolvimento integral dos alunos, das crianças e dos jovens das suas escolas, através da criação de condições favoráveis não só na dimensão relativa ao desenvolvimento de competências para o sucesso, mas também na transmissão de conhecimentos e de experiências facilitadoras da sua integração adaptada e ativa na sociedade em mudança.

Na perspetiva de Arends,<sup>19</sup> num mundo diversificado e multicultural, os professores não têm outra escolha, senão criar salas de aulas recetivas e igualitárias. Para tanto, «os professores terão também de estar aptos a adaptar os currículos e a instrução de modo a torná-los mais adequados a alunos que podem considerar a escola excessivamente difícil ou irrelevante para as suas vidas».<sup>20</sup> Perante esta preocupação de Arends, atrevo-me a dizer que a disciplina de EMRC no Agrupamento de Escolas da Damaia é, sem dúvida, uma enorme ajuda para os discentes na construção da pessoa e do seu projeto de vida.

Neste sentido, Verhack recorre à palavra grega para explicar que “escola” significa “espaço livre”, protegido e seguro, onde é possível aprender aquilo de que se necessita para uma vida que tenha sentido.<sup>21</sup> O Agrupamento de Escolas da Damaia, possui uma cultura escolar muito própria. O seu ambiente escolar prioriza a relação humana. O primeiro dia de

---

<sup>18</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 40-1.

<sup>19</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 44.

<sup>20</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 11.

<sup>21</sup> Verhack, «A missão dos educadores cristãos...», 99.

estágio foi muito significativo pelo facto de sentir uma relação de proximidade entre professores, alunos, funcionários e direção. Isto é um dos princípios que importa destacar e que a professora cooperante salientou em particular. Ao longo da PES, foram refletidos alguns pontos importantes do projeto educativo.

De acordo com o projeto educativo do Agrupamento de Escolas da Damaia, o agrupamento tem como visão uma escola inclusiva e intercultural, onde os alunos construam o seu projeto de vida assente em valores humanistas, uma escola que respeite a diferença e promova as dimensões académica, humana, criativa e inovadora.<sup>22</sup> Neste sentido, recorro às ideias do professor Juan Ambrósio<sup>23</sup> para assinalar que, durante a experiência da PES, a minha missão era contribuir para o desenvolvimento humano harmonioso, autêntico e comprometido com o combate à pobreza, à exclusão social, às incompreensões, às guerras, às ações que desestabilizam a dignidade humana.

Um dos pontos que marcam muito este agrupamento no âmbito da disciplina de EMRC é o facto de proporcionar aos alunos uma formação integral e promover boas relações humanas. Em diálogo com a professora cooperante, apercebi-me que muitas das visitas de estudos eram realizadas no âmbito da disciplina de EMRC. A diversidade de visitas de estudos é um dos aspetos facilitadores no projeto educativo desse agrupamento escolar, bem como o clima que propicia boas relações interpessoais e dinâmicas de todo o agrupamento no apoio prestado às crianças e aos jovens, de igual modo às suas famílias.

Ao longo da PES, percebi que toda a comunidade escolar se preocupava muito com o bem-estar dos alunos. Com frequência, em colaboração com a disciplina de EMRC, os professores organizavam campanhas de solidariedade em prol dos alunos e das suas famílias. Esses são aspetos visíveis no Agrupamento de Escolas da Damaia e contribuem para justificar a presença da disciplina de EMRC. A este respeito, a Conferência Episcopal Portuguesa aponta que:

[a] EMRC interessa à Escola e, designadamente, à escola estatal. É lugar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, considerado como pessoa, na integridade das dimensões corporal e espiritual, e da abertura à transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a construir. Ao mesmo tempo, a EMRC é um alerta para referência a estas dimensões que as

---

<sup>22</sup> Agrupamento de Escolas da Damaia, *Projeto Educativo do Agrupamento...*, 7.

<sup>23</sup> Juan Ambrósio, «Finalidades, domínios de aprendizagem e metas curriculares: Programa de EMRC, edição 2014», *Pastoral Catequética* 10, n.º 31-32 (2005): 65.

outras disciplinas, as atividades da escola e o próprio projeto educativo são chamados, também, a contemplar.<sup>24</sup>

A disciplina de EMRC oferece um contributo positivo e significativo para o sucesso da missão educativa do Agrupamento de Escolas da Damaia. Diante de toda a ajuda prestada às famílias dos próprios alunos e ao meio social envolvente, importa dizer que a disciplina de EMRC faz um trabalho além da sala de aula.

Inspirada por Baptista, apraz-me dizer que um professor forma através dos próprios valores. Mais do que as suas palavras, será a sua postura ética o principal modelador de valores para os seus alunos. A sua presença imprime marcas indelévels nos corações daqueles com quem interage no seu espaço de atuação.

A Conferência Episcopal Portuguesa afirma que a educação é uma tarefa fundamental da sociedade. Dela dependem decisivamente o desenvolvimento harmonioso e integral das crianças, dos adolescentes e dos jovens e a qualidade do progresso da sociedade.<sup>25</sup> Na ótica dos bispos portugueses, a EMRC tem como grande finalidade «a formação global do aluno, que permite o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida».<sup>26</sup>

Elisa Urbano<sup>27</sup> refere que a disciplina de EMRC possui um espaço próprio na escola pública, quando integra o currículo nacional com caráter de disciplina obrigatória, mas de frequência facultativa. A religiosidade é uma dimensão fundamental da pessoa humana e compete ao Estado respeitar o direito dos pais de escolherem uma educação para os seus filhos de acordo com os seus próprios valores e convicções. A escola pública deve ter espaços de diferença, que promovam os direitos à liberdade e à igualdade, os quais deverão completar-se como fatores de coesão e integração.<sup>28</sup> Para Arends, as escolas de hoje precisam de professores com um repertório de estratégias de ensino eficazes, a fim de satisfazer as carências de cada criança.<sup>29</sup> Os alunos com dificuldades de aprendizagens ou com qualquer

---

<sup>24</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Educação Moral e Religiosa Católica, um valioso contributo para a formação da personalidade». Acedido a 31 de janeiro de 2020, a partir de <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>.

<sup>25</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Um valioso contributo...», 1.

<sup>26</sup> Tomaz Silva Nunes, «Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica», *Pastoral Catequética*, n.º 5 (2006): 78.

<sup>27</sup> Elisa Urbano, «A identidade do docente de Educação Moral e Religiosa Católica: redescobrir o sentido da obediência», *Pastoral Catequética* 8, n.º 23 (2012): 118.

<sup>28</sup> Guilherme D'Oliveira Martins, «O conhecimento do fenómeno religioso», *Pastoral Catequética*, n.º 5 (2006): 72.

<sup>29</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 10.

tipo de deficiência têm necessidades especiais que devem ser atendidas, para que alcancem um desempenho eficaz dentro e fora da escola.<sup>30</sup>

Neste sentido, um dos objetivos específicos contemplados no projeto educativo do Agrupamento de Escolas da Damaia vai de encontro ao proposto por Arends. Refiro-me, em particular, ao objetivo de promover a colaboração entre todos os intervenientes na adoção de medidas universais, seletivas e adicionais que respondam à diversidade das carências de todos e de cada um dos alunos. Para o professor Pedro D'Orey da Cunha, a escola é um lugar de encontro de diferenças, onde todos gostam de estar, aprender, ensinar, preparar-se para a vida, com esforço e alegria. Nas palavras de Urbano, o docente de EMRC deve ser um profissional preparado, conhecedor das competências, programas e manuais e, sobretudo, da realidade de cada aluno que lhe é confiado.<sup>31</sup> Uma das maiores ambições do Agrupamento de Escolas da Damaia é valorizar os docentes e não docentes, bem como envolver ativamente os encarregados de educação, parceiros e agentes locais, com o objetivo de construir uma verdadeira comunidade educativa, em que todos contribuam para a grande missão educacional.

Relativamente à caracterização da turma, é importante que cada professor conheça a sua turma, bem como a realidade dos seus alunos, em particular com os objetivos de acompanhá-los nos mais diversos campos do percurso escolar e de conhecer os seus anseios, interesses e vivência familiar. Com essas informações, torna-se mais fácil trabalhar e pôr em prática toda a ação pedagógica, contemplando as características próprias de cada aluno. Para a caracterização da turma, foi-me possível ler os documentos internos, facultados pela professora cooperante, tendo-me já comunicado com a diretora de turma. A caracterização da turma não foi baseada apenas nos dados fornecidos por documentos internos. Conquanto reconheça a importância de tais documentos, saliento que a minha observação direta também contribuiu para caracterizar a turma. A turma que me foi atribuída no núcleo de estágio era uma turma de 7.º Ano, constituída por 15 alunos inscritos na disciplina de EMRC, com idade compreendida entre 12 e 13 anos, numa média de 13 anos. A turma contava com um aluno com uma retenção no 7.º ano.

O comportamento dos alunos era satisfatório, o que contribui bastante para o bom funcionamento das aulas. Os alunos demonstravam interesse e disponibilidade para participar nas aulas, quando solicitados. No entanto, existiam dias em que estavam agitados, o que era

---

<sup>30</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 5.

<sup>31</sup> Urbano, «A identidade do docente...», 118.

normal para a faixa etária e a fase adolescente. Ainda assim, a agitação dos alunos não se prolongava durante a aula.

Desde o início, notei que os alunos não apreciavam as aulas com recurso ao *PowerPoint*, não porque as ferramentas digitais não despertassem o seu interesse. O grande fator de tal desinteresse era a condição da sala de aula, que não era adequada para fazer uma apresentação em suporte digital, pelo facto de a luminosidade da sala ser demasiado clara. Por esse motivo, adotei estratégias que não comprometessem a motivação e a participação discentes.

A turma acolheu muito bem as propostas didático-pedagógicas. Os alunos frequentavam as aulas não por imposição dos encarregados de educação, mas, sim, por vontade própria, atraídos pelas dinâmicas desenvolvidas no âmbito da disciplina de EMRC. Quanto à apreensão dos conteúdos, a maioria dos alunos não revelava dificuldades na compreensão e na aquisição de conhecimentos, nem apresentava dificuldades na escrita e oralidade, salvo aqueles com algumas dificuldades mais acentuadas. Apenas dois alunos desta turma apresentavam necessidades educativas especiais. Sendo que na sua maioria, os alunos eram filhos de famílias muito simples, cuja formação académica se situava entre a básica e a secundária, situação que, ao meu ver, não influenciava o rendimento escolar da turma, muito menos o seu comportamento.

## **2. AVALIAÇÃO GLOBAL DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA**

Na perspetiva de Arends,<sup>32</sup> os professores estagiários devem ser competentes na gestão da sala de aula e capazes de colaborar eficazmente com os pais e os restantes membros da comunidade escolar, demonstrando competências, conhecimento necessário e proficiência aceitável. Desse modo, enquanto estagiária, sinto-me privilegiada pelo facto de estar inserida no núcleo de estágio e ser acompanhada por uma professora cooperante. Estou segura de que a PES é um dos momentos indispensáveis no percurso de qualquer professor; neste caso, o de EMRC.

A PES ajudou-me a praticar o conjunto de aprendizagens adquiridas ao longo do tempo e a colocá-las ao serviço dos alunos que me foram confiados no estágio. A realidade da instituição de ensino, considerando o seu projeto educativo, não obstante a realidade de cada aluno, enriqueceu a minha experiência. Não poderia estar mais confiante da minha missão

---

<sup>32</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 16.

enquanto estagiária e aprendiz neste caminho imenso e desafiante, que é a educação. A PES persuadiu-me a refletir sobre a minha prática educativa, bem como a minha missão enquanto docente de EMRC.

Por outro lado, confesso que tenho vindo a refletir bastante sobre o desafio do ensino para o século XXI. Confrontei-me várias vezes com a minha fragilidade enquanto docente. No entanto, sinto-me enriquecida por estagiar no núcleo de estágio do Agrupamento de Escolas da Damaia, tendo em conta o seu público-alvo tão diversificado. Acredito que é na diversidade e complexidade do contato entre os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem que está a beleza do ensino, pois vivemos numa sociedade multicultural, que traz consigo a exigência do ensino. Daí, os professores do século XXI têm de dominar diversas bases de conhecimentos académicos, pedagógicos, sociais e culturais, e tornarem-se professores reflexivos e capazes de solucionar problemas.

Não obstante os desafios enfrentados ao longo da PES e no decorrer de uma pandemia, a minha experiência no núcleo de estágio foi uma constante aprendizagem, ampliando a minha perceção em relação à educação e ao processo de ensino-aprendizagem. Segundo Arends, os professores devem: ajudar os alunos a identificarem padrões de significado onde outros consideram apenas confusão; promover a criatividade genuína dos alunos; trabalhar em grupo para decidir a melhor forma de desempenhar tarefas.<sup>33</sup> Não é descabido dizer que, ao longo da PES, estas questões foram trabalhadas e postas em prática. Por este motivo, na planificação das aulas, procurei adotar um modelo construtivista do conhecimento.

O meu maior objetivo passou por fazer com que os alunos assimilassem os conteúdos e os aplicassem na sua vida quotidiana. Por isto, ao longo da preparação das aulas, tentava escolher estratégias adequadas, com o intuito de levar os alunos a construírem um pensamento crítico e colaborativo, colocando-os na posição de sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento. Não quero com isto dizer que a exposição docente seja igual ou superior ao espaço dado à reflexão e à discussão dos conteúdos em sala de aula.

À vista disso, cada material pedagógico deve ser alvo de reflexão a fim de analisar se o material eleito pelo professor pode ajudar os alunos a atingirem os objetivos propostos pelo programa. No caso específico da PES, Arends adverte os professores estagiários para que expliquem por que razão elegem determinada estratégia de ensino para abordar determinado conteúdo.<sup>34</sup> Enquanto docentes, não podemos negligenciar essa recomendação, já que um dos

---

<sup>33</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 15.

<sup>34</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 16.

aspectos fundamentais da nossa ação educativa está relacionado com o conjunto de tarefas de preparação dos momentos de ensino-aprendizagem.

A PES veio clarificar o meu amor pelo ensino, não obstante o meu olhar ante uma escola multicultural, que exige de cada agente educacional uma atenção especial. Diante desse imperativo, Verhack alerta para o seguinte:

Cada criança é única na sua dignidade. Não é condenada. Não é insultada. Afasta-se da escola qualquer espécie de racismo. Leva-se a criança pela mão no lugar em que se encontra, com os seus talentos e com os seus defeitos, para a ajudar a fazer desabrochar a sua personalidade, para se tornar mais livre ao serviço dos outros. É também por essa razão que o educador católico considera que a criança é ela própria agente da sua formação e da sua educação. O educador é aquele que gera, que faz descobrir os seus talentos, os seus defeitos, a sua liberdade, que lhe propõe pistas de vida que proporcionam sentido.<sup>35</sup>

De facto, a PES exortou-me a olhar para essas questões de uma forma muito particular, a saber, na condição de docente de EMRC. Segundo a Conferência Episcopal Portuguesa, é esperado que o professor de EMRC revele jeito e gesto pela missão educativa, a capacidade de relação e de integração escolar, o equilíbrio e a maturidade humana, o testemunho de uma vida cristã coerente e comprometida eclesialmente, a disposição para assumir as orientações diocesanas e nacionais neste domínio do ensino.<sup>36</sup> Importa referenciar o Decreto-Lei 240/2001, que apresenta quatro dimensões a que os professores devem dar respostas: a dimensão profissional, social e ética; a dimensão do desenvolvimento do ensino e da aprendizagem; a dimensão da participação na escola e de relação com a comunidade; e a dimensão do desenvolvimento profissional.<sup>37</sup>

Perante o que prescreve o Decreto-Lei 240/2001, entende-se que o professor de EMRC tenha um perfil específico. No Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica, Dom Tomaz da Silva Nunes<sup>38</sup> dá a conhecer que tal perfil engloba «personalidade humana, docente e crente». No que se refere à personalidade humana, o docente de EMRC deve possuir

---

<sup>35</sup> Verhack, «A missão dos educadores cristãos...», 104.

<sup>36</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Um valioso contributo...», 6.

<sup>37</sup> Decreto-Lei 240/2001, de 30 de agosto do Ministério da Educação. *Diário da República*, 1.ª Série, n.º 201 (2001). Acedido a 11 de junho de 2020, a partir de <https://dre.pt/application/conteudo/631837>.

<sup>38</sup> Tomaz da Silva Nunes, «O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica», *Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: SNEC, 2015), 81.

equilíbrio e maturidade humana, uma das condições indispensáveis para estabelecer uma relação educativa propícia à amizade, ao diálogo, à confiança e à abertura indispensável para que os alunos coloquem «profundas interrogações de sentido para a vida». O professor de EMRC, deve ainda demonstrar facilidade em estabelecer relações interpessoais, sensibilidade à problemática sociocultural, abertura de espírito universal e postura cívica e ética.

Relativamente a este perfil, sinto que cresci imenso em todos os aspetos, embora me considere uma pessoa bastante consciente das minhas escolhas e das minhas ações em determinadas situações. O facto de há uns anos ter feito um curso sobre a personalidade ajudou-me a conhecer-me melhor em todos os aspetos. Por isso, sinto que, ao longo do meu percurso enquanto docente, tenho sempre presente toda a aprendizagem sobre inteligência emocional, que, de certa maneira, enriqueceu bastante a minha forma de estar e de relacionar-me com os outros, o que promove o progresso e evolução contínuo no desenvolver da atividade profissional, enquanto docente.

No que diz respeito à personalidade docente, o professor de EMRC deve assumir-se com uma vocação própria, e não por razões meramente profissionais. É indispensável que possua aptidão científica e profissional especializada. Não basta a formação inicial. Sendo necessário o esforço de aquisição de formação permanente, a qual, na atualidade, se alarga a um vasto leque de conhecimentos que capacitam para a prática de interdisciplinaridade e o desenvolvimento das competências dos alunos. Durante a PES, aprofundei os meus conhecimentos através do estudo, da prática e da reflexão. O percurso não foi fácil devido aos momentos de confronto com o meu conhecimento e à minha sede de aprofundar cada vez mais as várias áreas temáticas. Para ser professor hoje, não basta ser próximo dos alunos, pois o profissional deve ser dotado de capacidades de modo a ajudar os alunos que lhe sejam confiados.

Um ensino eficaz requer muito mais do que simpatia e carinho para com as crianças.<sup>39</sup> Os professores eficazes, revelam uma disposição pessoal para a reflexão e a resolução de problemas, considerando a aprendizagem como um processo ao longo da vida, diagnosticando situações, adaptando e utilizando os seus conhecimentos e competências profissionais para favorecer a aprendizagem discente e melhorar as escolas.<sup>40</sup> Assim, este representa um dos grandes desafios e, ao longo da PES, no qual pude aprofundar e tentar colocar em prática todas essas questões, que considero muito importantes para o percurso de qualquer professor que almeje aperfeiçoar a sua prática docente.

---

<sup>39</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 20.

<sup>40</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 19.

Finalmente, quanto à personalidade crente, o professor de EMRC é um crente em Jesus Cristo, comprometido na comunidade cristã que o envia. Deve procurar a coerência entre as verdades que transmite e a integridade do seu testemunho de vida.<sup>41</sup> No decorrer deste percurso, procurei ser fiel à minha missão, enquanto professora católica e ante todas as exigências que isso implica. No entanto, tentei ser sinal de esperança através da minha presença, comprometida com a educação, nos mais pequenos gestos de carinho, de respeito, de aceitação e de alento pelos alunos que me foram confiados.

Durante a PES, confrontei-me com todas as componentes de personalidade que D. Tomaz da Silva Nunes destaca como indispensáveis a qualquer professor de EMRC. Adicionalmente, procurei estar sempre atenta a cada aluno e tive sempre o cuidado de preparar as aulas, tendo em conta as características da turma e o contexto em que a PES se inseria. Essa atenção é fundamental para realizar um trabalho melhor, que vai além da sala de aula. Sublinho que, de acordo com a relação pedagógica estabelecida com os alunos, procurei criar um ambiente harmonioso, de modo que os alunos se sentissem acolhidos. Desta forma, considero que a proximidade entre docentes e discentes, representa um ponto crucial para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Destaco também a cooperação estabelecida entre os alunos, o que facilitou muito a realização do trabalho. Não poderia deixar de enfatizar a grande oportunidade que a PES me proporcionou ao longo deste ano tão atípico, devido à pandemia de covid-19, que alterou a nossa maneira de chegar aos alunos e que interferiu na continuidade da PES. Não obstante, importa referir que toda a formação recebida através dos seminários enriqueceu muito o meu percurso.

A frequência no seminário anual e as aulas ministradas pela professora Cristina Sá Carvalho e pelo professor Juan Ambrósio constituíram-se, sem dúvida, em um rico contributo para a minha formação contínua. Sinto que consegui evoluir bastante neste processo de aprendizagem, crescimento e capacitação docente. Ainda assim, não deixo de exprimir a minha angústia pelo facto de não ver cumprida todas as minhas expectativas relativamente à PES, conquanto me tenha convencido de que:

[u]m educador é uma árvore que anda. Oferece sombra a uma comunidade de crianças. Renova-se sem cessar nos seus ramos e nas suas folhas para poder comunicar à criança a coragem de ser, para poder comunicar a sua energia de vida. Isso significa que se situa sempre ao lado dos jovens que se movimentam. Não pode deter-se ou deixar-se enferrujar sempre no mesmo

---

<sup>41</sup> Nunes, «O perfil do docente...», 87.

lugar. O seu passo é o de um companheiro de caminhada. Esta árvore alimenta-se de seiva interior. Não pode deixar de sobreviver a mais do que uma estação. E, finalmente, o educador enraíza-se tão bem no céu como na terra. Tem raízes na sua disciplina, nos seus conhecimentos, na realidade da vida dos jovens, mas também, e talvez mais, no céu! Porque cada criança é um dom de Deus. Que o educador não esqueça nunca que deve agradecer a Deus com os braços erguidos bem alto! Essa abertura dos ramos e das raízes é o símbolo da hospitalidade à qual somos chamados.<sup>42</sup>

Como Verhack consegue tão bem colocar em palavras, é impressionante aquilo que, enquanto estagiária no núcleo da PES, tentei tornar realidade à medida que preparava as minhas aulas, bem como na escolha adequada das estratégias didático-pedagógicas. Se toda a vida cristã é chamada a “medida desmedida”, acredito que a do professor não será tão diferente. Como tal, Verhack afirma que «educar é permitir a cada um(a) encontrar o seu caminho em direção à sua própria autenticidade, na relação pessoal e na comunidade viva».<sup>43</sup> Inspirada em Verhack, importa dizer que os educadores já concretizam tal proposta através da hospitalidade aberta e desmedida na relação com os alunos, o que nos possibilita fazer o caminho com os jovens, aprender com eles e com cada nova situação que se nos apresenta. No meu caso, asseguro que a PES me proporcionou essa experiência.

Relativamente à competência pedagógica e didática, a PES ajudou-me a ler e analisar os domínios de aprendizagem presentes no programa. Este aponta para:

[as] áreas de ensino que a disciplina compreende e que agregam logicamente os padrões curriculares daquilo que o aluno deve conhecer (campos de conhecimento, conteúdo) e do que o aluno deve saber fazer (processos ou competências); determinam-se a partir das suas Finalidades e do estatuto epistemológico da Teologia e das Ciências da Religião.<sup>44</sup>

Importa dizer que nessa unidade letiva estão presentes os três domínios de aprendizagem da disciplina de EMRC, tornando essa UL equilibrada e bastante completa. Em relação ao domínio da “religião e experiência religiosa”, está presente a meta D, a saber, promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração

---

<sup>42</sup> Verhack, «A missão dos educadores cristãos...», 106.

<sup>43</sup> Verhack, «A missão dos educadores cristãos...», 107.

<sup>44</sup> Programa de EMRC, 8.

entre os povos. Assim, os objetivos propostos pretendem que o aluno seja capaz de identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano. Esta meta está pouco presente nos 1.º e 2.º ciclos. Contudo, aparece no 3.º ciclo, no 7.º e no 8.º. Entretanto, no ensino secundário está pouco presente, aparecendo apenas na UL 4 e na UL 5.

No domínio da “cultura cristã e visão cristã da vida”, estão presentes a meta E, «identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo», e a meta L, «estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé», a fim de identificar a paz como elemento essencial da identidade cristã em textos bíblicos. Para a meta L, o objetivo passa por reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos. Estou certa de que os conteúdos propostos para ambas as metas são adequados e permitem os alunos a terem consciência de que a paz é um direito e deriva da igual dignidade de todas as pessoas. Estas metas estão presentes ao longo do ciclo, mas com maior relevância no ensino secundário.

No tocante ao domínio da “ética e moral”, estão presentes três metas: N, O e Q. A meta N consiste em «promover o bem comum e o cuidado do outro». O objetivo proposto consiste em reconhecer soluções fundamentais para situações de conflitos de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa. Quanto à meta O, «amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo». O objetivo proposto consiste em interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais concernentes à falência da paz. Finalmente, a meta Q indica «reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana». O objetivo proposto para a meta Q destaca a paz como valor orientador do sentido da realidade humana.

Os conteúdos indicados para essas metas foram fundamentais no cumprimento dos objetivos. Refleti com os alunos episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz. Foi muito importante estabelecer esse diálogo com os alunos. Apercebi-me que estes não consideravam a paz um problema urgente pelo facto de não haver conflitos com trocas de tiros e bombas atómicas. Logo, senti que era urgente arranjar estratégias adequadas para melhor compreender os conteúdos. Ante essa preocupação, convidei os alunos a refletir sobre a falência da paz nos diferentes contextos sociais, como escola, turma, família e bairro. A partir daí, os alunos poderiam compreender que a paz seria essencial para a construção de um mundo melhor, mas, para isso, cada um deveria contribuir para a sua promoção comum.

A reflexão sobre o diálogo, o perdão e a reconciliação é uma solução fundamental para situações de conflito. Foi oportuno esse debate em sala de aula. Nesta situação, os alunos conseguiram alcançar os objetivos propostos pelo programa, contribuindo positivamente para o seu percurso de ensino-aprendizagem. Por outro lado, foi possível constatar este progresso

através da participação constante dos alunos e nas realizações dos pequenos trabalhos de grupos e individual. Estes indicadores ajudaram-me a perceber se os alunos assimilaram os conteúdos conforme os objetivos propostos pelo programa.

Após uma reflexão mais aprofundada do programa, importa dizer que a realização da planificação da unidade letiva de referência não foi de todo difícil. Não quero com isto dizer que não foi trabalhoso e desafiante. Estou certa de que a realização de uma planificação é sempre trabalhosa, uma vez que conseguir encontrar linguagem e estratégia adequadas para os alunos é realmente exigente. É importante cativar e envolver os alunos. O fruto desse entusiasmo depende muito da estratégia adotada ou, melhor dizendo, da forma como planificamos. A planificação determina bastante o processo de aula. Daí a responsabilidade perante o meu compromisso com a missão de educar os alunos que me são confiados.

Não basta planificar com rigor, preparar atempadamente cada lição ou saber escolher o material adequado. É necessário ser capaz de ir ao encontro da pessoa de cada aluno. É também importante conhecer a realidade de cada aluno, os seus desejos, medos, sonhos, estabelecendo um elo de cumplicidade entre o professor e os alunos em função de um único desejo, a educação. Por fim, importa dizer que o meu desempenho enquanto docente, tendo em conta o perfil do docente de EMRC que D. Tomaz Nunes descreve, foi refletido e trabalhado ao longo do meu percurso e acredito continuar a seguir as linhas orientadoras para ser cada vez melhor nesta minha missão.

### **3. UNIDADE LETIVA 4 DO 7.º ANO: “A PAZ UNIVERSAL”**

#### **3.1. Análise e pertinência da Unidade Letiva**

A Unidade Letiva (UL) 4, “A paz universal”, do 7.º ano é, sem dúvida, uma unidade primordial no percurso dos alunos. Estou certa de que esta UL ajuda os alunos a ter um olhar crítico sobre a realidade, bem como as mais variadas situações de violência marcada pelo egoísmo e pelo poder. Abordar a temática da paz com os alunos é extremamente importante, porque ajuda-os a refletir o sentido mais profundo da paz e, principalmente, perceber que a paz não significa ausência de conflito. Esta UL é uma oportunidade de mostrar aos alunos que é possível construir a paz em pequenas comunidades, como escola, casa e grupo de amigos. Esta UL ajuda os alunos a observarem a história da humanidade e consciencializarem-se dos momentos em que a paz cedeu lugar ao conflito, reconhecendo as razões para que isso

acontecisse, percebendo as origens e descobrindo oportunidades perdidas que poderiam ter sido geridas de modo a evitar conflitos.

As metas curriculares propostas para a UL do 7.º Ano baseiam-se em três domínios: religiões e experiência religiosa; cultura cristã e visão cristã da vida; ética e moral. O programa de EMRC evidencia o contributo cristão para a visão da paz, apresentando acontecimentos históricos importantes para os alunos compreenderem e reconhecerem todo o trabalho que se tem feito em prol da paz: a luta contra o Apartheid por Nelson Mandela; a criação do Dia Mundial da Paz; a Declaração sobre o Direito dos Povos à Paz, da Assembleia Geral das Nações Unidas; a criação da ONU; o exemplo de Mahatma Gandhi na resolução de conflitos através do pacifismo; a Declaração dos Direitos Humanos; a criação da União Europeia; a Criação da Amnistia Internacional; a criação do Alto Comissariado da Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR); a criação do Tribunal Internacional dos Direitos do Homem; a Comissão Nacional de Justiça e Paz; a criação do Prémio Nobel da Paz.

A UL 4 apresenta esses acontecimentos de forma que os alunos compreendam a paz como algo possível, embora exigente, pois depende do empenho e da colaboração de todos. Posso afirmar que a UL 4 está bem estruturada e que não lhe escapa nenhuma questão. Numa observação mais global sobre o programa, o tema da paz está presente nos vários ciclos de ensino básico e no secundário.

Esta UL pretende ajudar o aluno no desenvolvimento da sua pessoa que se traduza no amadurecimento e responsabilização perante si próprio e perante a comunidade e o mundo. No entanto, esse desenvolvimento da pessoa humana deve ser vivido tendo em conta a paz como um valor universal, que inclui todos os outros valores. Destacam-se ainda nesta UL alguns textos bíblicos como a lei do amor (Mateus 5, 38-46) e a lei de talião (Levítico 24, 17-21). Estou certa de que o contato com o texto bíblico leva o aluno a perceber qual a proposta que aí é apresentado quando em situação de conflito. Os alunos serão confrontados com o desafio de passar do princípio do “olho por olho, dente por dente” para o do amor ao próximo e do amor ao inimigo, princípio este protagonizado por Jesus.

A UL 4 propõe-se a aprofundar o tema a partir de cinco objetivos: refletir e valorizar a paz como valor orientador do sentido da realidade humana; interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz; reconhecer o direito à paz como universal e tributário da igual dignidade de todos os seres humanos; reconhecer soluções fundamentais para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da pessoa;

identificar a paz como elemento essencial da identidade cristã a partir dos textos bíblicos.<sup>45</sup> Estes objetivos desdobram-se em conteúdos que conduzem à compreensão da importância da paz no mundo e ao reconhecimento dos perigos à nossa volta, provocando situações de conflito e de rutura.

Os conteúdos apresentados pelo programa da disciplina de EMRC foram trabalhados parcialmente, devido ao plano de emergência que infelizmente veio dificultar toda a nossa ação, principalmente no cumprimento do programa. No entanto, foi possível abordar em sala de aula os conteúdos que considero essenciais para consciencializar os alunos na promoção da paz e do seu contributo na construção do bem comum. Neste sentido, Fernando Moita diz que a EMRC, enquanto espaço de liberdade criadora, «proporciona ao adolescente e ao jovem um espaço e um tempo de descoberta e de exercício da mútua compreensão, cooperação e entreajuda, lançando o desafio para a participação na construção de uma sociedade livre, justa e solidária».<sup>46</sup> Assim, esta disciplina promove traços fundamentais no perfil do aluno para o século XXI, compreendendo: a questão da liberdade, da autonomia e da tomada de consciência de si próprio, do mundo que o rodeia e da relação entre ambos; a valorização do respeito pela dignidade humana, pelo exercício da cidadania plena, pela solidariedade para com os outros, pela diversidade cultural e pelo debate democrático; e a rejeição de todas as formas de discriminação e de exclusão social.<sup>47</sup>

### **3.2. Interesse pedagógico**

Ao longo da UL 4, procurei que os alunos assumissem um compromisso com a paz, tendo por base o diálogo. Neste sentido, o venerável Papa João Paulo II marca as suas mensagens para o Dia Mundial da Paz, afirmando que o diálogo é um instrumento sublime para realizar a civilização do amor e da paz e que é urgente propor novamente o caminho do diálogo a um mundo atribulado por demasiados conflitos e violências, por vezes incapaz de perscrutar os horizontes da esperança e da paz.<sup>48</sup>

---

<sup>45</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 82.

<sup>46</sup> Fernando Moita, «A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual», *Pastoral Catequética* 9, n.º 26 (2013): 61.

<sup>47</sup> Ministério da Educação/Direção Geral da Educação, «Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória», Despacho n.º 9311/2016, de 21 de junho. Ministério da Educação/Direção Geral da Educação, Lisboa (2007): 15. Acedido a 18 de março de 2021, a partir de <https://www.dge.mec.pt/noticias/perfil-dos-alunos-saida-da-escolaridade-obrigatoria>.

<sup>48</sup> João Paulo II, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz: “Diálogo entre las culturas para uma civilização do amor e da paz”», n.º 10 (1.º de janeiro de 2001).

Esta UL, por um lado, tem essa preocupação. Basta analisar o primeiro objetivo do programa da disciplina de EMRC: valorizar a paz como valor orientador do sentido da realidade humana. Por este motivo, considero esta UL essencial para a construção do diálogo e da tolerância nos dias que correm. Por isto, procurei que os alunos refletissem sobre as várias situações de ausência da paz, nomeadamente na família, na escola e no bairro, de modo que cada aluno se sentisse responsável e consciente da importância do seu contributo pessoal nas mais variadas situações de ausência da paz, sendo este um dos objetivos das aulas. O programa da disciplina de EMRC salienta no seu segundo objetivo a preocupação de «interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz». É urgente ajudar os alunos a amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo, tal como vem descrito na meta O do programa.

Segundo Fernando Moita, toda a educação assenta na formação do sujeito, ajudando-o a estruturar a sua personalidade e a agir responsabilmente.<sup>49</sup> A educação deve transmitir aos alunos a consciência da urgência da paz, bem como o facto de proporcionar pontos de referência que lhes permitam definir a sua colocação pessoal no mundo. Do mesmo modo, deve empenhar-se no ensino do respeito pelas outras culturas. É preciso estender o olhar para além da experiência individual imediata e aceitar as diferenças, descobrindo a riqueza da história dos outros e dos seus valores. Os alunos devem estar atentos a um conjunto de atitudes que ameaçam a paz, principalmente o egoísmo, um obstáculo para a construção da paz.

Estou certa de que a educação se apresenta como uma tarefa complexa, desafiada pelas rápidas mudanças sociais, económicas e culturais. Daí, a nossa maior preocupação e urgência em educar os nossos jovens com o objetivo de despertá-los para a vivência e a promoção da paz perante uma sociedade em mudança. De acordo com Fernando Moita, a escola tem, entre outras, a missão de ajudar a criança e o jovem a desenvolver-se plena e harmoniosamente e a integrar-se na sociedade de forma a intervir ativa e conscientemente na construção do seu futuro pessoal e coletivo.<sup>50</sup>

Por esse motivo, considero importante partir da educação de hoje, para a promoção da paz, sem esquecer que a paz é um dom de Deus e, simultaneamente, um desejo profundo do ser humano, como tão bem vem no manual. É de extrema importância que esta seja potenciada pela educação. Assim, é fundamental perceber em que medida a educação contribui para promover a paz, uma vez que educa para a diferença e potencia a

---

<sup>49</sup> Moita, «A missão do professor de EMRC...», 62.

<sup>50</sup> Moita, «A missão do professor de EMRC...», 54.

multiculturalidade, a globalização e a crescente mobilidade. Educar para o diálogo consiste em uma das estratégias indispensáveis para a paz. Educar para a tolerância e para o respeito visa a liberdade no seu verdadeiro sentido. Assim, a escola e a família podem ser meios eficazes de potenciar a tolerância.

A educação não acontece no vazio, sucede em algo concreto, como as instituições, e, na UL 4, consideram-se as contribuições das várias instituições, como a Igreja católica, a fim de assistir os discentes no entendimento do papel das instituições na promoção da paz. Além da Igreja, o Estado também é órgão indispensável na organização do bem comum e tem um papel relevante na educação para a paz. Esta UL desafia, de forma positiva, a contribuição de cada um na construção da paz para o bem comum, tal como vem descrita na meta N, a saber, «promover o bem comum e o cuidado do outro».

### **3.3. Aprendizagem enquanto docente**

Ao longo desta UL, ponderei como apresentar a temática da paz aos alunos e quais metodologias utilizar para despertar neles a urgência da paz, considerando a responsabilidade coletiva na construção da paz, bem como reconhecer soluções fundamentais para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa, conforme o quarto objetivo do programa da disciplina de EMRC. Ao longo da preparação das aulas, procurei não me distanciar do programa, dando maior atenção às metas e aos objetivos propostos.

Assim, propus-me o seguinte: reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana; amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo; estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé; promover o bem comum e o cuidado do outro; identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo; promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos. Além dessas metas, o programa propõe ainda seis objetivos a atingir, a saber: valorizar a paz como elemento orientador da realidade humana; interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz; aceitar o direito à paz como universal e tributário da igual dignidade de todos os seres humanos; reconhecer soluções de conflito de valores com base no reconhecimento da pessoa; identificar a paz como elemento essencial de identidade cristã a partir de textos bíblicos; compreender o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano.

Saliento que todas as metas e objetivos da UL 4 foram importantes para a formação discente, não obstante a sua capacidade de refletir sobre os conteúdos propostos por esta UL com base nas estratégias adotadas. De acordo com o Bispo D. António Francisco dos Santos, o programa tem como meta última a configuração de cada homem e mulher que são os nossos alunos como humanos integrais, pois, na medida em que o forem, estarão a caminhar para a configuração total com o mestre.<sup>51</sup> Neste sentido, Papa Francisco sublinha: «Quando o homem pensa que, afastando-se de Deus, encontrar-se-á a si mesmo, a sua existência fracassada».<sup>52</sup>

Na preparação desta UL e em várias ocasiões de cada aula, procurei privilegiar momentos de reflexão e de partilha, a fim de envolver os alunos em toda a dinâmica da aula. Os conteúdos da UL mereciam uma especial atenção na sua abordagem de modo que os alunos se sentissem integrados na construção da paz. Como refere Arends, a aprendizagem não consiste nos alunos sentados, passivamente recebendo informação do professor, mas em alunos ativamente envolvidos em experiências relevantes, com oportunidades de diálogos com vistas ao desenvolvimento e à construção de significados.<sup>53</sup>

Durante a PES, tentei promover estes ideais, abrindo espaços de reflexão para os alunos, promovendo-os enquanto agentes ativos da sua aprendizagem. A temática da paz represente, sem dúvida, um desafio e um caminho longo a percorrer. Durante a lecionação desta UL, tentei que os alunos refletissem o quão importante era o valor da paz para a vida individual e coletiva, encarando a paz como um dever e como um direito. Para isso, importa dizer que o conteúdo desta UL contribuiu de forma positiva para o ensino e aprendizagem dos alunos, embora não tenha sido possível lecionar todas as aulas decorrente da pandemia de covid-19. Porém, estou certa de que os conteúdos lecionados geraram momentos de aprendizagem e de reflexão para os alunos.

#### **4. A LECIONAÇÃO DA UL: PLANIFICAÇÃO DE NÍVEL IV E REFLEXÃO SOBRE AS AULAS**

A realização de cada planificação considerou a caracterização da turma e constituiu um momento de muita aprendizagem, não obstante alguns desafios sentidos ao longo do

---

<sup>51</sup> António Francisco dos Santos, «As metas curriculares de EMRC no contexto da educação cristã», *Pastoral catequética* 10, n.º 28 (2014): 171.

<sup>52</sup> Francisco, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 19 (29 de junho de 2013).

<sup>53</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 12.

processo. Confesso que muitos sentimentos me invadiram. Apresento, em seguida, a planificação de nível IV de cada aula, bem como a reflexão crítica sobre a sua lecionação.

#### **4.1. Aula 1:** A paz, o grande sonho da humanidade: “o testemunho de Nelson Mandela”

Nesta aula, de acordo com o programa da disciplina de EMRC, tinha-se como meta reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana e como objetivo atingir a valorização da paz como valor orientador do sentido da realidade humana. Relativamente aos conteúdos, foram trabalhados: a paz, o grande sonho da humanidade; a paz enquanto apelo ao bem; a paz como plenitude da vida e realização plena da pessoa; a paz como atitude e dever. Partindo das metas, dos objetivos e dos conteúdos, defini estratégias que ajudassem os alunos a compreender a paz como valor universal.

Antes da entrada dos alunos para a sala de aula, coloquei algumas pegadas no chão com a frase: “A paz”. Optei por colocar esta palavra à porta de entrada da sala de aula com o intuito de dar a conhecer aos alunos a temática da aula. Considero que o tema da paz não é fácil de abordar, já que, muitas vezes, a paz é apresentada como um conceito abrangente. Por isso, tentei que a aula fosse apenas uma pequena introdução, principalmente para levar os alunos a entenderem a paz como desejo profundo do ser humano. A aula iniciou-se com a transcrição do sumário por uma aluna: “A paz, o grande sonho da humanidade: Nelson Mandela”. De seguida, dei boas-vindas à turma e apresentei-lhe os professores orientadores da PES, Cristina Sá Carvalho e Juan Ambrósio, que assistiram à aula.

**Aprendizagens essenciais:** Identificar a paz como condição essencial para a convivência humana (CD).

ANO: 7ª D	UNIDADE LETIVA: 4		A PAZ	Aula n.º 1	Lição n.º 17	Data: 28/01/2020	
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias		50'	Recursos	Avaliação Formativa
<b>Q.</b> Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	<b>1.</b> Valorizar a paz como valor orientador do sentido da realidade humana.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A paz, o grande sonho da humanidade;</li> <li>- A paz enquanto apelo ao bem;</li> <li>- A paz como plenitude da vida e realização plena da pessoa;</li> <li>- A paz como atitude e dever.</li> </ul>	<b>Motivação:</b> à porta da sala, no chão, encontra-se a palavra paz e algumas pedadas. Cada aluno irá receber uma mensagem de paz.		15'	Cartão com mensagem ( <i>Anexo 1</i> )	Pontualidade
			<b>Sumário</b> escrito por um aluno.		5'	Quadro e Giz	Verificar se o aluno escreveu o sumário para o caderno diário.
			<b>Fotografia interativa:</b> Apresentar da unidade com a pessoa de Nelson Mandela. Leitura em voz alta do texto, p. 120 do MA.		10'	Fotografia de Nelson Mandela ( <i>Anexo 2</i> ) Manual do aluno	Interesse Comportamento
			<b>Diálogo interativo</b> com os alunos sobre o conceito e experiência de paz e a paz enquanto anseio profundo da pessoa., <b>Entrega do portefólio da UL 4.</b>		15'	Bandeiras de alguns países. ( <i>Anexo 2</i> )  Portefólio ( <i>Anexo 3</i> )	Empenho
			Observação coletiva dos símbolos da paz: pomba, bandeira, anéis olímpicos; vela; cachimbo; arco-íris - a paz de Jesus. Explicação dos símbolos: leitura em voz alta do texto, pp. 122-123 do MA.		10'	<u>Papel de cenário</u> no quadro  Símbolos da paz ( <i>Anexo 4</i> )	Participação
			<b>Trabalho individual:</b> Tarefa 2 do MA para consolidação dos conteúdos da aula e para a elaboração de uma proposta de síntese.		5'	Tarefa 2 do MA, p. 125.	

**Quadro 1.** Planificação da aula 1.

**Síntese:** a paz é um desejo profundo da pessoa e um valor universal e evangélico que dignifica todas as pessoas. O material pedagógico encontra-se em Anexo 1-5.

Esta aula foi o início de uma nova UL, “A paz universal”. Por isso, considerei importante apresentar a unidade com a pessoa de Nelson Mandela. Optei ainda por iniciar esta unidade com a figura de Nelson Mandela, a quem foi atribuído o Prémio Nobel da Paz, por lutar pela igualdade de direitos dos povos de forma pacífica. Mandela fez da sua vida um combate pela paz e ajudou aqueles que o rodeavam à consciência de uma cultura de paz.

A estratégia utilizada para motivar os alunos foi através de uma fotografia interativa posta debaixo de um aluno, com o objetivo de incentivá-lo à descoberta da imagem e do pequeno texto do manual do aluno. O texto, entretanto, foi lido em voz alta pelo mesmo aluno. Depois da leitura, expliquei aos alunos que Nelson Mandela foi um ativista social a procurar caminhos para promover a paz e a inclusão social. Posto isto, fiz referência ao Dia Mundial da Paz (1.º de janeiro) e às várias iniciativas da escola em prol da paz, como o cordão da paz, que envolve toda comunidade educativa. Referi-me ao São João XXIII, que escreveu uma encíclica sobre a paz, e expliquei o significado de encíclica e o porquê de a mensagem da paz efetivar-se apenas no dia 1.º de janeiro.

Em seguida, abordámos a temática referente à paz como um desejo e um sonho da humanidade representado nas literaturas, nas músicas, entre outras artes. Reforcei ainda que a paz é tão importante, que todo o ser humano fala sobre ela, cada um na sua língua. Considero importante refletir com os alunos o verdadeiro sentido da paz e ajudá-los a compreender que a construção da paz começa na experiência do quotidiano e na família, o espaço onde os valores são ensinados.

A paz é um valor universal e exige o compromisso de todos. Seguidamente, afixei no quadro um grande papel de cenário com alguns símbolos da paz produzidos ao longo do tempo. Para aprofundar cada símbolo, pedi a alguns alunos para ler no manual do aluno o significado de cada símbolo. Com base nos símbolos da paz, esclareci que a paz não era algo que se adquiria logo à primeira, mas que estava em permanente construção, refletindo uma conquista, um compromisso e um modo de vida que exigia a satisfação das expectativas legítimas de todos, como acesso à alimentação, à água, à energia, à medicina e à tecnologia. Aproveitei ainda para mencionar a Cáritas e uma das suas muitas iniciativas, concretamente, a venda das velas no Natal, cujo dinheiro foi para os mais desfavorecidos. Para consolidar os conteúdos abordados e para elaborar uma proposta de síntese, propus a atividade 2 da página 125 do manual. Após esta tarefa, convidei os alunos para partilharem a sua produção e, depois, formulámos uma síntese final.

Após a lecionação desta aula, considero que deveria explorar mais a paz de Jesus, no sentido de dar-lhes cultura, abrindo os seus horizontes, através da redação no quadro, com as

ideias dos alunos, de forma a partilhar cultura com os nossos alunos ou, melhor dizendo, dar-lhes horizontes; explorar mais os conflitos do dia-a-dia, tendo em conta os contextos da vida dos discentes; apostar em uma ecologia integral.

#### **4.2. Aula 2:** Situações de ausência de paz no nosso mundo: “construção de mural”

Nesta aula, o objetivo passou por interpretar criticamente os episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz. A meta de aprendizagem foi a “O”, a saber, amadurecer a responsabilidade discente perante a pessoa, a comunidade e o mundo. Iniciámos com a transcrição do sumário e uma breve revisão da aula anterior. Depois, afixei no quadro uma cartolina com a palavra “egoísmo” e, à sua volta, as suas consequências: ganância, desejo de poder, agressividade, injustiça, indiferença, genocídio, conflitos, violência e insegurança. Explorámos ainda quais os significados de cada palavra, onde os alunos partilharam situações concretas associadas aos vocábulos para que, de modo crítico, refletissem sobre a falência da paz.

Este é um dos grandes desafios para a educação do século XXI. Recordo aqui o perfil do docente cristão, definido por Bento XVI, ao referir-se à educação como tarefa urgente para uma verdadeira mudança na sociedade, ao referir a proximidade e confiança que nascem do amor, na certeza de que todo autêntico educador sabe que, para educar, é preciso dar algo de si mesmo. Somente assim um educador pode ajudar os seus alunos a superarem o egoísmo.<sup>54</sup>

Através do recurso ao suporte visual, desenvolvi com os alunos o facto do egoísmo ser uma atitude que ameaça a paz, e que, quando falham os pilares desta, ou seja, igualdade, respeito, justiça e liberdade, a paz encontra-se em risco. O conceito de cada pilar foi também explorado, para que entendessem o seu papel na construção da paz. Neste sentido, disponibilizei para cada aluno cartões com imagens de violência — genocídio, terrorismo, drama dos refugiados, demolição das casas no Bairro 6 de Maio, soldados, vítimas de violência, crianças, idosos, em casa ou na escola.

---

<sup>54</sup> Urbano, «A identidade do docente...», 120.

**Aprendizagens essenciais:** discutir situações reais de falência da paz (Geo, Hist, P, TIC).

ANO: 7ª D	UNIDADE LETIVA: 4		A PAZ	Aula n.º 2	Lição n.º 18	Data: 11/02/2020	
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias		50'	Recursos	Avaliação Formativa
<b>O.</b> Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	<b>2.</b> Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionadas com a falência da paz.	A falência da paz: - o egoísmo (palavras e atitudes que ameaçam a paz); - a rotura das relações interpessoais e das relações entre Estados, povos, etnias, culturas; - o genocídio: causas e consequências; - a utilização de crianças e jovens na guerra; - a guerra: causas e consequências; - a absolutização da economia como único valor político.	Acolhimento, registo do sumário e revisão da aula anterior.		8'	Quadro Caderno diário	Pontualidade; Verificar se os alunos escreveram o sumário para o caderno diário;
			<b>Exposição oral da professora e alunos com recursos a suporte visuais:</b> - Causas da guerra, principalmente, o <u>egoísmo</u> como origem de todos os conflitos: ganância, agressividade, desejo de poder, violência, medo, injustiça, intolerância, insegurança, terrorismo - Pilares da paz: igualdade, respeito, justiça e liberdade.		15'	Cartolinas	Participação
			<b>Diálogo interativo com recurso a suporte visual:</b> entregar a cada aluno cartões com imagens sobre: violência na escola, crianças- soldado, genocídio, idosas vítimas de violência, terrorismo, drama dos refugiados, demolição das casas no Bairro 6 de Maio.		10'	Cartões (Anexo 5)	Interesse Cumprimento de regras
			<b>Dinâmica de reflexão:</b> reflexão em grupo a partir da pergunta: Quando é que há situações de conflito e de agressão na escola; na turma; na família; no bairro e no mundo,		15'	Papel de cenário Canetas Bostik Mural (Anexo 6)	Interajuda Empenho Respeito pelos colegas
			<b>Síntese da aula</b>		2'		

**Quadro 2.** Planificação da aula 2.

**Síntese:** somos responsáveis uns pelos outros na construção da paz.  
O material pedagógico encontra-se em anexo 6-7.

Ao observarem a imagem da demolição das casas, os alunos identificaram o acontecimento do Bairro 6 de Maio, que outrora fora completamente demolido. Quando selecionei a imagem, pressupunha que a situação tivesse sido experienciada por familiares dos alunos, porque muitos habitavam no Bairro 6 de Maio, onde se confrontavam diariamente com alguma falência da paz. Porém, percebi que os alunos não tomavam esses eventos como tal. Para eles, a falência só acontecia onde havia guerras com suporte de armas e bombas nucleares.

Para João Lourenço, a disciplina de EMRC pode assumir uma dimensão profética, de interpelação, desafio e abertura ao futuro, contribuindo para tornar os sujeitos da educação em agentes ativos e dinâmicos numa sociedade cada vez menos empenhada na construção do seu próprio futuro.<sup>55</sup> Logo, a minha responsabilidade docente era fazê-los entender que, pelo facto de viverem num país com segurança, não se podia cair no erro de que a paz seria ausência da guerra, já que existiam outras formas de falência da paz na sociedade portuguesa.

Nesta aula, analisámos as causas da guerra. Alguns textos do manual discente serviram de base para esta reflexão. A leitura dos alunos em voz alta foi uma estratégia para melhor compreender o conteúdo e para estimular o diálogo e a capacidade reflexiva sobre o assunto, com base na partilha das ideias principais dos textos. Quanto à leitura em voz alta, houve grande motivação e participação da turma, mas dois alunos se mostravam bastante agitados, correndo o risco de a aula não correr como planeada. Interrompi a tarefa por uns minutos, para perceber o motivo daquele comportamento e acalmá-los. A agitação originou-se no intervalo e, infelizmente, despoletou na sala, exigindo da minha parte uma maior atenção aos alunos em causa. Depois de acalmá-los, prossegui, mas sempre atenta aos dois, procurando envolvê-los nas atividades. Nesta aula era suposto construir o mural após a reflexão sobre as formas de violência. Contudo, não foi possível fazê-lo, porque tinha colocado muitos conteúdos para uma aula que merecia mais tempo de reflexão. Avaliei, então, que o conteúdo selecionado poderia ser trabalhado em duas aulas. Considerando a situação, para a aula seguinte deixei a construção do mural e ainda a análise de alguns conteúdos que merecíamos aprofundar. Considero que, nesta aula, os alunos estiveram muito agitados, o que dificultou o cumprimento da planificação. Contudo, importa referir que as estratégias utilizadas foram adequadas.

---

<sup>55</sup> João Lourenço, «Dimensão profética da EMRC. A Escola, o Docente, o Educando. sinais proféticos da EMRC», *Pastoral Catequética* 10, n.º 31/32 (2015): 121.

### 4.3. Aula 3: Conclusão da aula anterior: “construção do mural”

Nesta aula, o objetivo passou por interpretar criticamente os episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz. A meta de aprendizagem foi amadurecer a responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.

No início da aula, coloquei uma música de fundo e fiz o acolhimento dos alunos, para proporcionar um ambiente harmonioso e calmo através da música. Optei por mudar a disposição física da sala, porque, na semana anterior, observei que os alunos sentados ao lado da janela rapidamente se distraíam com o barulho de quem brincava no campo. Antes de a aula começar, fui à sala do 7.º D afastar as cadeiras das paredes e agrupar as mesas, até porque naquela aula iríamos trabalhar em grupo. A mudança das mesas não causou confusão aos alunos, pois tive o cuidado de colocar os nomes dos grupos em cima de cada mesa, de modo que, quando os alunos entrassem na sala, saberiam onde sentar. Essa estratégia foi bastante positiva. Se Arends observasse essa mudança física, ficaria de facto satisfeito, porque o autor defende que os professores devem também pensar na disposição física das suas salas de aula e fazer as alterações necessárias para facilitar a acessibilidade de todos os alunos.<sup>56</sup> Importa dizer que esta estratégia foi, sem dúvida, uma mais-valia, pois os alunos estiveram mais calmos em relação à semana anterior.

Depois do acolhimento, pedi aos alunos para colarem no portefólio o autocolante que tinha o sumário, para ganhar mais tempo. Eles deliciaram-se com o autocolante. Dialogámos sobre as ideias importantes que retiveram sobre situações de ausência da paz. Em seguida à introdução, que serviu de ligação com a aula anterior, solicitei que olhassem para as imagens que previamente posicionei em cima das suas secretárias. As imagens representavam formas de violência, com alguns atentados à paz ou situações de ausência de paz.

Um tipo de violência que mais se vive atualmente é a violência doméstica. Desta forma, apresentei aos alunos a seguinte notícia: «Uma mulher de 80 anos foi esta segunda-feira assassinada pelo marido, de 84 anos, em Pedroso, concelho de Vila Nova de Gaia, disse à Lusa fonte da GNR. De acordo com a fonte, o homem terá usado uma arma branca para desferir seis golpes na vítima».

---

<sup>56</sup> Arends, *Aprender a ensinar*, 55.

**Aprendizagens essenciais:** discutir situações reais de falência da paz (Geo, Hist, P, TIC).

ANO: 7º D	UNIDADE LETIVA: 4		A PAZ	Aula n.º 3	Lição n.º 20	Data: 03/03/2020
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	50'	Recursos	Avaliação
<b>O.</b> Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo	<b>2.</b> Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionadas com a falência da paz.	A falência da paz:  - Formas de violência: violência doméstica, bullying,  - Situações de conflitos e de agressão em diferentes contextos sociais; a rutura das relações interpessoais e das relações entre os povos, etnias; a violência: a ilusão de uma solução para os problemas.	Acolhimento com uma música de fundo: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=3fVF49dOXtw">https://www.youtube.com/watch?v=3fVF49dOXtw</a>  Autocolante com sumário para colar no portefólio	8'	Computador e retroprojektor Autocolantes ( <i>Anexo 8</i> )	Pontualidade Comportamento
			<b>Diálogo interativo com recurso a suporte visual:</b> Apresentação de casos de ausência da paz: violência doméstica e bullying.	10'	Em cima da secretária de cada grupo, dentro de uma caixa encontram-se imagens e notícias recentes dos casos de violência: o caso mediático de uma criança de 9 anos que pediu para morrer depois de ser alvo de bullying na escola ( <i>Anexo 9</i> ).	Conhecimentos Participação Interesse
			<b>Dinâmica de reflexão:</b> reflexão em grupo a partir da pergunta: Quando é que há situações de conflito e de agressão na escola? na turma? na família? no bairro e no mundo? Cada grupo receberá Imagens com espaço para escrever a sua reflexão. <b>Construção de mural: Partilha da reflexão e afixação das respostas no mural.</b>	30'	Papel de cenário canetas Bostik Mural ( <i>Anexo 11</i> ) Imagens de situações de conflitos em diferentes contextos sociais ( <i>Anexo 12</i> )	Interajuda Respeito pelos colegas Empenho
			Síntese: somos responsáveis uns pelos outros na construção da paz.	2'	Portefólio	Autonomia

**Quadro 3.** Planificação da aula 3.

O material pedagógico encontra-se nos Anexos 8-11.

Com esse tipo de violência relacionei o *bullying* na escola, explicando o seu significado e as possíveis consequências. Observámos um caso que viralizou nas redes sociais, sobre uma criança paciente de nanismo que foi alvo de *bullying* pelos colegas da escola. A criança pediu uma corda à mãe para matar-se. Escolhi explorar essas notícias não somente para sensibilizar a turma diante dos respetivos casos, mas também para desafiá-la a refletir sobre as principais razões para a paz não prevalecer.

No seguimento, analisámos mais casos de conflito e agressão em diferentes contextos: na escola, na turma, na família, no bairro e no mundo. Entreguei a cada grupo uma caixa com imagens correspondentes a conflitos e agressões, para refletir sobre as referidas situações e, depois, construir o mural com as reflexões da turma. A minha intenção era estimular o diálogo e a capacidade reflexiva dos alunos sobre as situações do nosso mundo atual. Neste sentido, afirma o Papa Bento XVI:

A paz, porém, não é apenas dom a ser recebido, mas obra a ser construída. Para sermos verdadeiramente artífices de paz, devemos educar-nos para a compaixão, a solidariedade, a colaboração, a fraternidade, ser activos dentro da comunidade e solícitos em despertar as consciências para as questões nacionais e internacionais e para a importância de procurar adequadas modalidades de redistribuição da riqueza, de promoção do crescimento, de cooperação para o desenvolvimento e de resolução dos conflitos.<sup>57</sup>

Uma maneira de ajudar os alunos a construírem a paz é a resolução de conflito. Esta é uma das dimensões que o docente de EMRC é desafiado a trabalhar nas suas aulas, conforme propõe o quarto objetivo do programa da disciplina: «reconhecer soluções fundamentais para situações de conflitos de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa». Logo, a estratégia das imagens foi eficaz para promover a reflexão sobre situações de ausência de paz no quotidiano. Quanto à construção do mural, os alunos trabalharam positivamente em grupo, através da reflexão e da escrita coletiva.

A professora Aida não esteve presente na aula devido a uma reunião de carácter urgente, tendo a direção autorizado que a aula fosse lecionada pelas estagiárias, ficando a cooperante contactável. Segundo esta, a planificação favorecia uma boa aula. Por fim, ao meu ver, a aula correu bem, os alunos partilharam exemplos de situações de ausência de paz e

---

<sup>57</sup> Bento XVI, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz: “Educar os jovens para a justiça e para a paz”», n.º 5 (2012).

analisaram-nos, e os recursos utilizados contribuíram para a turma refletir sobre os variados casos de violência.

#### **4.4. Aula 4: O direito à paz: “palavras cruzadas”**

Nesta aula, o objetivo passou por reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos. A meta de aprendizagem foi a “L”, ou seja, estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.

Após o acolhimento, realizei uma breve revisão da aula anterior. Cada aluno recebeu um cartão com palavras cruzadas, acompanhado do texto da página 134 do manual discente, com o propósito de descobrir as oito atitudes que conduziam à falência da paz. Enquanto os alunos trabalhavam individualmente, fui acompanhando a realização da tarefa. Pretendia estimular o diálogo e a capacidade reflexiva discente sobre as atitudes da falência da paz. Depois de todos encontrarem as oito atitudes, refletimos sobre cada uma delas. O debate deu-se com base nas vivências diárias de cada um, o que estimulou a participação ativa de todos.

Após esse primeiro momento, apresentei os quatro pilares da paz. Para a exploração da temática, pelo que decidi perguntar aos alunos qual seria o significado de “pilar”. As suas respostas foram assertivas. Alguns disseram que pilar era como se fosse suporte. Outros explicaram que era a base que sustentava algo para não cair. Outros utilizaram figuras familiares para responder à pergunta, dizendo que a mãe era o pilar da sua vida. Partindo das respostas dos alunos, os quatro pilares da paz foram escritos em cartolinas enroladas em forma de tubo. Este recurso permitiu que os alunos apreendessem as ideias fundamentais.

O diálogo e a participação dirigida resultaram em intervenções enriquecedoras e permitiram confirmar a necessidade de apostar num modelo de ensino centrado no aluno. O programa de EMRC propõe duas estratégias basilares na formação discente: a aprendizagem cooperativa e a educação pelo serviço. A aprendizagem cooperativa é fundamental para promover relações interpessoais e aprendizagem do trabalho em conjunto e para aumentar a autoestima e a tolerância.

**Aprendizagens essenciais:** discutir situações reais de falência da paz (Geo, Hist, P, TIC).

ANO: 7.º D	UNIDADE LETIVA 4 A PAZ		Aula n.º 4 Lição n.º 21		Data:10/03/2020	
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚50'	Recursos	Avaliação
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	3. Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.	<p>- As ameaças à paz e o direito internacional (dando ênfase a palavra egoísmo)</p> <p>- Atitudes promotores de paz</p> <p>- O desarmamento</p> <p>A resistência não violenta e o pacifismo: Mahatma Gandhi (breve testemunho, principalmente o seu percurso e contributo na conquista da paz e independência da Índia)</p> <p>Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial da Paz, 2020</p>	Os alunos receberam autocolantes com o sumário para colarem no portefólio	5'	Autocolante	Pontualidade
			<b>Palavras cruzadas – leitura:</b> cada aluno recebe um cartão acompanhado do texto que está no MA, pag 134, com o objetivo de descobrir as oito atitudes que conduzem à falência da paz, que será explorado através de imagens e leituras previamente dadas pela professora.	20'	Cartão e texto da p. 134 do MA (Anexo 13)	Comportamento Conhecimentos
			<b>Exposição oral da professora e alunos com Recursos a suporte visuais:</b> - Pilares da paz: igualdade, respeito, justiça e liberdade	8'	Cartolinas (Anexo 14)	Interesse
			<b>Diálogo com recurso e suporte visual:</b> distribuir pelos alunos as principais frases de Mahatma Gandhi, que depois de partilhada será colada à volta da imagem de Mahatma Gandhi que se encontra no centro de uma cartolina afixada no quadro.	12'	Imagem do Mahatma Gandhi no centro de uma cartolina e a volta algumas frases do mesmo. (Anexo 15)	Participação ordenada Empenho
			<b>Leitura em silêncio:</b> Após a leitura do excerto da mensagem do Papa, os alunos escrevem num cartão uma palavra que os acompanharão durante a semana.	5'	Cartão e excerto da mensagem do Papa (Anexo 16)	Autonomia

**Quadro 4.** Planificação da aula 4.

**Síntese:** é urgente sermos mais responsáveis uns pelos outros, no respeito pela paz e pelos direitos de todos. O material pedagógico encontra-se nos Anexos 12-15.

De acordo com o programa de EMRC:

[a]tendendo à natureza religiosa e ético-moral dos conteúdos e das Metas que estes concretizam, desde a etapa inicial de construção desta disciplina se tem considerado que a lecionação cumpre melhor os objetivos propostos quando se apoia em modelos de ensino centrados nos alunos, já que, através destes, se pode agir para melhorar o desempenho escolar, desenvolver as competências sociais e a capacidade de agir em cooperação com o outro.<sup>58</sup>

Esta foi uma das aulas de que os alunos mais gostaram e em que se envolveram bastante. Os materiais pedagógicos foram adequados e ajudaram-nos a fazer uma reflexão mais consciente sobre o valor da paz. Contudo, reconheço que, apesar do não cumprimento da planificação, os objetivos foram atingidos e os alunos conseguiram assimilar os conteúdos de forma prática. A estratégia foi bem pensada, pois ajudou-os a perceber melhor a noção de pilar.

## **5. REFLEXÃO DA PLANIFICAÇÃO DAS AULAS NÃO LECIONADAS DEVIDO À COVID-19**

- ✓ Aula 5 — Sumário: A promoção e defesa da paz: “construção da tenda da paz na escola”.
- ✓ Aula 6 — Sumário: Mensagens bíblicas sobre a paz: “caça ao tesouro.”
- ✓ Aula 7 — Sumário: O desafio e a responsabilidade de cada um na construção da paz: “regra de ouro”.

Em consequência das restrições de contacto social ante a pandemia de covid-19, não me foi possível lecionar as aulas 5, 6 e 7, ainda que já as tivesse previamente planeadas e os materiais didáticos para cada uma delas selecionados. Para mim, foi muito constrangedor não poder realizá-las, porque já tinha tudo planeado, principalmente o impacto que causariam nos alunos e na própria comunidade escolar.

---

<sup>58</sup> Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 157.

**Aprendizagens essenciais:** identificar atitudes e instituições para a promoção da paz no mundo (TIC, CD).

ANO: 7.º D	UNIDADE LETIVA: 4 A PAZ		Aula n.º 5	Lição n.º 22	Data: 17/03/2020	
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	50'	Recursos	Avaliação
N. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	4. Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A importância do diálogo que conduz à paz;</li> <li>- Importância do perdão que leva à reconciliação.</li> <li>- As instituições promotoras da paz no mundo e em Portugal (Igreja Católica, ONU, união Europeia, ACNUR, Amnistia)</li> <li>- Laureados com o prémio Nobel da paz</li> <li>- Oração do S. Francisco: Senhor quero ser um instrumento da vossa paz</li> </ul>	<b>Workshops:</b> (A Paz em Ação)	50'	Tenda	Pontualidade Interesse Participação Comportamento Empenho
			Música do John Lennon para ambientar a tenta, com o objetivo de atrair mais alunos para a nossa tenda da paz.		Coluna e telemóvel	
			- <b>O jogo</b> das laranjas Texto “O carpinteiro”		Duas mesas	
			Cada aluno escolhe duas instituições de promoção da paz e identifica a sua atuação/ sua principal missão.		Tinta guache	
			- <b>Exposição</b> dos laureados com o Premio Nobel da paz de 1976-2017.		Imagens dos laureados com o Nobel da Paz	
			-Alguns alunos ficarão responsáveis por apresentar a principal mensagem dos Nobel da paz		Imagens e símbolos de organizações promotoras da paz	
			- <b>“Provocação”:</b> E tu! O que podes fazer para promover a paz na tua escola? - <b>Mural:</b> Os alunos deixarão a sua marca no papel de Cenário (mural) com uma mão pintada com guache e a seguir escrevem uma mensagem de compromisso com a construção da paz.		Mural ( <i>Anexo 17</i> )	

**Quadro 5.** Planificação da aula 5.

**Proposta de síntese:** a solução para as situações de conflito exige o reconhecimento da dignidade da pessoa e de compreender a urgência de promover o bem comum e o cuidado do outro.

O material pedagógico encontra-se nos Anexos 16-18.

**Aprendizagens essenciais:** valorizar a paz como elemento essencial da identidade cristã.

ANO: 7.º D	UNIDADE LETIVA: 4	A PAZ	Aula n.º 6	Lição n.º 23	Data: 24/03/2020	
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚50'	Recursos	Avaliação
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	5. Identificar a paz como elemento essencial da identidade cristã a partir de textos bíblicos.	<p>- A lei de Talião, Lv 24,17-21</p> <p>- A grande novidade trazida por Jesus Cristo: O amor aos inimigos: Mt 5, 43-48; O perdão: Mt 18, 21-22; O sermão da Montanha: Mt 5, 1-12;</p>	Acolhimento e sumário	8'	Quadro e Giz	Pontualidade
			<p><b>Dinâmica de grupo:</b> Antes dos alunos partirem para a caça ao tesouro Go, a professora entrega a cada grupo pistas que servem de orientação para encontrar o tesouro. Cada grupo, recebe uma caixa para irem colocando as bolas do Pokémon encontradas ao longo da caça ao tesouro. Dentro de cada bola de Pokémon encontra-se uma citação bíblica. Depois de encontradas todas as bolas de Pokémon, cada grupo deve encontrar a arca do tesouro que será o objetivo da caça ao tesouro Go. Depois de encontrada a arca do tesouro cada grupo dirige-se a sala de aula, onde será feita a hermenêutica dos textos religiosos com a ajuda da professora.</p>	25'	<p>Pistas para encontrar o tesouro e caixa para colocar as bolas do Pokémon (Anexo 22)</p> <p>Bolas do Pokémon com citações bíblicas (Anexo 23)</p> <p>Arca do Tesouro (Anexo 24)</p>	<p>Conhecimentos Interajuda Empenho Comportamento</p>
			<p><b>Aprendizagem cooperativa:</b> cada grupo lê em voz alta uma mensagem bíblica que depois de lida será feita a hermenêutica de cada texto bíblico lido pelos alunos.</p>	15'	Fotocópia das mensagens Bíblicas sobre a paz. (Anexo 25)	<p>Empenho na leitura e interpretação do texto Participação</p>
			Síntese: cada aluno recebe uma mensagem bíblica sobre a paz para colar no portefólio.	2'	Portefólio	Responsabilidade

**Quadro 6.** Planificação da aula 6.

**Proposta de síntese:** a paz é o elemento essencial da identidade cristã e fundamenta-se no amor e no perdão.

**Aprendizagens essenciais:** mobilizar os princípios do diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e colaboração entre os povos (Hist, CD) / (Geog). Assumir atitudes responsáveis pela construção da paz.

ANO: 7.º D	UNIDADE LETIVA: 4 A PAZ		Aula n.º 7	Lição n.º 24	Data: 31/03/2020	
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚50'	Recursos	Avaliação
D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.	6. Identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano.	A regra de ouro, transversal aos vários credos: - «Não magoem os outros com aquilo que vos magoa a vocês». (Budismo) - «Nenhum de vós é um crente até que deseje a seu irmão aquilo que deseja para si mesma» (Maomé-Islamismo) - «Não façam aos outros aquilo que não queres que os outros te façam a ti». (Judaísmo) - «O que quiseres que os outros vos façam, fazei-lho vós também» (Cristianismo: Lc6,31) - Contributo que os cidadãos podem dar para a construção da paz.	Autocolante com sumário para colar no portefólio	8'	Autocolante (Anexo 18)	Pontualidade
			<b>Dinâmica de reflexão:</b> entregar a cada grupo uma cópia com algumas regras de ouro, transversal aos vários credos para encontrar as semelhanças. Depois de encontradas as semelhanças, a professora afixa no quadro tiras de cartolinas com as seguintes religiões: Budismo, Islamismo, judaísmo e cristianismo (Lc 6,31). Entretanto, pede a cada grupo para escolher uma das regras de ouro e fazer corresponder a uma das religiões.	25'	Fotocópias com as regras de ouro (Anexo 19)  Tiras de cartolinas (Anexo 20)	Conhecimentos Comportamento Interesse Interajuda
			<b>Reflexão pessoal:</b> Desafiar aos alunos a escrever num cartão o seu contributo na construção da paz. Depois de terminada a tarefa proposta a professora desafia a cada aluno a partilhar com a turma o seu contributo, que depois será pendurado com uma mola de roupa num quadro com linha de lã ao centro, formando uma teia.	15'	Quadro com linha de lã ao centro (Anexo 21)	Participação Empenho

**Quadro 7.** Planificação da aula 7.

**Proposta de síntese:** as religiões têm um papel muito importante na construção da paz. Por isso, é necessário promover o diálogo inter-religioso como suporte de colaboração entre os povos.

## 5.1. Reflexão sobre a planificação da aula 5

Para a aula 5 procurei fazer a construção da tenda da paz na escola, com os objetivos de sensibilizar os alunos para a importância da paz e de interpelar a comunidade educativa para a promoção da paz no ambiente escolar, uma vez que no seu projeto educativo está patente a questão da paz. Quando pensei nesta planificação, senti que a sua realização iria proporcionar aos alunos um momento rico de partilha. Importa referir que, depois de ouvir a professora Cristina Sá Carvalho sobre a *Pedagogia do Serviço* (PS), fiquei entusiasmada e curiosa em saber se esta metodologia ofereceria benefícios que justificassem a sua implementação. Embora consciente da impossibilidade de executar esta atividade na escola, desafiei-me a propô-la como PS. Mas, antes disto, senti a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a PS, as suas principais características, os seus benefícios e as suas etapas. Quero deixar bem claro que não pretendo aprofundar exaustivamente esta temática, até porque o meu objetivo é deixar pistas de reflexão para um futuro projeto que venha a ter como objetivo a PS.

A implementação da PS é um desafio para o educador, de quem se exige mais do que a simples transmissão de conteúdos.

A aprendizagem através da resolução de problemas favorece o desenvolvimentos e competências de pesquisa e de resolução de problemas, os comportamentos e competências sociais associados a papéis de adulto e as competências de aprendizagem autónoma e independente. No âmbito de resolução de problemas podemos destacar a educação pelo serviço, que desenvolve um amplo conjunto de competências intelectuais, sociais e sociopolíticas ao envolver os alunos em atividades de voluntariado e serviço ao próximo. Trata-se de uma forma de educação experiencial que tem por objetivo enriquecer a aprendizagem dos alunos, tanto do ponto de vista das referidas competências sociais, morais, ou outras, como da aplicação de determinados conteúdos curriculares, tanto de índole humanística como, até, científica.

A diferença crítica da educação pelo serviço é que esta colca a ênfase tanto na aprendizagem que o aluno faz diretamente, como na aprendizagem do que significa responder às necessidades da comunidade que, de outra maneira, estariam omissas da vida da escola. E como os alunos trabalham com problemas reais, a aprendizagem torna-se mais relevante e, simultaneamente

ensina, aprofunda e treina competências sociais, a capacidade analítica, a responsabilidade ética e cívica, a auto-eficácia, providenciando, ainda, experiências que podem ser cruciais para a estruturação de uma identidade vocacional. Grande parte da sua riqueza advém da necessidade de os alunos participarem no desenvolvimento dos seus próprios objetivos de aprendizagem e de confrontarem com vida real, num modo de encarar o ensino e aprendizagem que desafia eficazmente as suas assunções e o pensamento crítico.<sup>59</sup>

Importa ainda dizer que a PS oferece muitas possibilidades de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, contemplando os conteúdos programáticos das diversas disciplinas, respeitando os seus objetivos e metas, com vista ao alcance de resultados de aprendizagem sólidos e transformadores. É neste sentido que Sá Carvalho<sup>60</sup> oferece aos docentes das mais variadas disciplinas — aos docentes de EMRC, em particular — e às escolas dos diversos níveis de ensino alguns instrumentos de reflexão e de trabalho que possam motivá-los a ensaiar projetos de lecionação que usem a PS como estrutura pedagógica. Nas escolas de todo o país, há muito, devido ao compromisso, à bondade e à criatividade dos docentes, ensaiam-se estratégias e projetos que se aproximam da PS e, mais geralmente, da aplicação pontual ou extensiva das pedagogias cooperativas. Apesar desse esforço, essas não são as escolhas dominantes na hora de planificar.

Entretanto, o mundo parece caminhar para uma conflitualidade crescente, a marginalização de milhões de pessoas, a radicalização política e religiosa, a indiferença com que se tratam as periferias, para a miséria deixada pelas guerras e pelas crises económicas, os desastres naturais, mais crises económicas e o aumento escandaloso das desigualdades no acesso aos bens de primeira necessidade, ao alojamento, ao emprego, à saúde, à comunicação, à cultura. Diante disto, acredito:

a Escola pode sempre ser um local de Formação da Pessoa, de Construção do Futuro, de Criação lúcida da Esperança, de Experiência do Convívio e do Respeito, de Alegria na Partilha, de Aceitação das Diferenças, de Esforço na Descoberta, de Vida Democrática, de Dignidade. Cremos que a Pedagogia do Serviço, ancorada no melhor da reflexão filosófica, política e científica

---

<sup>59</sup> Sá Carvalho et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 158.

<sup>60</sup> Cristina Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço: uma perspetiva de planificação e de implementação». *Pastoral Catequética*, n.º 41 (2018): 49-130.

sobre a escola, os alunos e os professores – encontrando eco nos esforços de democratização e participação societal e combinado harmoniosamente os princípios cognitivistas com as teorias humanistas do desenvolvimento da personalidade – tem muito a oferecer à Escola e à sociedade, e de um modo acessível aos professores, às famílias, às comunidades educativas e às comunidades envolventes.<sup>61</sup>

Sá Carvalho<sup>62</sup> define a PS como a congregação de um conjunto de modelos de ensino, que se conjugam para «vincular estreitamente o trabalho voluntário na comunidade com a aprendizagem escolar. Trata-se, pois, de uma conceção educativa de matriz integral — o todo da pessoa e toda a pessoa — que associa a aquisição de conhecimentos e de competências com a sua aplicação prática na melhor realização de um serviço útil à e transformador à comunidade.»<sup>63</sup> Cristina<sup>64</sup> ainda define a PS como o estudo de métodos de ensino ou modelos de ensino, incluindo os objetivos da educação e as formas como estes objetivos podem ser alcançados, salientando ainda que, no ato de ensinar, o professor e o aluno trabalham juntos em algum programa, trabalho esse que é projetado para modificar a experiência e a compreensão dos alunos de alguma forma.

Trata-se, pois, de uma experiência educacional baseada na experiência em que os alunos participam numa atividade organizada de serviço que vai ao encontro das necessidades da comunidade e que integra a atividade de serviço de modo que se ganhem: melhor compreensão dos conteúdos curriculares, um mais profundo apreço pelas disciplinas, favorecendo um sentido dos valores pessoais e sociais e a responsabilidade cívica. Num país em que um número considerável de adolescentes abandona a escola sem concluir o seu percurso de formação e em que uma elevada percentagem de jovens não estuda nem trabalha, não se deve negligenciar a possibilidade – quantas vezes refém da querela político-ideológica – de estimular o uso de modelos de ensino e de perspectiva pedagógicas que facultam melhor a construção da cidadania, da responsabilidade individual e do interesse pela sua própria educação.<sup>65</sup>

---

<sup>61</sup> Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço», 51-2.

<sup>62</sup> Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço», 66.

<sup>63</sup> Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço», 56.

<sup>64</sup> Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço», 66.

<sup>65</sup> Sá Carvalho. «Pedagogia do serviço», 57.

Estou certa de que este método de ensino é uma mais-valia para os alunos e para a própria comunidade escolar. É verdade que é necessário um tempo de reflexão antes da sua implementação. De acordo com a minha reflexão, estou convicta de que esta atividade leva os alunos a amadurecerem a responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. É importante que os alunos assumam um papel ativo na sociedade, de modo a promover o bem e o cuidado do outro. Considero a PS uma proposta inovadora no serviço à comunidade e à aprendizagem discente e uma maneira clara de promover o envolvimento ativo dos alunos, juntamente com a comunidade.

Quando pensei na proposta da atividade “Tenda da Paz” enquanto PS, estava segura de que a proposta contribuiria para a promoção integral dos alunos, os principais destinatários de todo o processo de ensino-aprendizagem. Todo esse processo de aprendizagem ganha maior relevância se os alunos estiverem envolvidos ao longo da implementação da proposta da atividade enquanto PS. De igual modo, os professores, os pais dos nossos alunos e toda a comunidade escolar gozam os benefícios da PS. Envolver os pais na PS é uma estratégia feliz, que, ao meu ver, faz todo sentido.

Segundo Sá Carvalho, a PS facilita a criação de laços entre a escola e as famílias. Os pais podem facilmente observar e compreender os processos educativos e até participar neles. Por este motivo, antes de propor uma atividade como PS, deve-se conhecer as suas cinco etapas de implementação. O professor deve estar ciente de que um projeto de PS deve apresentar uma sequência de fases bem estruturada, contemplando a investigação, a preparação e o planeamento, a ação, a reflexão e a demonstração. Este modelo de ensino constitui fóruns e espaços educativos que encorajam a participação parental mais do que as atividades letivas centradas no professor e na lição.<sup>66</sup> Estou certa de que as pessoas que se envolvem na PS se sentem motivadas e com maior vontade para trabalhar, pois, além de fomentar a relação interpessoal, aumenta o gosto pelo trabalho.

A PS deve ser entendida como a implementação de um plano que é elaborado e pensado pelos alunos no sentido de combinar as aprendizagens realizadas em sala de aula com o conhecimento real da comunidade. Os alunos devem identificar a necessidade da comunidade sobre a qual querem intervir. Neste sentido, pensou-se construir a tenda da paz. Com a construção da tenda, os alunos prestariam um pequeno serviço à comunidade, porque descobririam uma necessidade que merecia certa atenção por parte dos intervenientes, isto é, criar um local na escola onde os conflitos existentes na escola pudessem encontrar uma solução.

---

<sup>66</sup> Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço», 76.

Uma vez encontrado o problema a resolver, define-se a solução. Para que um projeto funcione e atinja os seus objetivos, são indispensáveis alguns elementos de um programa desta natureza. Em primeiro lugar, é importante desenvolver metas claras e articuladas entre si e o currículo, definidas de modo que possam ser atingidas com um grau razoável e realista de esforço. É vital que os alunos envolvidos consigam ser bem-sucedidos. Em segundo lugar, o projeto deve ter consequências reais na comunidade e ser percebido pelos alunos como satisfazendo uma necessidade autêntica. É fundamental que os alunos sintam que lhes é confiada uma tarefa importante e que não estão a ser usados como mão-de-obra gratuita.

Por conseguinte, como retorno desse esforço, as experiências de serviço são trazidas para a sala de aula para a compreensão dos vários conteúdos evoluir e para formar o diálogo académico dos alunos. Os alunos trabalham com problemas reais, a aprendizagem torna-se mais relevante e, simultaneamente, ensina, aprofunda e treina competências sociais, a capacidade analítica, a responsabilidade ética e cívica, a autoeficácia, promovendo, ainda, experiências que possam ser cruciais para o desenvolvimento de carreira e a estruturação de uma identidade vocacional. Através do envolvimento comunitário, a PS apela para o envolvimento de diversas instituições públicas ou privadas, para que não só recebam os alunos cooperantes, como também acompanhem e patrocinem as atividades realizadas. A proximidade com diferentes organizações é uma estratégia educativa eficaz, pois aumenta o contato da escola com a comunidade e com o «mundo real», assim como contribui para o desenvolvimento global e amadurecimento dos alunos.<sup>67</sup>

---

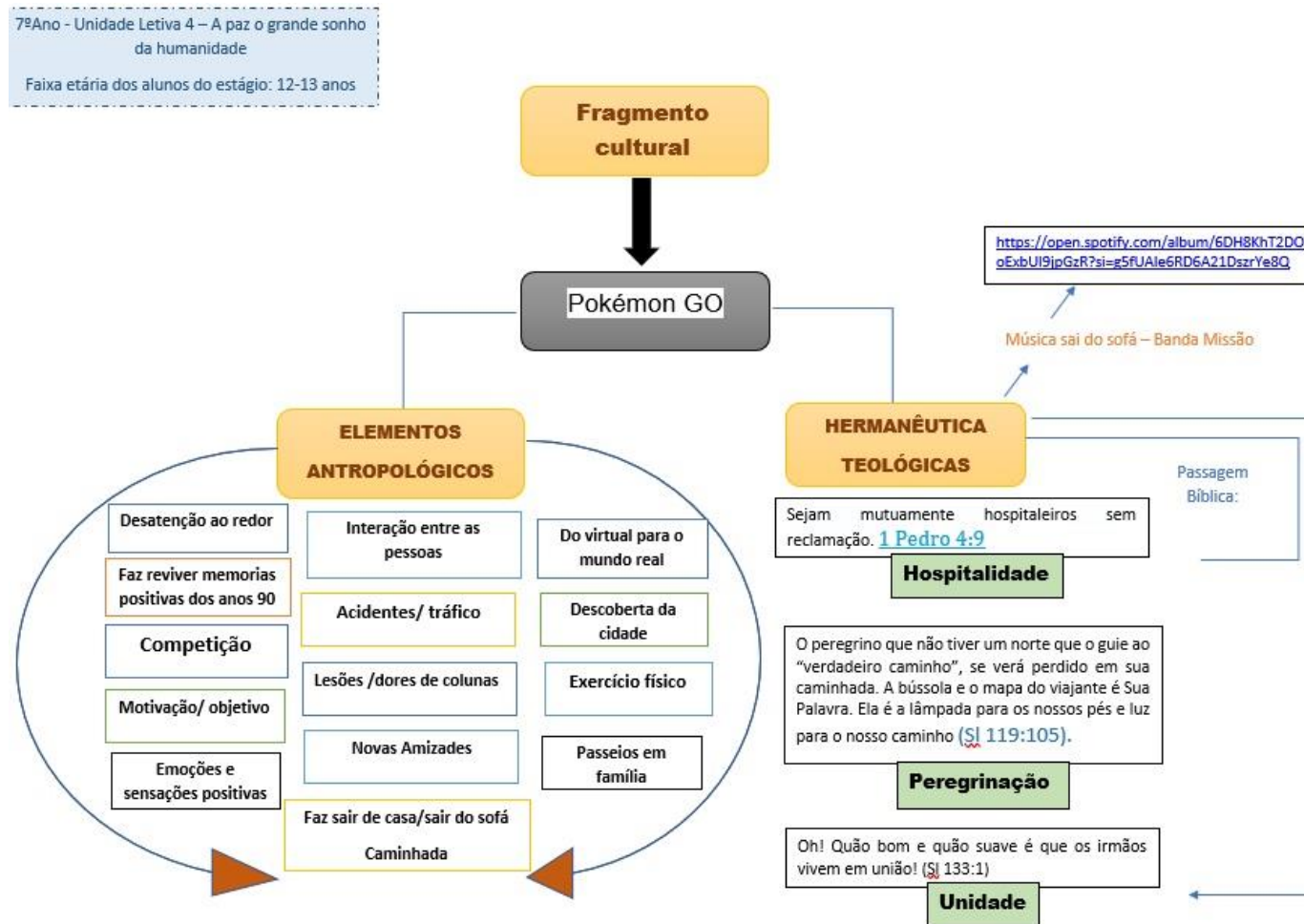
<sup>67</sup> Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço...», 75

<b>Plano de Atividade: “Construção da tenda da paz na escola”</b>			
<b>Objetivos</b>	<b>Disciplinas envolvidas</b>	<b>Calendarização</b>	<b>Material</b>
Sensibilizar os alunos pela importância da paz, bem como interpelar a comunidade educativa para a promoção da paz no ambiente escolar.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Educação Moral e Religiosa Católica</li> <li>•</li> <li>• Cidadania e desenvolvimento</li> <li>•</li> <li>• Tecnologia de Informação e Comunicação</li> </ul>	17 de março de 2020	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tenda</li> <li>• Mesa e cadeira</li> <li>• Cartaz com algumas frases</li> <li>• Papel de cenário</li> <li>• Caixa de som para colocar música</li> <li>• Imagens de laureados como prémio Nobel da Paz para exposição</li> </ul>

**Quadro 8.** Plano de Atividade: “Construção da tenda da paz na escola”

## 5.2. Reflexão sobre a planificação da aula 6

Figura 1. Fragmento Cultural.



Fonte: Quadro elaborado pela autora

Antes de mais, pretendo referir que, quando planeei a aula 6, procurei um fragmento cultural que fosse familiar aos alunos. Como se pode verificar na Figura 1, o fragmento cultural é o Pokémon GO, um jogo que foi uma febre total em 2016, quando foi lançado pela Nintendo. A razão por que o escolhi foi precisamente pela sua influência sobre os adolescentes e jovens. Após a escolha, comecei a pensar como organizar uma atividade que fosse interessante e criativa para os alunos, sem desviar-me do objetivo proposto pelo programa da disciplina de EMRC. Tendo essa consciência, pensei: “porque não uma caça ao tesouro GO, uma vez que os alunos já conhecem toda a dinâmica do Pokémon GO?”. A minha reflexão, tendo em conta a planificação da aula, foi ancorada nos ensinamentos que aprendi nos seminários de hermenêutica. Logo, tentei montar a atividade com todos os pormenores, de modo que não surgissem dúvidas ao longo da atividade.

Após a construção do esquema acima, fiquei completamente entusiasmada para a sua concretização, embora sem sucesso devido às medidas restritivas tomadas no contexto da crise pandémica. Contudo, estou certa de que os alunos iriam aprender os conteúdos de forma criativa. O objetivo da aula passava por identificar a paz como elemento essencial da identidade cristã a partir de textos bíblicos. Optei por fazer uma caça ao tesouro GO nessa aula, com o objetivo de proporcionar aos alunos o contacto com os textos bíblicos de forma criativa.



**Qual o objetivo?**

- Contato com o texto Bíblico
- Aprender a fazer a hermenêutica dos textos bíblicos



Como podemos visualizar na figura o conteúdo a ser trabalhado com os alunos seria: “Mensagens Bíblicas sobre a paz”. Este conteúdo tem um objetivo e uma meta específica, conforme propõe o programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. A estratégia proposta para a realização desta aula seria através de uma caça ao tesouro GO, que teria como objetivo o contato com o texto bíblico, bem como fazer a hermenêutica dos textos bíblicos.

Uma das coisas importante nesta atividade são as pistas. Estas servem de orientação para os alunos. As pistas ajudam os alunos a terem uma certa orientação, de modo que a busca do tesouro se torne menos difícil para os alunos. Estas pistas são dadas aos alunos antes de partirem para a caça ao tesouro.



As bolas de Pokémon estariam espalhadas pela escola. Dentro de cada bola encontra-se uma citação bíblica, correspondente a temática da aula, que seria: “Mensagens bíblicas sobre a paz”. A medida que os alunos vão encontrando as bolas espalhadas pela escola abram-nas para ver qual a passagem bíblica e juntar as outras passagens bíblicas encontradas.



### Hermenêutica do texto religioso

Algumas regras de leitura do texto	Etapas da Leitura de um texto religioso
<ul style="list-style-type: none"><li>Tipo de texto: religioso, e portanto, deve se levar em conta o sistema de crença no qual o texto se situa (doutrina)</li><li>Escrever: codificar uma mensagem</li><li>Ler: decodificar uma mensagem</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>Contextualização do texto</li><li>Análise textual</li><li>Dialogando com o autor</li></ul>

### Etapas da Leitura de um texto religioso

Contextualização do texto	Análise Textual	Dialogando com o texto
<ul style="list-style-type: none"><li>✓ Quem é o autor?</li><li>✓ Quando foi escrito?</li><li>✓ A quem se dirige?</li><li>✓ Qual a mensagem principal?</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>✓ Do que fala o texto/qual o tema?</li><li>✓ Qual o problema que se coloca?</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>✓ Quais a ideia do auto?</li></ul>

Esta é a arca do tesouro que os alunos deverão levar para a sala de aula. Dentro desta arca encontramos todos os textos bíblicos que ao longo da caça ao tesouro os alunos foram encontrando apenas citações dentro das bolas do Pokémon. Após encontrar a arca, os alunos devem dirigir se para a sala de aula, onde será feita a hermenêutica do texto com a ajuda da professora.

Para fazer a hermenêutica dos textos bíblicos encontradas ao longo da caça ao tesouro é muito importante ter em conta algumas regras de leitura do texto, bem como as etapas da leitura de um texto religioso, como mostra a figura ao lado.

Para fazer a hermenêutica dos textos religiosos é indispensável as etapas da leitura de um texto religioso. Primeiramente, devemos fazer a contextualização do texto e em seguida fazer uma análise textual e por fim dialogar com o texto. É muito importante ter em conta estas etapas, só desta forma conseguimos decodificar o texto.



É interessante perceber que também é possível contextualizar o jogo da mesma forma que fazemos a contextualização do texto religioso. Saliento que se torna mais fácil para os alunos entenderem essa dinâmica antes de pegar num texto religioso. É importante partir sempre do fragmento cultural para podermos chegar ao objetivo almejado que neste caso é fazer a hermenêutica do texto bíblico, partindo de um jogo, que é o Pokémon Go para assim tornar mais fácil a compreensão dos alunos ao fazer a hermenêutica do texto.

### 5.3. Reflexão sobre a planificação da aula 7

Devido à situação pandémica não foi possível concretizar a planificação da aula 7. Contudo, não pude deixar de fazer uma pequena reflexão, mesmo sem a sua realização.

O objetivo a atingir passou por identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano. A meta de aprendizagem é “D”: promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos. O sumário da aula propõe uma reflexão séria sobre o desafio e a responsabilidade de cada um na construção da paz.

É importante que os alunos percebam que o diálogo é indispensável para se chegar a um consenso, principalmente quando há falência da paz. Na aula, os alunos iriam refletir sobre os vários credos referentes a cada religião, contando com a regra de ouro, transversal a vários credos, que passo a mencionar:

- ✓ «Não magoem os outros com aquilo que vos magoa a vocês». (Budismo)
- ✓ «Nenhum de vós é um crente até que deseje a seu irmão aquilo que deseja para si mesma». (Maomé-Islamismo)
- ✓ «Não faças aos outros aquilo que não queres que os outros te façam a ti». (Judaísmo)
- ✓ «O que quiseres que os outros vos façam, fazei-lho vós também» (Cristianismo: Lc 6,31)

## CAPÍTULO II

### A GERAÇÃO Z E A PROMOÇÃO DA PAZ

Ao longo da PES, confrontei-me com diversas inquietações resultantes do processo de ensino-aprendizagem. Uma dessas inquietações esteve relacionada com a UL 4 do sétimo ano, intitulada “A Paz Universal”. O percurso realizado com os alunos teve como meta ir ao encontro dos objetivos propostos pelo programa de EMRC, levando-os a compreender o verdadeiro sentido da paz, bem como os caminhos a percorrer para a promoção da mesma.

Ante essa inquietação surgiu a seguinte questão: como apresentar a temática da paz aos alunos e que metodologias utilizar para despertar nos alunos a urgência da paz e a sua responsabilidade na construção da paz, bem como reconhecer soluções fundamentais para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa? Neste sentido, Santos Neto e Franco sublinham:

estamos em tempos de repensar a compreensão que temos de nós mesmos como seres humanos, o tipo de sociedade e mundo que estamos construindo, o tipo de sociedade e mundo queremos construir. É óbvio a relação deste problema com a educação, a educação escolar, os professores e as gerações, as mais antigas e mais novas, que, se encontrando no processo educativo, participem da gestação do mundo presente e futuro.<sup>68</sup>

Enquanto docentes, somos frequentemente confrontados com os desafios pedagógicos na nossa prática letiva e formação diante das novas gerações, tendo em conta a sua participação na construção presente e futura da nossa humanidade. Conforme veremos neste capítulo, a abordagem do tema da paz não é fácil, considerando toda a conjuntura social que envolve os alunos. É importante, antes de mais, olhar para a nossa sociedade e perceber o impacto das grandes mudanças que têm vindo a desafiar a nossa missão enquanto educadores. Estou consciente de que hoje encontramos uma geração bastante diversificada, com a qual temos de trabalhar no intuito de propor uma mudança a partir das suas vivências. Não podemos esquecer que esta geração tem a sua forma própria de pensar, de agir e de olhar para o mundo, certamente muito diferente das gerações anteriores.

---

<sup>68</sup> Elydio dos Santos Neto e Edgar Silveira Franco, «Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro», *Revista de Educação* 19, n.º 36 (2010): 11.

Segundo Santos Neto e Franco, estamos diante de uma história aberta a inúmeras possibilidades, num momento de profunda revisão das nossas vidas no nosso planeta. Atualmente, vivemos um momento de inúmeros avanços científicos, tecnológicos, comunicacionais, mas, ao mesmo tempo, de grande angústia diante do nosso futuro comum planetário, seja por conta dos conflitos sociais, políticos, económicos, culturais e étnicos, seja por conta da nossa relação agressiva com a terra, que deve ser compreendida como um ser vivo.<sup>69</sup>

Neste sentido, a Organização das Nações Unidas (ONU) delega aos Estados a obrigação de promover políticas públicas e propostas educacionais que promovam uma formação que alicerce a dinâmica do desenvolvimento que se deseja. Em toda a história da educação, nunca se exigiu tanto da escola e dos professores como nos últimos anos. Esta “pressão” é decorrente, em primeiro lugar, do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação. A instituição escolar, por sua vez, tem o desafio de educar a nova geração. Mas, antes de mais, pretendo esclarecer quem são os nativos digitais e quais são as suas características. Neste sentido, é fundamental considerar que esta geração que tenho perante mim é a primeira geração a nascer com acesso — atrevo-me a dizer — quase ilimitado, sem a grande preocupação em formar competências para que sejam capazes de lidar com tudo aquilo que significa o acesso a um “simples” telemóvel ou *tablet* com acesso à internet. De acordo com Santos Neto e Franco:

muitos professores nasceram num tempo em que a televisão era o principal meio de comunicação e que, como tal, provocou muitas mudanças em vários aspetos de vida em sociedade. Esses mesmos professores convivem hoje com crianças e jovens que estão, quase todo o tempo, numa realidade tecnológica e virtual muito mais avançada do que aquele que eles experimentaram em sua trajetória: internet, iPods, videojogos com gráficos magníficos, vídeos e televisores com alta definição e 3D, games jogados em rede na internet, redes sociais, etc. É natural que estas diferenças provoquem a emergência de problemas, desencontros e desafios que obrigam um permanente reinventar da formação e do trabalho docente.<sup>70</sup>

Na urgência de rever e transformar a prática docente, é essencial identificar algumas características das gerações que se encontram nas salas de aulas. Proponho, assim, começar

---

<sup>69</sup> Cf. Santos Neto e Franco, «Os professores e os desafios pedagógicos...», 10-11.

<sup>70</sup> Santos Neto e Franco, «Os professores e os desafios pedagógicos...», 12.

este capítulo com uma breve caracterização da Geração Z, de modo a facilitar a nossa compreensão acerca das suas principais características, para perceber de que maneira deve ser abordada a questão da paz na atualidade. Começarei por clarificar o termo “paz”, mas, antes, farei uma breve reflexão sobre a Carta Encíclica *Pacem in Terris* de São João XXIII e os vários discursos proferidos pelos papas. Importa também dar a conhecer, ainda que de forma breve, as mensagens pontificias sobre a paz, desde o pontificado do Beato Paulo VI (1968-1978), passando pelo pontificado de São João Paulo II (1979-2005), do Papa Emérito Bento XVI (2006-2013) e, finalmente, o pontificado do Papa Francisco (2014-2021).

Neste sentido, aprofundarei o papel das instituições: a família, a escola, e a Igreja na promoção da paz, para compreender quais são os desafios atuais que dificultam a vivência do verdadeiro sentido da paz e para reconhecer os caminhos que proporcionam a verdadeira vivência da paz. Para finalizar este itinerário, discorrerei sobre a questão do bem comum como caminho para a construção da paz, fazendo referência a alguns momentos significativos, nomeadamente: a criação da ONU em 1946 (Ano Internacional da Paz); a Carta Encíclica *Pacem in Terris*, do Papa São João XXIII, em 1963; o encontro de Assis, em 1986. Por fim, abordarei brevemente o encontro do Papa Francisco com o Grão Imame de Al-Azhar Ahamad al – Tayyib, em 2019.

## **1. CARACTERIZAÇÃO DA GERAÇÃO Z**

Antes de começar a caracterização da Geração Z, apresentarei brevemente um panorama histórico sobre a utilização e a apropriação do conceito de geração na perspetiva sociológica, bem como discutirei a operacionalidade do conceito no campo das análises culturais, tentando aproximá-lo às questões identitárias.

Segundo Freixa e Leccardi, o conceito de geração tem ganho relevância nas ciências sociais e humanas. Estes autores consideram as gerações como uma dimensão analítica profícua para o estudo da dinâmica das mudanças sociais de “estilos de pensamento” e, por conseguinte, como resultado de descontinuidades históricas ou mudanças. Por outras palavras, o que forma uma geração não é uma data de nascimento comum, mas, sim, a parte do processo histórico que indivíduos da mesma classe etária de facto partilham, tornando a «demarcação geracional» algo «apenas potencial».<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> Cf. Carles Freixa e Carmem Leccardi, «O conceito de geração nas teorias sobre juventude», *Revista Sociedade e Estado* 25, n.º 2 (2010): 189, <https://doi.org/10.1590/S0102-69922010000200003>.

Em sociologia, o conceito de geração foi inicialmente abordado por Comte e por Dilthey. Com base na sucessão das gerações, Comte afirma que o ritmo das gerações pode ser calculado simplesmente a partir da «medição do tempo médio necessário para que uma geração seja substituída — na vida pública — por uma nova».<sup>72</sup> De acordo com Comte, a duração de uma geração seria de 30 anos. Esta tem sido a noção clássica do conceito de geração, em que o progresso é visto como resultado equilibrado entre as mudanças produzidas pela nova geração e a estabilidade mantida pelas gerações mais antigas. Foi precisamente este tipo de posicionamento que fez com que a abordagem de Comte fosse reconhecida como um trabalho histórico de continuidade.<sup>73</sup>

Para Dilthey, a perspetiva geracional considera as relações de contemporaneidade, aproximando um conjunto de pessoas sujeitas, nos seus anos de desenvolvimento, a influências históricas comuns. Trata-se das pessoas que partilham o mesmo conjunto de experiências, o mesmo tempo qualitativo. A formação das gerações dá-se fundada numa base temporal concreta e comum, constituída de acontecimentos e experiências partilhadas.<sup>74</sup>

Em meados do século XX, Karl Mannheim distancia-se dessas duas abordagens e percebe as gerações como o resultado de descontinuidade histórica e de mudanças.<sup>75</sup> Mannheim chama a atenção para o facto de que a pertença a uma geração não pode ser deduzida imediatamente das estruturas biológicas: «O problema sociológico das gerações começa somente onde a relevância sociológica desses dados prévios forem realçadas». A situação de classe e a situação geracional apresentam aspetos similares devido à posição específica ocupada pelos indivíduos no âmbito sócio-histórico. De qualquer modo, esta posição gera uma modalidade específica do viver e do pensar na forma como os membros interferem no processo histórico, ou seja, uma tendência inerente a cada posição e somente determinada a partir da própria posição.<sup>76</sup>

O conceito de geração tem sido utilizado de inúmeras formas e nos mais diversos campos do saber. Um dos significados mais aceites é, sem dúvida, aquele que relaciona geração à idade biológica, ou seja, o período de sucessão entre descendentes em linha reta (avós, pais, filhos, bisnetos e assim por diante). Do ponto de vista biológico e genealógico, uma das maneiras de contar a história da humanidade consiste na narração a partir do fluxo contínuo entre nascimento e morte de milhões de pessoas. O fenómeno geracional seria,

---

<sup>72</sup> Cf. Feixa e Leccard, «O conceito de geração...», 187.

<sup>73</sup> Cf. Sandro Bortolazzo, «De Comte a Bauman: algumas aproximações entre os conceitos de geração e identidade», *Estudos de Sociologia* 1, n.º 22 (2016): 126.

<sup>74</sup> Cf. Feixa e Leccardi, «O conceito de geração...», 188.

<sup>75</sup> Cf. Feixa e Leccardi, «O conceito de geração...», 189.

<sup>76</sup> Cf. Wivian Weller, «A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim», *Revista Sociedade e Estado* 25, n.º 2 (2010): 211. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922010000200004>.

assim, baseado na década de nascimento em comum de uma determinada população ou vínculo a eventos completamente aleatórios e sem intervalos regulares? Seria possível tratar as gerações ao longo da história como universais, quer dizer, como entidades que configuram uma época?<sup>77</sup>

É importante perceber que o conceito de geração aparece ligado à ideia de grupo, uma vez que muitos dos acontecimentos na sociedade são registrados nos mesmos períodos para os indivíduos coetâneos. Neste sentido, Karl Mannheim apresenta duas abordagens distintas ao conceito, que dividem os autores que trabalham este tema. A primeira é a abordagem positivista, mais quantitativa, assentada em fatores de análise medíveis, como o nascimento e a morte de um indivíduo, e baseada na ideia de que uma geração sucede à anterior a partir de intervalos regulados de tempo. A segunda é a abordagem qualitativa, que prioriza uma análise mais ligada ao desenvolvimento do indivíduo, acreditando que podem existir alterações de país para país, bem como de época para época, tendo em conta os vários contextos sociais que estejam a ser vividos, como o político.<sup>78</sup>

É fundamental observar que a análise do tempo difere completamente segundo a abordagem adotada. Na perspectiva positivista, a análise é cronológica; na qualitativa, a análise prioriza um tempo interior, em que cada indivíduo se desenvolve e progride ao seu ritmo, o qual não pode ser medido numa linha cronológica, como a primeira sugere. Conforme a segunda perspectiva, o conceito de geração extravasa a ideia da sucessão cronológica de uma para outra e contempla a coexistência de várias gerações na sociedade.

Neste sentido, em 2009, Wivian Weller desenvolve um trabalho relativo à temática das gerações, no qual se discute o conceito sugerido por Karl Mannheim. Weller prefere a abordagem qualitativa à positivista. Sendo esta a abordagem mais racional, acaba por ser uma forma de olhar para a existência humana muito ligada ao método. A segunda dá preferência à análise do tema como um todo, não dando atenção exclusivamente ao que é mensurável e quantitativo. De acordo com a abordagem qualitativa, Weller refere que são colocados de lado os princípios mais racionais e metódicos que caracterizam o positivismo. Desse modo, «o problema geracional transforma-se no problema da existência de um tempo interior que não é mensurável e que só se pode compreender como algo puramente qualitativo».<sup>79</sup>

---

<sup>77</sup> Cf. Sandro Bartolazzo, «Entre denominações geracionais: o que as narrativas acadêmicas nos ensinam sobre crianças e jovens digitais» *Revista de Ciência Humanas* 51, n.º 1 (2017): 108. <https://doi.org/10.5007/2178-4582.2017v51n1p108>.

<sup>78</sup> Cf. Wivian Weller, «A atualidade do conceito de geração de Karl Mannheim», 208.

<sup>79</sup> Weller, «A atualidade do conceito de geração de Karl Mannheim...», 208.

A reflexão de Mannheim contribui para percebermos que os indivíduos que crescem num mesmo período vivenciam as mesmas influências e acontecimentos que ocorrem na sociedade durante os mesmos anos. Nesse sentido, a probabilidade de identificação com aqueles que crescem consigo seja maior face aos grupos pertencentes a outras gerações: «Várias gerações vivem o mesmo tempo cronológico».<sup>80</sup>

As gerações são divididas consoante o momento histórico e socioeconómico em que se desenvolvem, fazendo com que os factos marcantes da época influenciem o modo de vida das pessoas. O tempo, neste caso, é apenas um marco cronológico. O que serve como referência é a mudança social, que, ao romper a continuidade, ganha um significado mais relevante para a vivência. Conforme Menetti, são elas: Tradicional, Baby Boomers, Geração X, Geração Y e Geração Z.<sup>81</sup> Para este trabalho, interessa-me analisar a caracterização da geração Z.

Segundo Singh, fazem parte da Geração Z todos aqueles que nasceram depois de 1995. O autor afirma que, visto pertencerem a famílias tradicionalmente pequenas, o afeto, a atenção e o dinheiro são mais canalizados para estas pessoas, que são mais individualistas. Os conceitos de compromisso, trabalho de equipa e partilha não estão tão latentes como em gerações anteriores.<sup>82</sup>

A Geração Z é a primeira composta por nativos digitais em sentido estrito, pois chegaram ao mundo na plenitude do consumismo, utilizando a comunicação instantânea para interações online. O seu individualismo radical é também expresso nos ambientes virtuais em detrimento da comunicação verbal. Adicionalmente, apostam na inteligência e na tecnologia para a educação e o trabalho e geralmente são impacientes por terem hábitos de ação e satisfação imediatas. Participam de grandes comunidades virtuais, sem envolver-se pessoalmente.<sup>83</sup> São filhos de pais separados que formaram novas famílias. As «famílias recompostas» e as suas atividades quotidianas no mundo digital são muito bem estruturadas, capazes de conscientizá-los ética e socialmente.<sup>84</sup>

Segundo Prensky,<sup>85</sup> *digital natives* significa a receção de informação rapidamente. É necessário reaprender a lidar e trabalhar com esses «novos cérebros». É preciso uma adaptação aos novos padrões de pensamento e raciocínio, tendo-os em conta num processo de

---

<sup>80</sup> Weller, «A atualidade do conceito de geração de Karl Mannheim...», 209.

<sup>81</sup> Cf. Arieta Pheula e Eduardo de Sousa, «Estudos sobre o comportamento dos jovens das gerações Y e Z quando conectados à internet». *Revista de Educação, Ciência e Tecnologia* 3, n.º 1 (2016): 57.

<sup>82</sup> Cf. A. Singh, «Challenges and Issues of Generation Z», *IOSR Journal of Business and Management* 16 (2014): 59-60. <https://doi.org/10.9790/487X-16715963>.

<sup>83</sup> Cf. Elismar Vicente Reis e Maria Inês Tomael, «A geração Z e as plataformas tecnológicas», *Informação & Informação* 22, n.º 2 (2017): 37. <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2017v22n2p371>.

<sup>84</sup> Cf. Reis e Tomael, «A geração Z e as plataformas...», 39.

<sup>85</sup> Cf. Marc Prensky, «Digital Natives, Digital Immigrants», *On the Horizon* 9, n.º 5 (2001): 1-6. [10.1108 / 10748120110424816](https://doi.org/10.1108/10748120110424816).

ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, num processo de avaliação. Desta forma, não é condição necessária colocar de parte os conteúdos, mas, antes, reinventar a forma como os conteúdos são apresentados e propostos a esse tipo de alunos.

Julgo muito interessante a ideia de Prensky relativa à configuração do raciocínio do nativo digital não de forma sequencial, mas, sim, subjacente a uma forma de aprender «desajustada», porque os alunos «escolhem» não prestar atenção. A sua aprendizagem pode dar-se de forma paralela: multifunções, rapidez, jogo e imediatismo. De acordo com o autor, os alunos de hoje não mudaram apenas em termos de avanço em relação aos do passado, nem simplesmente mudaram as suas gírias, roupas, detalhes corporais ou estilos, como aconteceu entre as gerações anteriores.

Por outro lado, Prensky afirma que ter crescido durante a expansão das novas tecnologias, como jogos de computador, e-mail, internet, telefones e mensagens instantâneas, promoveu nos jovens uma série de características que os tornou únicos e diferentes de todas as gerações anteriores. Segundo o autor, as mentes dos nossos alunos são diferentes das nossas. Contudo, parece exagerado referir que o cérebro dos nativos se torna fisionicamente diferente dos outros ou, pelo menos, que se atribua uma relevância especial àquilo que a exposição digital lhe proporciona: diferentes estímulos desenvolvem diferentemente áreas cerebrais. Ainda assim, Prensky, de alguma forma, alude a este facto. Adicionalmente, considero curioso o paralelo da *wisdom* — cuja definição está em aberto — com a música e o pictórico. É todo um mundo novo... ou, se calhar, nem tanto. Seguindo Prensky, considero que negar a tendência se assemelha à situação de Sócrates de desincentivar a escrita por ser prejudicial à memória humana, à lógica e à sequência. A geração Z é caracterizada pela facilidade de realização de várias tarefas ao mesmo tempo, sempre na tentativa de encontrar um mundo semelhante ao deles, totalmente conectado, aberto à interação veloz e global.

## **2. UMA APROXIMAÇÃO AO CONCEITO DE PAZ**

O conceito de paz tem sido alvo de profundas alterações e, principalmente, de uma ampliação, que partiu da sua compreensão enquanto momento da vida de uma determinada sociedade sem guerra, para depois ser interpretada como o contrário da violência ou a sua ausência e, finalmente, assumir a interpretação de processo de construção de uma cultura, a cultura de paz. Segundo Elisabeth Coloma, o vocábulo “paz” possui conotações diversas na

língua portuguesa, como a «de um estado de um país que não está em guerra, união, concórdia nas famílias ou tranquilidade da alma».<sup>86</sup> Por sua vez, para Columa, a ausência de guerras ou a não-violência não necessariamente pressupõe a existência da paz. Esta envolve mais que a não-violência.<sup>87</sup> Segundo Hanna Onyi Yusuf, a paz vai além da mera ausência de guerra. É uma situação que permite ao ser humano cooperar, ouvir e compreender-se. É o estado de viver em amor, amizade e harmonia com todos.<sup>88</sup>

Neste contexto, Pierre Weil alega que um dos principais erros que cometemos ao falar sobre a paz consiste em vê-la sempre como uma aparência, como algo externo ao ser humano. O que nos leva a dizer que os seres humanos vivem em paz se eles não estão em guerra, se não há conflito evidente. Se alcançarmos a paz apenas dessa forma, as nossas preocupações concentrar-se-ão no tratamento do conflito e as suas causas específicas. Assim, tudo faremos para obter um desarmamento geral. Claramente, este é apenas um dos lados do problema e, aliás, o menos importante.<sup>89</sup>

A sociologia e as ciências políticas descrevem a paz como um processo e um estado fugaz, simultaneamente como realidade e utopia, como algo impossível de aferrar, que deve ser possibilitado, criado e protegido continuamente. Segundo Judith Konemann, a teologia cristã não está excluída da discussão acerca destes desafios.<sup>90</sup> Para Konemann, o cristianismo é uma religião pública, que tenta contribuir para a construção da aldeia global.<sup>91</sup> Para Lúcia Helena de Carvalho:

[a] paz é um estágio que requer do ser humano em sociedade o envolvimento e a disponibilidade de desenvolver e praticar os valores na organização social, temas que estão a ser estudados nas propostas educativas da educação para a paz e da educação de valores. No processo educativo, o conceito de paz vem ganhando espaço e considerações entre teóricos e educadores, os

---

<sup>86</sup> Elisabeth dos Santos Columa, «Como educar para a paz», *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional* 11, n.º 2 (2007): 431. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572007000200023>.

<sup>87</sup> Cf. Columa, «Como educar para a paz», 431.

<sup>88</sup> Cf. Hanna Onyi Yusuf, «Integrating the Tenets of Peace and Care of Planet Earth in Reading Comprehension Passages of the English Language Curriculum for Junior Secondary Schools in Nigeria». *American Journal of Educational Research* 4, n.º 7 (2016): 513.

<sup>89</sup> Cf. Pierre Weil, *A arte de Viver em Paz: Por uma nova consciência e educação*, trad. Helena Tabeira, Hélio Silva (São Paulo: Gente, 1993), 29-30.

<sup>90</sup> Cf. Judith Konemann, «La pedagogía de la paz en la teología práctica. Relevancia y oportunidades de procesos educativos religiosos por una educación y formación para “la Paz”», *Revista Teología*, 119 (2016): 155. <https://repositorio.uca.edu.ar/bitstream/123456789/7427/1/pedagogia-paz-teologia-practica.pdf>.

<sup>91</sup> Cf. Konemann, «La pedagogía de la paz en la teología práctica...», 154.

quais sentem o atual momento como propício para quebrar os paradigmas de uma sociedade voltada para o consumismo e o individualismo.<sup>92</sup>

A paz tem sido causa de preocupação para a Igreja Católica como demonstrada através de vários documentos, bem como através de vários discursos anunciados pelos Papas. Neste contexto, importa fazer uma breve reflexão da *Encíclica Pacem in Terris* do Papa João XXIII, publicada no dia 11 de abril de 1963, altura em que o medo e os horrores da II Guerra Mundial estavam ainda muito presentes na memória das pessoas. Esta carta, ficou conhecida como a carta magna sobre a paz, vindo a ser interpretada como contributo sério para a construção da Paz dos tempos hodiernos.

A Encíclica está dividida em cinco capítulos. No primeiro, cujo título é a “Ordem entre os seres humanos”, o Papa discorre sobre os direitos e os deveres da pessoa como um ser digno e merecedor de uma existência e um padrão de vida digna, mas lembra que os direitos vêm acompanhados de deveres. No segundo, aborda as relações entre os seres humanos e os poderes públicos no seio das comunidades políticas. O Papa começa por afirmar que «a sociedade humana não estará bem constituída nem será fecunda a não ser que lhe presida uma autoridade legítima que salvguarde as instituições e dedique o necessário trabalho e esforço ao bem comum. Esta autoridade vem de Deus».<sup>93</sup> Ainda alerta para a importância de os cidadãos participarem ativa e frequentemente na vida pública, impedindo o envelhecimento e assegurando a renovação de acordo com a evolução.<sup>94</sup> E conclui a referir-se aos sinais dos tempos, recordando que os direitos fundamentais das pessoas sejam reafirmados nas constituições públicas. Mais ainda, exige-se hoje que as autoridades sejam designadas de acordo com normas constitucionais e exerçam as suas funções dentro dos limites da Constituição.<sup>95</sup>

No terceiro capítulo, o Papa aborda as relações das comunidades políticas e reforça a ideia já abordada no primeiro e no segundo capítulos relativamente à questão dos direitos e deveres do homem. O Papa diz que as relações entre os Estados devem basear-se na verdade, na justiça e na solidariedade, o que, por conseguinte, deve estar presente «nas relações internacionais, desenvolvendo uma solidariedade dinâmica através de mil formas de

---

<sup>92</sup> Lúcia Helena de Carvalho, «Educação para a paz: uma alternativa para os desafios da educação», *Revista Científica do Centro Universitário de Araras* 5, n.º 1 (2011): 21.

<sup>93</sup> João XXIII, «Carta Encíclica *Pacem in Terris*» (Roma, 11 de abril de 1963), 46, acedido a 21 de junho de 2021, [https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_11041963\\_pacem.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html)

<sup>94</sup> Cf. *Pacem in Terris*, 74.

<sup>95</sup> Cf. *Pacem in Terris*, 79.

colaboração económica, social, política, cultural, sanitária, desportiva, como em um panorama exuberante, à época atual».<sup>96</sup>

No quarto capítulo, o Papa disserta a respeito das relações entre os seres humanos e as comunidades políticas com a comunidade mundial. Alude à interdependência entre as comunidades políticas, reforçando que «os recentes progressos das ciências e das técnicas incidem profundamente na mentalidade humana, solicitando por toda parte às pessoas a progressiva colaboração mútua e a convivência unitária de alcance mundial».<sup>97</sup> Por esse motivo, o Papa alerta para a deficiência da atual organização da autoridade pública em relação ao bem comum universal, provocado por profundas transformações que se verificaram nas relações de convivência humana, suscitando problemas complexos, muito graves, extremamente urgentes, sobretudo em matéria de segurança e paz mundial.<sup>98</sup> O Papa ressalta o princípio da subsidiariedade, que deve regular e moderar as relações entre as pessoas, as famílias, as organizações intermédias e os poderes públicos das respetivas comunidades políticas.<sup>99</sup> O Papa termina o capítulo reconhecendo os sinais dos tempos, concretamente a ONU, criada em 1945, em prol da paz entre os povos, desenvolvendo entre eles relações amistosas, fundadas nos princípios da igualdade, do respeito mútuo, da cooperação multiforme em todos os setores da atividade humana.<sup>100</sup> Neste sentido, o Papa reconhece ainda um ato de altíssima relevância efetuada pela ONU, que foi a Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada em assembleia geral, a 10 de dezembro de 1948. No preâmbulo da Declaração, proclamam-se, como ideal a ser demandado por todos os povos e por todas as nações, o efetivo reconhecimento e a salvaguarda daqueles direitos e das respetivas liberdades.<sup>101</sup>

No quinto e último capítulo, o Papa apresenta as diretrizes pastorais, exortando os cristãos a:

participarem ativamente na vida pública e de contribuírem para a obtenção do bem comum de todo o género humano e da própria comunidade política, e de esforçarem-se, portanto, à luz da fé cristã e com amor, para que as instituições de finalidade económica, social, cultural e política sejam tais que

---

<sup>96</sup> *Pacem in Terris*, 98.

<sup>97</sup> *Pacem in Terris*, 129.

<sup>98</sup> *Pacem in Terris*, 133.

<sup>99</sup> *Pacem in Terris*, 139.

<sup>100</sup> *Pacem in Terris*, 141.

<sup>101</sup> *Pacem in Terris*, 142.

não criem obstáculos, mas antes facilitem às pessoas o próprio melhoramento, tanto na vida natural como sobrenatural.<sup>102</sup>

Por outro lado, o Papa convida todos os homens de boa vontade, incluindo os crentes e não crentes, para o desafiante caminho de criar

relações de convivência humana na base da verdade, justiça, amor e liberdade: as relações das pessoas entre si, as relações das pessoas com as suas respectivas comunidades políticas, e as dessas comunidades entre si, bem como o relacionamento de pessoas, famílias, organismos intermédios e comunidades políticas com a comunidade mundial. Tarefa nobilíssima, qual a de realizar verdadeira paz, segundo a ordem estabelecida por Deus.<sup>103</sup>

Na conclusão da sua Encíclica, o Papa representa Jesus Cristo como o Príncipe da Paz e, por último, manifesta a sua preocupação e o seu anseio, que, de certa forma, é «comum a todos os homens de vontade: a consolidação da paz na terra».<sup>104</sup>

João XXIII, na sua Encíclica *Pacem in Terris*, afirma que a paz é um dos frutos da ação de Deus no mundo: «A paz na terra, anseio profundo de todos os homens de todos os tempos, não se pode estabelecer nem consolidar senão no pleno respeito da ordem instituída por Deus».<sup>105</sup> João XXIII incumbe aos líderes políticos e religiosos e aos setores económicos e sociais a construção da paz. O Papa João XXIII projeta o progresso para a esfera moral e religiosa:

quando numa pessoa surge a consciência dos próprios direitos, nela nascerá forçosamente a consciência do dever: no titular de direitos, o dever de reclamar esses direitos, como expressão de sua dignidade, nos demais, o dever de reconhecer e respeitar tais direitos. E quando as relações de convivência se colocam em termos de direito e dever, os homens abrem-se ao mundo dos valores culturais e espirituais, quais os de verdade, justiça, caridade, liberdade, tornando-se cônscios de pertencerem àquele mundo. Ademais são levados por essa estrada a conhecer melhor o verdadeiro Deus

---

<sup>102</sup> *Pacem in Terris*, 145.

<sup>103</sup> *Pacem in Terris*, 162.

<sup>104</sup> *Pacem in Terris*, 165

<sup>105</sup> *Pacem in Terris*, 83.

transcendente e pessoal e a colocar então as relações entre eles e Deus como fundamento de sua vida: da vida que vivem no próprio íntimo e da vida em relação com os outros homens.<sup>106</sup>

O Concílio Vaticano II (1962-1965) manifestou essa preocupação por parte da Igreja, dizendo que as questões do mundo eram também questões e preocupações da Igreja. Foi precisamente por este motivo que dois anos mais tarde Paulo VI instituiu o primeiro de janeiro como Dia Mundial da Paz, passando a escrever uma mensagem para todos os homens de boa vontade e desafiando os papas posteriores a escreverem uma mensagem para o primeiro de janeiro. Neste sentido, criou-se também a Comissão Pontifícia “*Justitia et Pax*” a 6 de janeiro de 1967. Passados dois anos, Paulo VI, na Encíclica *Populorum Progressio*, resumiu o que pretendia com a criação da referida comissão, afirmando que a justiça e a paz eram o seu nome e o seu programa. Pensamos que esse mesmo programa pode e deve unir aos nossos filhos católicos e irmãos cristãos os homens de boa vontade. Por isso, é a todos que hoje dirigimos este apelo solene a uma ação organizada para o desenvolvimento integral do homem e para o desenvolvimento solidário da humanidade.<sup>107</sup>

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* declara que «a paz não é ausência de guerra; nem se quer se reduz ao estabelecimento do equilíbrio entre as forças adversas, nem resulta de uma dominação despótica. Com toda a exatidão e propriedade ela é chamada “obra da justiça” (Is 32, 7)».<sup>108</sup> A mesma Constituição afirma:

Nestes tempos, em que as dores e angústias derivadas da guerra ou da sua ameaça ainda oprimem tão duramente os homens, a família humana chegou a uma hora decisiva no seu processo de maturação. Progressivamente unificada, e por toda a parte mais consciente da própria unidade, não pode levar a cabo a tarefa que lhe incumbe de construir um mundo mais humano para todos os homens, a não ser que todos se orientem com espírito renovado à verdadeira paz.<sup>109</sup>

---

<sup>106</sup> *Pacem in Terris*, 44-5.

<sup>107</sup> Paulo VI, «Carta Encíclica *Populorum Progressio*» (Roma, 26 de março de 1967), 5, acessado a 16 de junho de 2020,

[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html).

<sup>108</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, 78.

<sup>109</sup> *Gaudium et Spes*, 77.

É interessante perceber que, na mensagem do Concílio Vaticano II, há uma preocupação clara em afirmar a concepção autêntica da paz, denunciando a crueldade da guerra e os seus mecanismos destrutivos. Desta forma, solicita a colaboração da comunidade internacional, como se relê na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*:

É, portanto, claro, que nos devemos esforçar por todos os meios por preparar os tempos em que, por comum acordo das nações, se possa interditar absolutamente qualquer espécie de guerra. Isto exige, certamente, a criação duma autoridade pública mundial, por todos reconhecida e com poder suficiente para que fiquem garantidos a todos a segurança, o cumprimento da justiça e o respeito dos direitos.<sup>110</sup>

Dessa feita, o Concílio faz um apelo aos cristãos e a todos os homens de boa vontade para que colaborem na promoção da paz, na justiça, no amor e na prestação dos instrumentos da mesma paz.<sup>111</sup>

No contexto de toda esta luta pela paz, principalmente da consciência que cada um tem da necessidade da paz, o Papa Paulo VI, na sua visita à sede da ONU em Nova Iorque, em 1965, volta a reforçar o empenho que é exigido à comunidade internacional no seu empenho de luta pela paz:

é a palavra que vós esperais de Nós e que nós não podemos pronunciar sem estar conscientes da sua gravidade e da sua solenidade: jamais uns contra os outros, nunca mais. Não foi sobretudo com esta finalidade que nasceu a Organização das Nações Unidas: contra a guerra e para a paz? Escutai as palavras lúcidas de um grande desaparecido, John Kennedy, que proclamava, há quatro anos: «A humanidade deverá pôr fim à guerra, ou é a guerra que porá fim à humanidade». Não são necessários longos discursos para proclamar a finalidade suprema da vossa Instituição. Basta recordar que o sangue de milhões de homens, os sofrimentos espantosos e inumeráveis, os inúteis massacres e as aterradoras ruínas sancionam o pacto que vos une, num juramento que deve mudar a história futura do mundo: nunca mais a

---

<sup>110</sup> *Gaudium et Spes*, 82.

<sup>111</sup> *Gaudium et Spes*, 77.

guerra, nunca mais a guerra. É a paz, a paz que deve guiar o destino dos povos e de toda a humanidade.<sup>112</sup>

Segundo o Papa Paulo VI, o conceito de paz não é algo estático, «que possa ser alcançada de uma vez para sempre; não é uma tranquilidade no imobilismo». No entanto, representa um movimento progressivo, uma dimensão deontológica, «que a todos nós torna responsáveis pelo bem comum e que nos obriga a dar todo o esforço ao nosso alcance, para a sua causa a verdadeira causa da humanidade».<sup>113</sup>

No primeiro Dia Mundial da Paz em 1973, Paulo VI iniciou a sua carta com uma espécie de preâmbulo, mostrando o seu desejo de que o primeiro dia de janeiro de todos os anos fosse o Dia Mundial da Paz e que fosse uma celebração particular em que cada um a sentisse como «uma iniciativa sua». Para o Papa, «a proposta de dedicar à paz o primeiro dia do Ano Novo não tem a pretensão de ser qualificada como exclusivamente nossa, religiosa ou católica». Em vista disto, o Dia Mundial da Paz é um dia para ser celebrado pelos «verdadeiros amigos da paz, independente da sua condição social, económica, etnia ou sua confissão religiosa».<sup>114</sup>

No seu primeiro texto, Paulo VI explica o motivo pelo qual elegeu um dia em que, em todo o mundo, os povos refletissem sobre a paz:

fazemo-lo porque vemos a Paz gravemente ameaçada e impelidos pelos acontecimentos terríveis que podem ser catastróficos para nações inteiras e, talvez mesmo, para grande parte da humanidade; fazemo-lo ainda, porque nos últimos anos da história do nosso século, tornou-se finalmente patente de modo claríssimo, que a Paz é a única e a verdadeira linha do progresso humano.<sup>115</sup>

Contudo, importa salientar que, no pontificado de Paulo VI, houve várias situações de conflito. Ainda assim, não se cansou de apelar aos povos por paz e reconciliação. Fá-lo, em

<sup>112</sup> Paulo VI, «Discurso do papa Paulo VI na sede da ONU, de 4 de outubro de 1965», 5, acessado a 14 de 2021, [http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651004\\_united-nations.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651004_united-nations.html).

<sup>113</sup> Paulo VI, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz: “Educar-se para a paz através da reconciliação”» (1.º de janeiro de 1970), acessado a 19 de setembro de 2020, [http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/peace/documents/hf\\_p-vi\\_mes\\_19691130\\_iii-world-day-for-peace.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/peace/documents/hf_p-vi_mes_19691130_iii-world-day-for-peace.html).

<sup>114</sup> Paulo VI, «Mensagem para o I Dia Mundial da Paz: 1 de janeiro: Dia Mundial da Paz», acessado a 14 de março de 2021, [http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/peace/documents/hf\\_p-vi\\_mes\\_19671208\\_i-world-day-for-peace.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/peace/documents/hf_p-vi_mes_19671208_i-world-day-for-peace.html).

<sup>115</sup> Paulo VI, «1.º de janeiro: Dia Mundial da Paz...», 15.

1970, na peregrinação apostólica para a Ásia Oriental, a Oceânia e a Austrália, num discurso em que pede o fim dos bombardeamentos no Vietname. O mundo vivia em constante conflito, pois surgiam focos de guerra em várias partes. Na altura, o muro de Berlim insistia em separar a humanidade, causando uma espécie de “guerra fria”. Neste sentido, a Encíclica *Populorum Progressio* afirma que a paz é o caminho para o desenvolvimento e este é o novo nome da paz.<sup>116</sup> Esta afirmação é uma das grandes novidades dessa encíclica.

Na terceira mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz, o Papa Paulo VI volta a reforçar a importância da paz e explica que «a Paz não é algo para ser saboreado; cria-se; a paz não é um nível superior ao qual todos e cada um de nós devemos respirar».<sup>117</sup> Ao longo do seu pontificado, Paulo VI redigiu: em 1976, *As verdadeiras Armas da Paz*; em 1977, *Se queres a Paz, defende a vida*; e, em 1978, *Não à violência, sim à Paz*.

A construção da paz por meio da não-violência ativa é um elemento necessário e coerente com os esforços contínuos da Igreja, a fim de limitar o uso da força através das normas morais, mediante a sua participação nos trabalhos das instituições internacionais e graças à competente contribuição de muitos cristãos para a elaboração da legislação a todos os níveis. O próprio Jesus oferece-nos um “manual” dessa estratégia de construção da paz no chamado Sermão da Montanha.

Como é possível verificar, a paz continua a ser o principal foco de reflexão e de preocupação para o mundo. No anseio pela paz, a ONU proclamou em 1986 o Ano Internacional da Paz. João Paulo II aproveitou a ocasião para tornar pública a iniciativa de uma jornada de oração pela paz em Assis, recordando-nos que não podemos ficar indiferentes perante um problema que toca profundamente o presente e o futuro da humanidade. Assim, sentiu a necessidade de retornar a Assis para com todas as confissões religiosas rezar pela paz, quando a Europa vivia situações de conflitos nos Balcãs em 1993. Meses depois do atentado de 11 de setembro de 2001, o Papa voltou a convidar todos os representantes de todas as igrejas, comunidades e religiões, para uma jornada de oração pela paz.

É interessante perceber que, ao longo da história da Igreja, o magistério da Igreja tem criado momentos de reflexão sobre a paz social. Dando continuidade ao trabalho e facilitando todos os caminhos de busca de paz e reconciliação dos povos, o Papa Emérito Bento XVI deslocou-se a Assis a 17 de junho de 2007, com o intuito de recordar o seu antecessor e renovar o seu compromisso pessoal e eclesial pela paz no espírito de Assis: «A escolha de

---

<sup>116</sup> Paulo VI, «Carta Encíclica *Populorum Progressio*» (Roma, 26 de março de 1967), 83, acessado a 30 de janeiro de 2020,

[http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html).

<sup>117</sup> Paulo VI, «Educar para a Paz através da reconciliação...», 37.

celebrar aquele encontro em Assis era sugerida precisamente pelo testemunho de Francisco como homem de paz, para o qual muitos olham com simpatia também de outras posições culturais e religiosas». <sup>118</sup>

Bento XXI afirmou ser urgente educar os jovens, os construtores de uma sociedade de paz. Motivado por esta preocupação, Bento XVI dedicou a sua mensagem para o Dia Mundial da Paz ao tema: “Educar os jovens para a justiça e para a paz”. <sup>119</sup> O Papa acreditava que, por toda a parte, existia um notável consenso entre os jovens quanto à necessidade da paz. Porém, apelou para que os jovens não se sentissem satisfeitos só com um desejo instintivo de paz. O desejo tinha de ser por eles transformado numa firme convicção moral, que abrangesse a totalidade dos problemas humanos e assente nos valores cuidadosamente preservados. <sup>120</sup> O Papa convidou todos os jovens do mundo a assumirem a responsabilidade da construção de uma paz verdadeira. De forma explícita, fica também patente na mensagem de 2012 a importância da educação, atribuindo responsabilidades aos pais, às famílias, aos educadores e aos formadores, bem como aos responsáveis pelos diversos âmbitos da vida religiosa, social, política, económica, cultural e mediática. Por fim, faz um apelo especial aos jovens:

vós sois um dom precioso para a sociedade. Diante das dificuldades, não vos deixeis invadir pelo desânimo nem vos abandoneis a falsas soluções, que frequentemente se apresentam como caminho mais fácil para superar os problemas. Não tenhais medo de vos empenhar, de enfrentar a fadiga e o sacrifício, de optar por caminhos que requerem felicidade e constância, humildade e dedicação. <sup>121</sup>

Em 2013, na última mensagem do pontificado do Papa Bento XVI, o apelo aos jovens não passou despercebido ao celebrar os obreiros da paz. Para o Papa Bento XVI, «os jovens obreiros da paz com o seu entusiasmo e idealismo podem oferecer uma nova esperança ao

---

<sup>118</sup> Bento XVI, «Homilia do Santo Padre durante a Celebração Eucarística presidida na praça inferior da Basílica de S. Francisco de Assis» (17 de junho de 2007), acedida a 22 de junho de 2021, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20070617\\_assisi.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070617_assisi.html).

<sup>119</sup> Bento XVI, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz: “Educar os jovens para a justiça e para a paz”» (Roma, 8 de dezembro 2011), acedido a 22 de junho de 2021, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20111208\\_xlv-world-day-peace.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20111208_xlv-world-day-peace.html).

<sup>120</sup> Pinto, «Homens para a Paz...», 16.

<sup>121</sup> Bento XVI, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz: “Educar os jovens para a justiça e para a paz”», (Roma, 8 de dezembro 2012, acedido a 31 de janeiro de 2020, [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20111208\\_xlv-world-day-peace.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20111208_xlv-world-day-peace.html).

mundo».<sup>122</sup> Assim, o Papa alerta para a importância da educação dos jovens em função dos valores fundamentais e para a consciencialização destes e de todos os homens e mulheres de que esses valores são os alicerces da sociedade. O Papa Bento XVI define os obreiros da paz como aqueles que amam, defendem e promovem a vida na sua integridade. Desta forma, na visão de Bento XVI, a paz é dom celeste e graça divina, que requer, a todos os níveis, o exercício da nossa responsabilidade maior que é a de conformar — na verdade, na justiça, na liberdade e no amor — a história humana à ordem divina.<sup>123</sup>

Na mesma linha de pensamento, o Papa Francisco, no primeiro ano do seu pontificado, inspirou-se no Livro do Génesis para falar sobre a fraternidade como um dos caminhos para a paz, considerando-a uma dimensão essencial do Homem, na medida em que ele é um ser racional e, na sua racionalidade, deve tratar as pessoas com quem se cruza, como se fosse uma verdadeira irmã e um verdadeiro irmão: «sem tal consciência, torna-se impossível a construção duma sociedade justa, duma paz firme e duradoura».<sup>124</sup>

Na mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2020, o Papa Francisco afirma que, por um lado, a paz é fruto de um grande projeto político alicerçado na responsabilidade mútua e na interdependência dos seres humanos. Por outro, é um desafio que requer uma dedicação constante. A paz é uma conversão do coração e da alma, sendo fácil reconhecer três dimensões indissociáveis desta paz interior e comunitária:

- a paz consigo mesmo, rejeitando a intransigência, a ira e a impaciência e – como aconselhava São Francisco de Sales – cultivando «um pouco de doçura para consigo mesmo», a fim de oferecer «um pouco de doçura aos outros»;
- a paz com o outro: o familiar, o amigo, o estrangeiro, o pobre, o atribulado..., tendo a ousadia do encontro, para ouvir a mensagem que traz consigo;
- a paz com a criação, descobrindo a grandeza do dom de Deus e a parte de responsabilidade que compete a cada um de nós, como habitante deste mundo, cidadão e ator do futuro.<sup>125</sup>

---

<sup>122</sup> Bento XVI, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz...», 1.

<sup>123</sup> Bento XVI, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz: “Na verdade, a paz”», (2006), 4.

<sup>124</sup> Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz: “Fraternidade, Fundamento e Caminho para a Paz”», acedido a 17 de maio de 2021, [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20131208\\_messaggio-xxvii-giornata-mondiale-pace-2014.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-xxvii-giornata-mondiale-pace-2014.html).

<sup>125</sup> Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz: “A Paz como caminho de esperança: diálogo, reconciliação e conversão ecológica”» (1.º de janeiro de 2020), acedido a 19 setembro de 2020, [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20191208\\_messaggio-53giornatamondiale-pace2020.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20191208_messaggio-53giornatamondiale-pace2020.html).

A paz é o grande sonho da humanidade. O próprio Papa Francisco, na sua mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2020, indica a paz como «um bem precioso» e uma meta a ser alcançada, apesar dos obstáculos e das provas:

Abrir e traçar um caminho de paz é um desafio muito complexo, pois os interesses em jogo, nas relações entre pessoas, comunidades e nações, são múltiplos e contraditórios. É preciso, antes de mais nada, fazer apelo à consciência moral e à vontade pessoal e política. Com efeito, a paz alcança-se no mais fundo do coração humano, e a vontade política deve ser incessantemente revigorada para abrir novos processos que reconciliem e unam pessoas e comunidades.<sup>126</sup>

Esse é um programa e um desafio também para os líderes políticos e religiosos, para os responsáveis das instituições internacionais e os dirigentes das empresas e dos meios de comunicação social de todo o mundo: aplicar as bem-aventuranças na forma como exercem as suas responsabilidades. É um desafio a construir a sociedade, a comunidade ou a empresa de que são responsáveis com o estilo dos obreiros da paz, a dar provas de misericórdia e a recusar-se a descartar as pessoas, danificar o meio ambiente e querer vencer a todo o custo.<sup>127</sup>

Segundo o Papa Francisco, a raiz da fraternidade, que é o segredo da paz, está, afinal, em todos nós, porque todos somos irmãos e a fraternidade reside na paternidade de Deus. Afirmo que a fraternidade ajuda a guardar e a cultivar a natureza. Na sua Encíclica *Laudato si'*, aborda a temática da natureza e da necessidade de cuidarmos dela com respeito.<sup>128</sup> O Papa Francisco faz-nos entender que todas as medidas que se possam vir a empreender em função do salvamento e da manutenção da casa comum só poderão ter o efeito desejado se as gerações vindouras crescerem conscientes da importância da natureza e da necessidade de salvaguardá-la. Por isso, o Papa faz um forte apelo à humanidade para mudar a sua atitude e para apostar na educação como veículo de formação para uma consciência comum, capaz de

---

<sup>126</sup> Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz: “A paz como caminho de esperança: diálogo, reconciliação e conversão ecológica”» (1.º de janeiro de 2020). Acedido a 30 de janeiro de 2020. [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20191208\\_messaggio-53giornatamondiale-pace2020.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20191208_messaggio-53giornatamondiale-pace2020.html).

<sup>127</sup> Cf. Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz: “A não-violência: estilo de uma política para a paz”» (1.º de janeiro de 2017), [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20161208\\_messaggio-1-giornata-mondiale-pace-2017.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20161208_messaggio-1-giornata-mondiale-pace-2017.html).

<sup>128</sup> Francisco, Carta Encíclica *Laudato si'* (Apelação: Paulus, 2015).

entender o verdadeiro significado da expressão “casa comum” e de entender que o futuro de todos depende do cuidado que lhe for prestado.

### 3. O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES: A FAMÍLIA, A ESCOLA E A IGREJA NA PROMOÇÃO DA PAZ

Educar para a paz exige a colaboração de todos os intervenientes da educação, a saber, a família, a escola e a Igreja. Estas complementaridades contribuem para o desenvolvimento integral dos alunos. Porém, importa salientar que a educação começa no seio da família. Por isso, Bento XVI afirma que «a família é célula originária da sociedade. É na família que os filhos aprendem os valores humanos e cristãos que permitem uma convivência construtiva e pacífica. É na família que aprendem a solidariedade entre as gerações, o respeito pelas regras, o perdão e o acolhimento do outro. Esta é a primeira escola, onde se educa para a justiça e a paz». <sup>129</sup> Na sua XXVII mensagem para o Dia Mundial da Paz, Paulo VI afirma:

a família, enquanto fundamental e indispensável comunidade educadora, é o veículo privilegiado para a transmissão daqueles valores religiosos e culturais que ajudam a pessoa a adquirir a própria identidade. Baseada no amor e aberta ao dom da vida, a família leva em si o futuro mesmo da sociedade; tarefa sua muito particular, é a de contribuir eficazmente para um futuro de paz. <sup>130</sup>

Não obstante, o Papa diz que, «em contraste com a sua original vocação de paz, a família revela-se, infelizmente e tantas vezes, lugar de tensão e prepotência, ou então vítima inerte das numerosas formas de violência que caracterizam a sociedade atual». <sup>131</sup> Termina a sua mensagem, fazendo referência ao documento *Familiaris consortio*, fazendo um apelo a todas famílias cristãs a tornarem-se naquilo que são: «íntima comunidade da vida e do amor conjugal, chamada a dar amor e a transmitir a vida! E que a sua missão é contribuir para a construção da paz, bem indispensável ao respeito e desenvolvimento da própria vida humana». <sup>132</sup>

---

<sup>129</sup> Bento XVI, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz: “Educar os jovens...”», 2.

<sup>130</sup> João Paulo II, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz, “Da família nasce a paz da família humana”» (Roma, 8 de dezembro 1993), acessado a 21 de junho de 2021, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_08121993\\_xxvii-world-day-for-peace.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_08121993_xxvii-world-day-for-peace.html).

<sup>131</sup> João Paulo II, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz: “Da família nasce...”», 3.

<sup>132</sup> João Paulo II, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz: “Da família nasce...”», 6.

A família tem um papel preponderante na educação dos jovens para a sua inserção na vida pública. Essa tarefa sucede com a colaboração indispensável da escola e da Igreja, além de outras instituições, para a realização plena das pessoas e para o progresso social e cultural de cada país.<sup>133</sup> A paz começa com o indivíduo e espalha-se para a família, a escola, a comunidade, a nação e a aldeia.<sup>134</sup>

João Paulo II, na sua mensagem para o Dia Mundial da Paz, chama atenção para o seguinte: «A construção da paz, com efeito, não pode prescindir do reconhecimento e da promoção da dignidade pessoal das mulheres, chamadas a cumprir uma tarefa própria e insubstituível na educação para a paz». O Papa faz um apelo a todos para refletirem sobre a importância decisiva do papel das mulheres na família e na sociedade e para escutarem as aspirações de paz que elas exprimem com palavras e gestos e, nos momentos mais dramáticos, com a muda eloquência da sua dor.<sup>135</sup> Para o papa Bento XVI, a família é a grande responsável por educar para a paz, como se relê:

Por isso, a família é a primeira e insubstituível educadora para a paz. Não admira, pois, que a violência, quando perpetuada em família, seja sentida como particularmente intolerável. Deste modo, quando se diz que a família é «a primeira célula vital da sociedade», afirma-se algo de essencial. A família é fundamento da sociedade inclusivamente *porque permite fazer decisivas experiências de paz*. Devido a isso, a comunidade humana não pode prescindir do serviço que a família realiza.<sup>136</sup>

De acordo com o desafio da educação, a família apresenta-se como «a primeira e fundamental escola de sociabilidade», a primeira e fundamental escola de paz. Não é difícil, pois, intuir as consequências dramáticas que advêm quando a família se vê marcada por crises profundas, que minam ou até abalam os equilíbrios internos. Frequentemente, nessas circunstâncias, as mulheres são deixadas sozinhas. No entanto, é necessário que elas sejam adequadamente ajudadas não só pela solidariedade concreta de outras famílias, comunidades de carácter religioso, grupos de voluntariado, mas também pelo Estado e pelas organizações internacionais, mediante estruturas apropriadas de apoio humano, social e económico, que

---

<sup>133</sup> Cf. Manuel Miguéns, *Educação e Família: seminários e colóquios* (Lisboa: Conselho Nacional de Educação; Editorial do Ministério da Educação, 2005), 15-16.

<sup>134</sup> Cf. Yusuf, «Integrando os princípios de paz...», 513.

<sup>135</sup> João Paulo II, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz: “Mulher, educadora de paz”», 4, 1995.

<sup>136</sup> Bento XVI, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz: “A família humana, comunidade de paz”», 3, 2008.

lhes permitam encarar as necessidades dos filhos, sem se verem obrigadas a privá-los excessivamente da sua indispensável presença.<sup>137</sup>

O Papa recorda a importância e o papel fundamental que tem a educação entre as crianças e os jovens, tanto por parte das famílias como por parte das escolas:

Os meninos aprendem muito cedo a conhecer a vida. Observam e imitam o modo de agir dos adultos. Aprendem rapidamente o amor e o respeito pelos outros, mas assimilam, com a mesma prontidão, o veneno da violência e do ódio. A experiência obtida em família influenciará intensamente os comportamentos que assumirão quando adultos. Portanto, se a família é o primeiro lugar onde se abrem ao mundo, ela deve ser para eles a primeira escola de paz. [...] Mas, além da educação familiar sem dúvida fundamental, as crianças têm direito de receber uma formação específica para a paz, na escola e demais estruturas educativas, que têm a missão de levá-las, gradualmente, a compreender a natureza e as exigências da paz, no âmbito do seu mundo e da sua cultura. É necessário que elas aprendam a história da paz, e não só a das guerras vencidas ou perdidas.<sup>138</sup>

Diante desse desafio, a 8 de outubro de 2013, o Papa Francisco convocou a III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos, com o propósito de ponderar «os desafios pastorais da família no contexto da evangelização».<sup>139</sup> Acredito que não poderia ser outra temática a não ser esta, uma vez que a família vive em uma sociedade em constantes transformações, que, de certa forma, acabam por afetar a própria família. É importante frisar que, nesse turbilhão de transformações, todas as instituições que geriam a construção da identidade social foram afetadas: «o Estado, os partidos políticos, os sindicatos, a escola, a Igreja e, em particular, a família, instituição de socialização por excelência, que sempre desempenhou um papel primordial na transmissão e socialização dos princípios e conhecimentos religiosos e onde se concentram a maior parte dessas transformações».<sup>140</sup>

Contudo, já não podemos conceber a família como o simples organismo de reprodução da espécie humana. É necessário reconhecer os novos dispositivos de aliança que sustentam a

---

<sup>137</sup> Cf. João Paulo II, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz...», 7, 1995.

<sup>138</sup> João Paulo II, «Dêmos às crianças um futuro de paz», 7-8, 1996.

<sup>139</sup> Francisco, «Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*» (Roma, 8 de abril de 2016), acessado a 12 de setembro de 2020, [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20160319\\_amoris-laetitia.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html).

<sup>140</sup> A. Teixeira, *Patrimônio religioso e transmissão cultural: guia para o estudo* (Lisboa: UCP, 2019).

família enquanto instituição social. Importa, todavia, refletir acerca de algumas situações que hoje interferem na família e que a levam a precisar de apoio na sua função educativa. Atualmente, em consequência de um horário laboral muito preenchido e de outros fatores, os pais encontram-se limitados de promover a educação no lar. Assim, a escola e a igreja detêm uma grande importância na educação e, em especial, no âmbito da EMRC, porque, para além de apontar para os verdadeiros valores, também é o termómetro da própria sociedade. Não obstante essas circunstâncias, a família é sempre a primeira sociedade natural, «uma instituição divina colocada como fundamento da vida das pessoas, como protótipo de todo o ordenamento social».<sup>141</sup>

O Sínodo dos Bispos reconhece a dedicação de muitos pais e educadores que se esforçam profundamente por assegurar a transmissão dos valores, não obstante as dificuldades do contexto cultural. Em várias regiões, o papel dos idosos e a reverência pelos antepassados constituem um pilar da educação e contribuem vigorosamente para a formação da identidade pessoal. Também a família alargada — que, em determinadas culturas, é a família em sentido próprio — desempenha um papel importante. Porém, alguns jovens sentem as tradições familiares como opressivas e abandonam-nas sob a influência de uma cultura globalizada que, às vezes, os deixa sem pontos de referência. Noutras regiões do mundo, entre jovens e adultos não existe um conflito geracional propriamente dito, mas, sim, um alheamento recíproco. Às vezes, os adultos não procuram ou não conseguem transmitir os valores fundamentais da existência, ou, então, assumem estilos tipicamente juvenis, transtornando o relacionamento entre as gerações. Desse modo, a relação entre jovens e adultos corre o risco de se deter no plano afetivo, sem tocar as dimensões educativa e cultural.<sup>142</sup>

Em tempos recentes, percebem-se tentativas de ofuscar a Igreja ou de simplesmente apagar da sociedade quaisquer vestígios religiosos. Acredito que isso se tornará impossível, porque esses vestígios estão enraizados no nosso quotidiano. Essas tentativas revelam a vontade de mexer com as raízes da cultura. Nestas circunstâncias, a Igreja não é a única instituição afetada e, juntamente com a escola, é convocada a enfrentar esses desafios. Em uma sociedade que enfrenta diversas crises de valores éticos e morais próprios do ser humano, a escola é também chamada a criar ambientes saudáveis e formar para os autênticos valores, criar ambientes escolares com «parâmetros claros sobre o sentido a dar a vida, sobre o

---

<sup>141</sup> Papa Bento XVI, «Mensagem para a Dia Mundial da Paz: “Família humana, Comunidade de Paz”», 2008.

<sup>142</sup> Cf. Sínodo dos Bispos, «XV Assembleia Geral Ordinária “Os jovens, a fê e o discernimento vocacional”», documento final, 27 de outubro de 2018, Cidade do Vaticano.

relacionamento saudável com os outros, sobre os valores que informam uma vivência cívica equilibrada, enfim, toda uma dimensão espiritual complementar das vivências em família».<sup>143</sup>

A família é, como sublinha o Papa Francisco na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, a «alegria do amor» donde nasce a dádiva de Deus, que são os filhos, que vêm pôr as famílias à prova e propor-lhes o desafio educativo, que se tornou ainda mais difícil e complexo por causa da realidade cultural actual e da grande influência dos meios de comunicação.<sup>144</sup> Esse desafio é cada vez mais complexo em face da realidade atual, marcada pela globalização, pela mediatização e pela informação à velocidade da luz. As crianças aprendem cedo a questionar os ensinamentos dos pais. Hoje, deparamo-nos com uma sociedade narcisista, em que a nova geração se perde dentro de si própria. As crianças, os adolescentes e os jovens crescem num ambiente onde a cultura religiosa não ocupa um lugar de destaque. A sociedade contemporânea vive um elevado grau de iliteracia religiosa relativamente a rituais, tradições, símbolos e conteúdos. Temos uma sociedade profundamente secularizada, querendo esquecer as suas raízes cristãs e negar o aspeto religioso da vida. Como consequência dessa negação, a humanidade vive um grande vazio existencial.

A esse propósito, os bispos de Québec, no Canadá, salientam que, apesar de a fé cristã já não ocupar um lugar de destaque na vida real desses jovens, as novas gerações procuram dar um sentido às suas vidas e continuam a colocar-se as grandes questões sobre a existência humana. Desse modo, não podemos propor o Evangelho, a Boa Nova de Jesus Cristo, como um acontecimento a transmitir, mas, sim, como uma resposta às grandes questões que os jovens lançam a si próprios.<sup>145</sup> Os jovens crescem em contacto com uma multiplicidade de etnias, línguas, religiões, comportamentos, subjetividades e identidades. Notam a diversidade dentro das famílias, das escolas e da comunidade católica. Já não há uma única palavra, uma única língua, uma única opção possível. Paradoxalmente, esse pluralismo pode levar à indiferença, por um lado, e à tolerância e à liberdade, por outro.<sup>146</sup> À vista disso, o documento orientador da assembleia dos bispos de Québec pretende oferecer pontos de referência e itinerários a seguir na hora de propor a fé aos jovens de hoje, uma vez que devemos ter uma resposta estruturada a partir dos desafios que a Igreja Católica propõe aos jovens na vivência da sua espiritualidade enraizada na espiritualidade cristã.

---

<sup>143</sup> Maria João Avillez Ataíde, «Quando se espera que os professores sejam pais... e as mães», *Communio* 26, nº 4 (2009): 458.

<sup>144</sup> Cf. *Amoris Laetitia*, n.º 84.

<sup>145</sup> Asamblea de los Obispos de Québec, «Propener hoy la fé a los jóvenes: una fuerza para vivir», Asamblea de los Obispos de Québec: Documento de orientación. (2000): 2, acedido a 9 de fevereiro de 2020, [http://www.ciudadredonda.org/admin/upload/File/jovenes/proponer\\_fe\\_jovenes.pdf](http://www.ciudadredonda.org/admin/upload/File/jovenes/proponer_fe_jovenes.pdf).

<sup>146</sup> Asamblea de los Obispos de Québec, «Propener hoy la fé a los jóvenes...», 4.

A Igreja Católica tem feito um caminho de abertura aos jovens com o intuito de encontrar respostas aos tantos desafios que a nova geração nos coloca. Segundo o sínodo dos bispos, essa abertura exige o abandono de esquemas pré-fabricados, indo ao encontro dos jovens onde eles estão, adaptando-se aos seus tempos e aos seus ritmos. Isso também implica levá-los a sério na tarefa de decifrar e, sempre que necessário, de transformar positivamente a realidade em que vivem, no esforço de construir a própria história e um propósito para as suas vidas.

Através do referido sínodo, a Igreja Católica reitera o seu desejo de encontrar, acompanhar e cuidar dos jovens a partir da fé e da tradição católica, apresentando algumas considerações com o claro objetivo de assisti-los no seu discernimento vocacional e na assunção das opções fundamentais da vida, a partir da consciência da índole irreversível de algumas delas. Neste sentido, toda a comunidade cristã deve incumbir-se de educar as novas gerações, reconhecer as muitas figuras de cristãos envolvidos na missão e comprometidos com a vida eclesial e apreciar os esforços de quem dá testemunho de vida e da alegria que brota nos lugares da vida quotidiana.

A Igreja Católica oferece aos jovens lugares específicos de encontro e de formação cultural, de educação, de evangelização, de celebração e de serviço, colocando em primeira linha uma hospitalidade aberta a todos e a cada um. Propõe às gerações mais novas alguns eventos e experiências específicas com o intuito de viverem a sua espiritualidade ancorada na espiritualidade cristã. A nível global, sobressaem as Jornadas Mundiais da Juventude, que congregam milhares de jovens. A nível local, as paróquias viabilizam espaços, atividades, tempos e percursos para esse segmento social. A vida sacramental promove ocasiões fundamentais para crescer na capacidade de receber a dádiva de Deus na própria existência e convida todos à participação ativa na missão eclesial. Um sinal de atenção ao mundo dos jovens são os centros juvenis e os oratórios.

As universidades e as escolas católicas, com o seu precioso serviço cultural e formativo, constituem outro instrumento da Igreja Católica de inserir-se entre os jovens. As atividades sociais e de voluntariado oferecem a oportunidade de colocar-se em jogo no serviço generoso. O encontro com pessoas em situação de pobreza e de exclusão social pode ser uma ocasião favorável ao crescimento espiritual e ao discernimento vocacional: a partir deste ponto de vista, os pobres convertem-se nos portadores da “Boa Notícia” de que a fragilidade é o lugar em que se realiza a experiência da salvação.

As associações e os movimentos eclesiais, bem como os muitos lugares de espiritualidade, propõem aos jovens sérios percursos de discernimento. Destacam-se também

as experiências missionárias, que são momentos de serviço generoso e de intercâmbio fecundo. Por fim, podemos citar a redescoberta da peregrinação como forma e estilo de caminho que se nos parece válida e promissora. A Igreja tem contribuído de muitas maneiras para a educação e tem manifestado preocupação em dar resposta ao que a sociedade exige nas mais variadas situações, tendo em conta a evolução da mesma. Deve-se refletir sobre os vários documentos da Igreja, nomeadamente, cartas pastorais, declarações e mensagens para o Dia Mundial da Paz, que, amiúde, fazem referência à educação para a paz. Vale recordar a parceria do Estado Vaticano com o Estado Português no âmbito da negociação da revisão da concordata da Santa Sé, assinada a 7 de maio de 1940, decretando a presença da disciplina de EMRC nas escolas primárias, preparatórias e secundárias. Esse foi um grande contributo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho.<sup>147</sup>

Nesse sentido, em 2006, a Conferência Episcopal Portuguesa publicou um documento sobre a EMRC, com o tema “Um valioso contributo para a formação da personalidade”, reconhecendo o contributo da EMRC para desenvolvimento das crianças, dos adolescentes e dos jovens, parte do reconhecimento da «componente religiosa como factor insubstituível para o crescimento em humanidade e em liberdade».<sup>148</sup> Nessa perspetiva, a EMRC ajuda a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida e mostra que «o Evangelho de Cristo oferece uma verdadeira e plena resposta, cuja fecundidade inexaurível se manifesta nos valores de fé e de humanidade, expressos pela comunidade crente e arraigados no tecido histórico e cultural das populações da Europa».<sup>149</sup> O mesmo documento ainda afirma que a dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana. Por isso, não haverá educação integral, se a mesma não for tomada em consideração, nem se compreenderá verdadeiramente a realidade social, sem o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências culturais. A EMRC tem, pois, um alcance cultural e «um claro valor educativo».

A Igreja está consciente de que a educação passa também pela responsabilidade de cada um de nós na construção da paz. Na Carta Encíclica *Populorum Progressio*, o Papa Paulo VI atribui a responsabilidade a todos os educadores, instituições internacionais, homens de Estado, editores e jornalistas na promoção do bem comum. Aos educadores deixa um apelo: «compete-vos a vós estimular, desde a infância, o amor para com os povos que vivem

---

<sup>147</sup> Cf. Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, Lei de Bases de Sistema Educativo, Artigo 2.º, §4.

<sup>148</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo...», 4.

<sup>149</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo...», 5.

na miséria».<sup>150</sup> Neste sentido, o Papa Paulo VI escreveu a sua terceira mensagem para o Dia Mundial da Paz, intitulada “Educar-se para a paz através da reconciliação”, em 1970, e a sua décima segunda, com o tema “Para alcançar a paz, educar para a paz”, em 1979. Com o Papa Bento XVI, em 2012, refletiu-se sobre “Educar os jovens para a justiça e a paz”. E, finalmente, em 2020, o Papa Francisco apresentou-nos “[a] paz como caminho de esperança: diálogo, reconciliação e conversão ecológica”, uma mensagem intrinsecamente ligada à educação.

Vale frisar que, na própria Unidade Curricular de EMRC, no segundo ciclo, há uma UL sobre “a paz universal”, ou seja, a paz como um grande sonho da humanidade. Nessa UL, abordam-se as situações das falências da paz, as várias organizações, instituições e movimentos que, ao longo do tempo, surgiram com o intuito de promover a paz entre as pessoas. Apresenta-se ainda a mensagem sobre a paz na literatura bíblica. Entretanto, alude-se sempre ao seu carácter transversal, tanto no que toca às diferentes esferas da vida quanto às disciplinas do currículo escolar. De acordo com Jares Xesus, a educação para a paz como dimensão transversal do currículo afeta todos os seus elementos e etapas educativas. Os temas transversais fazem referência a um tipo de ensinamento que deve ser recolhido em todos as áreas das etapas pedagógicas, o que dimensiona a sua influência em todos os elementos do currículo.<sup>151</sup>

Segundo Carlos António Ruiz Ortiz, a construção de uma teologia da paz e a sua cultura passam necessariamente por um compromisso renovado de mulheres e homens por um mundo que toma a sério a paz e a justiça social, assim como o meio ambiente e a sua biodiversidade.<sup>152</sup> Seria um equívoco jogar nos ombros da educação toda a responsabilidade pela construção de uma cultura de paz. Apesar disso, importa reconhecer que os educadores, quando capacitados, desempenham um papel fundamental na educação para a paz. Diante da complexidade das relações entre o sistema educacional e a sociedade e entre a reflexão e a ação educativas, esses profissionais têm o privilégio e a responsabilidade de gerenciar as características das culturas locais e a sua abertura a valores e horizontes universais. Na caminhada por uma educação para a cidadania e uma cultura de paz, o educador, como sujeito da práxis pedagógica, exerce um papel crucial, porque uma das suas tarefas é fazer com que a educação seja crítica, permitindo situar e compreender os problemas no todo da estrutura social. Urge que a escola crie condições para promover atos positivos para o desenvolvimento

---

<sup>150</sup> Paulo VI, Carta Encíclica *Populorum Progressio*, 82, acessido a 30 de janeiro de 2020, [http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html).

<sup>151</sup> Cf. Jares Xesus, *Educar para a paz em tempos difíceis* (São Paulo: Palas Athena, 2007), 46.

<sup>152</sup> Carlos Antonio Ruiz Ortiz, «Teología y Cultura de Paz: Aportes para una teología de paz y su cultura», *Cultura de Paz* 20, n.º 62 (2014): 17-24.

da paz. Entretanto, julgo crucial a intervenção dos pais, dos professores, dos encarregados de educação, da direção da escola e da própria sociedade, não desvalorizando o papel do Estado na educação para a paz.

Neste sentido, em 1995, os ministros da educação a nível internacional reuniram-se em Genebra, na 44.<sup>a</sup> sessão da Conferência Internacional sobre a Educação, com o intuito de ponderar a urgência da educação para paz. Os ministros da educação reconheceram que era urgente inserir a educação para paz no currículo e que o «objetivo último da educação para a paz, os direitos humanos e a democracia e o desenvolvimento, em cada indivíduo, do senso de valores universais e tipos de comportamentos sobre os quais uma cultura de paz se baseia. É possível identificar, até mesmo em contextos socioculturais distintos, valores que possam ser reconhecidos universalmente».<sup>153</sup> Para dar seguimento ao plano proposto na sessão da Conferência Internacional, surgiu em 2014 o Referencial de Educação para a Segurança, Defesa e Paz, um documento orientador para a implementação da educação para a segurança, a defesa e a paz na educação pré-escolar e nos ensinos básicos e secundários.<sup>154</sup>

#### 4. CONSTRUÇÃO DO BEM COMUM COMO CAMINHO PARA A CONSTRUÇÃO DA PAZ

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* define o bem comum como o conjunto das condições da vida social que permite tanto aos grupos como a cada membro alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição. Hoje esse conjunto de condições torna-se cada vez mais universal e, por isto, implica direitos e deveres que dizem respeito a todo o género humano. Cada grupo deve ter em conta as necessidades e as legítimas aspirações dos outros grupos e mesmo o bem comum de toda a família humana.<sup>155</sup> Desta forma, a Igreja amplia o panorama para chegar a todas as pessoas, incluindo os não crentes. Carlos Matallana e Santiago González consideram que somente assim será possível superar o sectarismo e afirmar uma compreensão mais profunda da interconexão da humanidade, independentemente da sua religião.<sup>156</sup> Esta compreensão está claramente expressa na Encíclica *Redemptor Hominis*:

---

<sup>153</sup> «Declaração da 44.<sup>a</sup> Sessão da Conferência Internacional sobre a Educação» (Genebra, outubro de 1994), 8, acedido a 20 de junho de 2021, <http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001128/112874por.pdf>.

<sup>154</sup> Cf. Ministério da Educação e Ciência, *Referencial de Educação para a Segurança, a Defesa e a Paz* (Lisboa: Ministério da Educação e Ciência, 2014), 5.

<sup>155</sup> Cf. *Gaudium et Spes*, 26.

<sup>156</sup> Cf. Carlos Justino Matallana e Andrés Sierra Santiago González, «El bien común en la esfera de la teología, la ética y moral social», *Revista Albertus Magnus* 9, n.º 1 (2018).

Devemos buscar a união, portanto, sem nos deixarmos vencer pelo desânimo perante as dificuldades que se possam apresentar ou acumular ao longo de tal caminho; caso contrário, não seríamos fiéis à palavra de Cristo, não executaríamos o Seu testamento. E será lícito correr um tal risco? Há pessoas que, encontrando-se diante das dificuldades, ou julgando negativos os resultados dos trabalhos iniciais no campo ecuménico, teriam tido vontade de voltar atrás [...]. A verdadeira atividade ecuménica comporta abertura, aproximação, disponibilidade para o diálogo e busca em comum da verdade no pleno sentido evangélico e cristão.<sup>157</sup>

Foi precisamente com este trecho inspirador que o Papa João Paulo II começou a nortear os primeiros passos para a união dos cristãos, o tão esperado acontecimento que acabou por ter lugar em Assis no dia 27 de outubro de 1986. A jornada foi uma iniciativa do Papa João Paulo II ante o facto de 1986 ter sido declarado como o Ano Internacional da Paz pela ONU. Esse encontro dos líderes religiosos para rezarem pela paz foi, sem dúvida, um passo significativo na abertura da Igreja às outras religiões. Foi o concretizar de um sonho almejado. Salientamos que o encontro de Assis não aconteceu de maneira acidental ou por um acaso, mas, sim, após o trabalho da Igreja ao longo dos anos, desde o Concílio Vaticano II. O encontro de Assis teve três momentos distintos: o primeiro, quando os representantes das religiões presentes foram acolhidos pelo Papa na Basílica de Santa Maria dos Anjos; o segundo, quando os vários grupos religiosos se dirigiram separadamente para diversos locais da cidade de Assis, onde puderam rezar na fidelidade às suas próprias crenças; e, por fim, o terceiro, quando formaram um cortejo e seguiram rumo à praça inferior situada em frente da Basílica de São Francisco, onde decorreu a oração pela paz. Podemos dizer que este foi o mais esperado e bastante simbólico, pelo facto de todos rezarem em conjunto, numa praça central da cidade. Cada grupo teve a oportunidade de rezar e ser escutado pelos outros.<sup>158</sup>

Segundo José Antunes da Silva, o encontro em Assis revelou a «imagem de uma Igreja empenhada na promoção da unidade e da paz entre os povos do mundo. De facto, a Igreja assume uma missão verdadeiramente católica, no sentido de acolher, convocar, gerar movimentos de aproximação e de comunhão entre pessoas, culturas e religiões»,<sup>159</sup> pois todas as religiões têm responsabilidade e um papel indispensável nesta tarefa. Embora cientes de que o caminho é longo, o encontro foi revelador de fraternidade e de anseio por um mundo

---

<sup>157</sup> João Paulo II. «Carta Encíclica *Redemptor hominis*» (Roma, 4 de março de 1979), 6.

<sup>158</sup> Cf. José Antunes da Silva, «O encontro de Assis: marco simbólico do diálogo inter-religioso», *Theologica* 41, n.º 2 (2006): 294.

<sup>159</sup> Antunes da Silva, «O encontro de Assis...», 294.

sedento de paz e mostrou que a oração, nomeadamente a oração multirreligiosa, possui um contributo importante para fazer do mundo um local mais pacífico e justo.<sup>160</sup> Antunes da Silva corrobora: «rezando pela paz, as religiões professam publicamente que a paz é mais do que um fruto dos esforços humanos e das políticas dos governos. Antes de mais, a paz é um dom de Deus que, através do Seu Espírito, vai mudando o coração dos homens».<sup>161</sup> Foi precisamente esse o “espírito” que se viveu no encontro de Assis. O Papa João Paulo II reconhece que a crença dos membros das outras religiões é feita «do Espírito da verdade operante para além das fronteiras visíveis do Corpo Místico». Esta ideia está presente no parágrafo 53 da Encíclica *Dominum et Vivificantem*, dedicada ao Espírito Santo:

É necessário retroceder no tempo, abarcar toda a acção do Espírito Santo mesmo antes de Cristo, desde o princípio, em todo o mundo e, especialmente, na economia da Antiga Aliança. Esta ação, de facto, em todos os lugares e em todos os tempos, ou antes, em cada homem, desenrolou-se segundo o eterno desígnio de salvação, no qual ela anda estreitamente unida ao mistério da Encarnação e da Redenção; este mistério já tinha exercido a sua influência naqueles que acreditavam em Cristo que havia de vir.<sup>162</sup>

O encontro de Assis foi o início de muitos outros encontros da união de esforços das religiões em favor da paz e de outros projetos comuns. Na perspetiva de Antunes da Silva, o encontro de Assis foi relevante no que concerne aos quatro elementos identificadores, que passo a citar: «o compromisso com a paz, o papel das religiões como meio para captar o divino, o fim do exclusivismo e o compromisso com o diálogo inter-religioso».<sup>163</sup>

A preocupação pelo bem comum elimina as fronteiras não só entre o crente cristão e o não cristão, mas também entre as nações.<sup>164</sup> Esta compreensão está alinhada com a compreensão dos direitos humanos. João Paulo II vai mais longe, substituindo em alguns dos seus escritos o termo “bem comum” por “direitos humanos”, como cita na sua Carta Encíclica *Centesimus Annus*:

---

<sup>160</sup> Cf. Antunes da Silva, «O encontro de Assis...», 297.

<sup>161</sup> Antunes da Silva, «O encontro de Assis...», 284.

<sup>162</sup> João Paulo II, «Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*» (Roma, 1986), 53.

<sup>163</sup> Antunes da Silva, «O encontro de Assis...», 282

<sup>164</sup> Cf. Matallana e Gonzalez, «El bien común en la esfera de la teología...», 98.

Em ambientes fortemente ideologados, onde a filiação partidária ofuscava o sentimento da dignidade humana comum, a Igreja, com simplicidade e coragem afirmou que todo o homem, — sejam quais forem as suas convicções pessoais — traz gravada em si a imagem de Deus e, por isso, merece respeito.<sup>165</sup>

O bem comum é parte integrante dos direitos humanos, como expressou Bento XVI no seu discurso aos membros da Assembleia Geral da ONU, no âmbito da celebração do sexagésimo aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que teve lugar em Nova Iorque, a 18 de abril de 2008:

[a] vida da comunidade, a nível quer interno quer internacional, mostra claramente como o respeito dos direitos e as garantias que deles derivam sejam medidas do bem comum que servem para avaliar a relação entre justiça e injustiça, desenvolvimento e pobreza, segurança e conflito. A promoção dos direitos humanos permanece a estratégia mais eficaz para eliminar as desigualdades entre Países e grupos sociais, assim como para um aumento da segurança. Certamente, as vítimas das privações e do desespero, cuja dignidade humana é violada impunemente, são presa fácil da chamada à violência e podem tornar-se em primeira pessoa violadoras da paz.<sup>166</sup>

Esta seria a grande preocupação do Papa Bento XVI: a necessidade de resgatar o papel da solidariedade. Considero ainda importante referir a homilia do Papa Bento XVI durante a celebração eucarística presidida na praça inferior da basílica de São Francisco, aquando da sua visita a Assis em 2007. Vale sublinhar um aspeto referido pelo Papa Bento XVI, que afirmou que falar da conversão significa ir ao «centro da mensagem cristã e ao mesmo tempo às raízes da existência humana».<sup>167</sup>

---

<sup>165</sup> João Paulo II, Carta Encíclica *Centesimus Annus* (Roma, 1991), 22.

<sup>166</sup> Bento XVI, «Encontro com os membros da Assembleia Geral das Nações Unidas», acedido a 14 de fevereiro de 2021, [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/april/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20080418\\_un-visit.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20080418_un-visit.html).

<sup>167</sup> Bento XVI, «Homilia do Santo Padre durante a Celebração Eucarística presidida na praça inferior da Basílica de S. Francisco de Assis» (17 de junho de 2007), acedida a 22 de junho de 2021, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20070617\\_assisi.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070617_assisi.html).

Viajando até à Idade Média, pode-se dizer que a ideia tomista de bem comum contempla a solidariedade social. Assim, também recorda o compêndio da Doutrina Social da Igreja:

[A] solidariedade eleva-se ao grau de *virtude social* fundamental, uma vez que se coloca na dimensão da justiça, virtude orientada por excelência para o *bem comum*, e na «aplicação em prol do bem do próximo, com a disponibilidade, em sentido evangélico, para “perder-se” em benefício do próximo em vez de o explorar, e para “servi-lo” em vez de o oprimir para proveito próprio.<sup>168</sup>

Neste contexto, o Papa Francisco afirma: «O bem comum requer a paz social, isto é, a estabilidade e a segurança e a segurança de uma certa ordem, que não se realiza sem atenção particular à justiça distributiva, cuja violação gera sempre violação. Toda a sociedade, especialmente o Estado, tem a obrigação de defender e promover o bem comum».<sup>169</sup> Como afirma o Papa Francisco, nas condições atuais da sociedade mundial, onde existem tantas desigualdades e cada vez mais pessoas privadas de direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres. Neste sentido, o Papa Bento XVI corrobora:

Depois, é preciso ter em grande consideração o *bem comum*. Amar alguém é querer o seu bem e trabalhar eficazmente pelo mesmo. Ao lado do bem individual, existe um bem ligado à vida social das pessoas: o bem comum. É o bem daquele «nós-todos», formado por indivíduos, famílias e grupos intermédios que se unem em comunidade social. Não é um bem procurado por si mesmo, mas para as pessoas que fazem parte da comunidade social e que, só nela, podem realmente e com maior eficácia obter o próprio bem. Querer o *bem comum* e trabalhar por ele é *exigência de justiça e de caridade*. Comprometer-se pelo bem comum é, por um lado, cuidar e, por outro, valer-se daquele conjunto de instituições que estruturam jurídica, civil, política e

---

<sup>168</sup> Pontifício Conselho «Justiça e Paz», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n.º 193, acessido a 16 de 2021, [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_c ompendio-dott-soc\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_c ompendio-dott-soc_po.html).

<sup>169</sup> Francisco, Carta Encíclica *Laudato si'* (Apelação: Paulus, 2015), n.º 157.

culturalmente a vida social, que deste modo toma a forma de *polis*, cidade.<sup>170</sup>

A ideia de bem comum a partir da convivência na *polis* é recuperada de Aristóteles. O “indivíduo” aristotélico não é um ser isolado (particular). Está necessariamente vinculado aos outros homens, na busca e na realização dos seus próprios bens. Por enquanto, somente a organização comunitária na cidade (esfera pública) permitiria a realização plena da vida racional legada ao homem pela própria natureza das coisas. O homem, individualmente, jamais poderá bastar-se a si mesma e atingir a sua finalidade suprema (felicidade). Isso somente poderá ser alcançado por meio da ação política virtuosa na cidade. Essa é a noção-chave do conceito aristotélico de bem comum: a convivência humana na *polis*, garantidora do desenvolvimento moral do cidadão e estrada que conduz o homem ao bem supremo da felicidade, por meio da virtuosa ação política na esfera pública. Eis o conceito aristotélico de bem comum, a medida da felicidade na qualidade de bem supremo, atingível por meio de uma política virtuosa, restando indissociáveis a felicidade individual e a coletiva, já que ao homem somente é dado alcançar a plenitude e a suprema felicidade pela senda da vida política virtuosa (esfera pública).<sup>171</sup> A ideia de felicidade é igualmente discutida por Helena Marujo, L. Neto e Mafalda Casais,<sup>172</sup> trazendo uma reflexão coletiva, relativamente a questão da felicidade pública. De igual forma, o Despacho 3118/2018 da conta das comemorações do Dia Internacional da Felicidade. Recentemente, durante o World Government Summit, Portugal fez parte do grupo fundador de países que subscreveram a Declaração Conjunta da Coligação Global para a Felicidade, com o intuito de promover o desenvolvimento e bem-estar social.<sup>173</sup>

Neste contexto, o Papa Francisco reforça a importância de cuidarmos dos espaços comuns, dos marcos visuais e das estruturas urbanas que melhoram o nosso sentido de pertença, a nossa sensação de enraizamento, o nosso sentimento de «estar em casa» dentro da cidade que nos envolve e une. É indispensável que as diferentes partes duma cidade estejam bem integradas e que os habitantes possam ter uma visão de conjunto em vez de se encerrarem num bairro, renunciando a viver a cidade inteira como um espaço próprio

---

<sup>170</sup> Bento XVI, «Carta Encíclica *Caritas in Veritate*: carta encíclica sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade» (Roma, 29 de junho de 2009), 7.

<sup>171</sup> Cf. José Cristovam, «Sobre a noção de bem comum no pensamento político ocidental: entre beco e encruzilhadas da dimensão ancestral do moderno conceito publico», *Revista de Investigações Constitucionais* 6, n.º 1 (2019): 116.

<sup>172</sup> Cf. Helena Marujo, L. Neto, e Mafalda Casais, «Enhancing collective happiness in the city: Felicitas publica and the availability of relational goods», *Journal of Urban Regeneration and Renewal* 13, (2020): 308-319.

<sup>173</sup> Cf. Despacho 3118/2018, de 27 de março, do Ministério da Educação. *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 61.

partilhado com os outros.<sup>174</sup> Através da sua Encíclica, o Papa Francisco faz-nos perceber que todas as possíveis medidas a empreender com vista ao salvamento e à manutenção da nossa casa comum apenas surtirão o efeito desejado se as futuras gerações crescerem imbuídas da missão de proteger a natureza. Para tanto, mantém-se a esperança de que a humanidade transforme positivamente a sua atitude em relação à natureza e que o faça através de uma educação que promova a consciência comum, capaz de entender o significado da expressão “casa comum”, porque o futuro da humanidade depende do cuidado que lhe for dado.

Na ótica do Papa Francisco, a ecologia humana é inseparável da noção de bem comum, princípio que desempenha um papel central e unificador na ética social.<sup>175</sup> Na Encíclica *Laudato si'*, encontramos referência à paz como resultado de uma verdadeira ecologia humana. O Papa Francisco declara que:

[a] noção de bem comum engloba também as gerações futuras. As crises económicas internacionais mostraram, de forma atroz, os efeitos nocivos que trazem consigo desconhecimento de um destino comum, do qual não podem ser excluídos aqueles que virão depois de nós. Tem razão o Papa Francisco ao explicar que não há desenvolvimento sustentável sem uma solidariedade intergeracional.<sup>176</sup>

O Papa Francisco ajuda-nos a refletir sobre uma questão muito pertinente: que planeta queremos deixar para as gerações futuras? Não podemos pensar na terra apenas a partir de um critério utilitarista voltado para eficiência, produtividade e lucro individual. Na esteira do que diz o Papa Francisco, é importante entendermos a terra como um dom que pertence a todas as gerações, inclusivamente àquelas que hão de vir. Os bispos de Portugal estimularam este dever de justiça: «O ambiente situa-se na lógica da recepção: é um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte. Daí a enorme responsabilidade quanto ao uso e usufruto dos bens comuns ambientais em cada presente histórico. As gerações futuras têm o direito de receber o ambiente em melhores condições do que as situações em que as

---

<sup>174</sup> *Laudato si'*, 151.

<sup>175</sup> Cf. *Laudato si'*, 156.

<sup>176</sup> *Laudato si'*, 159.

gerações anteriores o viveram».<sup>177</sup> Na perspetiva do Papa Francisco, «uma ecologia integral possui esta perspetiva ampla».<sup>178</sup>

De tudo o que foi referido anteriormente, importa destacar um período muito recente que marca a história das relações entre a Igreja e o Islão: o encontro entre o Papa Francisco e o Grande Imam de Al-Azhar Ahmed Al-Tayyib, uma importante autoridade do Islão sunita moderado. Desse encontro, destacamos alguns temas que foram abordados: o compromisso comum das autoridades e dos fiéis das grandes religiões para a paz no mundo, da rejeição da violência e do terrorismo, da situação dos conflitos no contexto dos conflitos e das tensões no Médio Oriente e da sua proteção.<sup>179</sup> Em decorrência desse acontecimento, foi assinado um documento sobre o tema da fraternidade humana pela paz mundial e da convivência comum. Na declaração conjunta, os líderes religiosos chamam atenção para questões como a miséria, a exploração e a degradação moral e traçam um caminho baseado no trabalho conjunto, capaz de reverter esses males e amenizar as suas consequências.

Este documento faz um forte apelo a uma mudança de atitude que implica claramente no desejo de construir a paz. Por isso, Al-Azhar e a Igreja Católica pedem que esse documento se torne objeto de pesquisa e reflexão em todas as escolas, universidades e nos institutos de educação e formação, a fim de contribuir para criar novas gerações que levem o bem e a paz e defendam por todo o lado os direitos dos oprimidos e dos marginalizados. Considero que o documento deva ser motivo de análise, para que todos aqueles que trabalham em prol da paz tenham consciência do caminho a trilhar e do que é necessário mudar para que tal desejo se concretize.

---

<sup>177</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Carta Pastoral *Responsabilidade Solidária pelo Bem Comum*» Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa 2003, 20.

<sup>178</sup> *Laudato si'*, 159.

<sup>179</sup> Francisco, «Viagem Apostólica do Papa Francisco aos Emirados Árabes Unidos: documento sobre a Fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum». Abu Dabhi, 4 de fevereiro de 2019, acedido a 17 de maio de 2021, [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco\\_20190204\\_documento-fratellanza-umana.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html).

## CAPÍTULO III

### A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA:

#### UM COMPROMISSO E CONTRIBUTO PARA A PROMOÇÃO DA PAZ

Após uma reflexão sobre a Geração Z e a promoção da paz como objeto pedagógico, apresentarei neste capítulo um conjunto de propostas didático-pedagógicas para abordar a Unidade Letiva (UL) “A Paz Universal”, que integra o programa curricular de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) do sétimo ano de escolaridade. De acordo com o programa de 2014, o tema da paz é trabalhado de forma direta e indireta, como havia dito na descrição da UL 4 do 7.º ano.

Num primeiro ponto, farei uma reflexão acerca da disciplina de EMRC e os desafios educativos. Por sua vez, apresentarei a proposta pedagógica no âmbito da EMRC. Refiro-me a uma proposta concreta, capaz de levar os alunos a assumirem como prioridade o bem comum e o cuidado pelo outro, reforçando o critério da solidariedade, que, no fundo, faz parte da vivência escolar. É possível alargar este objetivo a todo o percurso educativo dos alunos, através de estratégias ou, até mesmo, de uma metodologia que conjugue corretamente a aprendizagem e o serviço.

Na minha ótica, todas as escolas têm esse propósito: promover a consciência cívica nos alunos. Ao longo do estágio, percebi que o agrupamento tinha bem claro no seu projeto educativo muitas ações de solidariedade, levando os alunos a colaborar com instituições de solidariedade social ou mesmo com as famílias dos alunos que se revelavam com carências socioeconómicas. Este tipo de atividade surge pontualmente fora da dinâmica habitual da escola, precisamente por necessitar de tempo extra para a sua implementação.

Neste capítulo, proponho como metodologia a Pedagogia do Serviço (PS). Quando nos referimos à PS, não pensamos em mais uma estratégia de ensino ativo, embora promova a aprendizagem ativa, mas de uma pedagogia e de um modelo de ensino-aprendizagem em que as componentes do serviço e as componentes da aprendizagem curricular se complementam mutuamente. Nenhuma delas deve ser favorecida ou mitigada.<sup>180</sup> Apresentarei os principais aspetos da PS, a saber, a origem, a definição e as vantagens para todos os envolvidos, alunos, professores, escolas e comunidade. Ainda que de forma sucinta, também discorrerei sobre as suas diferentes fases e formas de aplicação, principalmente no contexto da educação formal.

---

<sup>180</sup> Cf. Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço...», 47.

## 1. A EMRC E OS DESAFIOS EDUCATIVOS

A educação apresenta-se hoje como uma tarefa complexa, desafiada pelas rápidas mudanças sociais, económicas e culturais. Às crianças e aos jovens deve ser garantida a possibilidade de desenvolver harmoniosamente as suas qualidades físicas, morais, intelectuais e espirituais. A oferta da disciplina de EMRC como uma componente curricular das escolas portuguesas, embora de carácter facultativo e partindo daquilo que nos dizem os bispos portugueses, tem como grande finalidade:

[a] formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida. Promovendo-a através do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa.<sup>181</sup>

Os principais objetivos da EMRC são: contribuir para a formação moral dos alunos; possibilitar a descoberta e a reflexão sobre o sentido da vida e dos seus valores; e promover uma visão do homem, da sociedade e da história à luz da mensagem cristã. Por outras palavras, o ensino de EMRC deve acompanhar o desenvolvimento do ser humano, buscando um sentido para a existência desse. Estou convicta de que, uma vez motivados e orientados pelo professor, os alunos que frequentarem a disciplina de EMRC conseguirão alcançar as grandes finalidades descritas no programa de EMRC, definidas pela Conferência Episcopal Portuguesa:

[a]prender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular; conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos; estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé; adquirir uma visão cristã da vida; entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso; adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social; aprender o fundamento religioso da moral cristã; conhecer e descobrir o significado do

---

<sup>181</sup> Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 5.

património artístico-religioso e da simbólica crosta; formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé; estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade; aprender a posicionar-se pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.<sup>182</sup>

As finalidades supramencionadas visam o desenvolvimento global da pessoa humana. A disciplina de EMRC possui uma grande função educativa, presta um enorme serviço à escola e representa «[um] lugar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, considerado como pessoa, na integridade das dimensões corporal e espiritual, e a abertura à transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a construir».<sup>183</sup> A disciplina deve contribuir para promover condições para uma melhor vivência em comunidade, ajudando a coordenar os anseios dos jovens e das crianças com as regras que terão de aceitar para viverem em maior harmonia com os outros. A este respeito, no “Decreto sobre o apostolado dos leigos: *Apostolicam Actuositatem*”, o Concílio Ecuménico Vaticano II defende que, «para cultivar as boas relações humanas, é necessário promover os valores verdadeiramente humanos, a começar pela arte de conviver e cooperação fraternalmente, bem como a de estabelecer diálogo com os outros».<sup>184</sup>

A EMRC tem um alcance cultural e um claro valor educativo, orientando-se para «formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade».<sup>185</sup> A EMRC intenciona contribuir para a construção da comunidade e da história humana. Para Ambrósio, o desenvolvimento das pessoas e das sociedades é uma das finalidades mais importantes da educação e também da própria escola. Por isso, deve ser para nós, professores de EMRC, um horizonte que jamais podemos ignorar em toda a reflexão que fazemos no contexto da nossa disciplina. Para os alunos que frequentam a disciplina e são cristãos, ela contribui para o aprofundamento da sua fé.

A EMRC deve ajudar os alunos na concretização e na explicitação da dimensão religiosa específica do ser humano, mas não pode pedir como ponto de partida a fé, nem pode exigir, da parte dos alunos, respostas ditadas pela fé. A disciplina deve promover um

---

<sup>182</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «A Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo...», 8.

<sup>183</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «A Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo...», 8.

<sup>184</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II, «Decreto sobre o apostolado dos leigos: *Apostolicam Actuositatem*», n.º 29, acedido a 30 de janeiro de 2020, [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651118\\_apostolicam-actuositatem\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html).

<sup>185</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «A Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo...», 6.

crescimento integral e profundo do ser humano, dando espaço à expressão simbólica da cultura e à profundidade do fenômeno religioso. Num tempo em que se procura intensamente a paz, trata-se de propor ou de fazer, como mistagogos, um caminho com os alunos, conduzindo-os à descoberta interior do sentido da existência, mas sempre conscientes de que não devem confundir as aulas de EMRC com a catequese ou a pastoral, porque os seus objetivos são diferentes. Parece-me que se podem inspirar na mitologia, não tanto no seu espeto catequético, mas no movimento que ela implica de introdução, compreensão e reflexão sobre a forma como o mistério se faz presente e dá sentido à existência humana.

É importante frisar que a EMRC «apresenta-se como um lugar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, considerado como pessoa, na integridade das várias dimensões e abertura à transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a construir».<sup>186</sup> Neste sentido, Fernando Moita afirma que a disciplina de EMRC «pretende ser uma ajuda significativa na construção, por parte dos alunos, de uma consciência livre, madura e responsável, e de os guiar em caminhos de maturidade».<sup>187</sup> Daí, a dimensão religiosa desempenha um papel estruturante na vida do educando, não porque venha acrescentar um peso diferente à sua vida, mas, sim, porque pode constituir-se em uma oportunidade de construção e de realização plena da vida.

Após esta reflexão sobre o papel da disciplina de EMRC para uma visão da paz e a sua construção, apresentarei uma proposta pedagógica que possa ser implementada no seio da comunidade educativa, de modo que os alunos se sintam motivados a partir da dinâmica proposta, que é a construção da tenda da paz. A atividade estava planeada antes do confinamento. Porém, não foi possível implementá-la devido ao surto da covid-19, que nos impôs restrições de aproximação física e social.

## **2. EDUCAR PARA A PAZ: PROPOSTA PEDAGÓGICA NO ÂMBITO DA EMRC**

A educação para a paz é um processo ao longo da vida. Na urgência de educar para a promoção da paz, importa registar que a UL 4 permitiu que os alunos debatessem em sala de aula a importância da paz, sendo eles agentes de mudança numa sociedade que fomenta situações de discórdia, violência e intolerância. De modo a afunilar a nossa reflexão, selecionei exemplos concretos, como o *bullying* e violência doméstica, uma vez que são problemas vigentes na nossa sociedade. Com a participação dos alunos, senti que eles foram

---

<sup>186</sup> Moita, «A missão do professor de EMRC...», 64.

<sup>187</sup> Moita, «A missão do professor de EMRC...», 63.

sensíveis às situações de falência da paz no mundo, mas não estavam conscientes dos factos sociais relacionados com essa falência.

Ao longo da lecionação da UL 4, os alunos puderam observar o seu contexto social e ponderar os acontecimentos de falência da paz no seu dia-a-dia, na escola, no bairro, na turma e na família. Tentei que refletissem sobre o quão importante era o valor da paz para a vida individual e coletiva. É o nosso dever, enquanto docentes, ajudar os nossos alunos a encarar a paz como dever, mas também como um direito.

Estou certa de que a temática da paz representa um desafio e um longo caminho a percorrer. Neste sentido, antes de avançar para a proposta pedagógica, é interessante analisar o programa de EMRC de 2014 e perceber como o tema da paz é direta e indiretamente trabalhado. De maneira direta, na UL 4 do 7.º Ano, do 3.º ciclo do Ensino Básico, existe uma unidade letiva dedicada à temática. De maneira indireta, a abordagem do tema está presente em todos os ciclos, porque encontramos em todos eles uma meta voltada para o assunto, a meta “N”, que se traduz na promoção do bem comum e do cuidado do outro. O tema está presente em vários ciclos do ensino básico ao secundário, a fim de promover a paz no dia-a-dia. É algo para dizer que a disciplina de EMRC surge como um contributo extremamente valioso no diálogo pela paz. Considero que a UL 4 está bem estruturada e não lhe escapa nenhuma questão em relação à temática em questão.

A proposta pedagógica que apresento encontra-se relacionada com a minha experiência docente. Ao longo da PES, senti a necessidade e a urgência de propor uma atividade pedagógica no âmbito da temática aqui estudada. Planifiquei uma atividade que resultasse na construção da tenda da paz na escola, a fim de sensibilizar o corpo discente para a importância da paz e a fim de convocar a comunidade educativa para a promoção da paz no ambiente escolar, visto que o seu projeto educativo contempla a temática. É fundamental que a atividade desenvolvida pela escola vá ao encontro do seu projeto educativo, documento que contém a proposta educativa da escola, a partir da qual se desenvolve toda a ação. Por isso, devemos estar conscientes do perfil dos docentes, dos discentes e das suas famílias e ainda da realidade e do contexto comunitário em que a escola se insere.

A opção pela metodologia da PS, ao ser assumida pela escola, deve constar no projeto educativo e constituir um elemento diferenciador. Isto porque o projeto educativo da escola tem por finalidade o desenvolvimento integral do aluno. Nas suas diversas componentes, deve refletir essa opção nos mais variados projetos e planos de atividades. Desta maneira, quando as bases institucionais vão ao encontro da metodologia da PS, a sua implementação é, sem dúvida, mais fácil. Porém, importa questionar se esta metodologia oferece efetivamente

benefícios que justifiquem a sua implementação. De modo geral, em qualquer instituição educacional, a PS é sempre uma mais-valia no cumprimento dos objetivos pedagógicos.

De acordo com Sá Carvalho, «[os] vários objetivos de educação podem torna-se avassaladores, a menos que os professores consigam concentrar-se nas finalidades do ensino. A mesma autora afirma que a principal finalidade do ensino é ajudar os alunos a tornarem-se independentes e autorregulados».<sup>188</sup> Nesta direção, quando pensei a planificação, senti que a sua realização proporcionaria aos alunos um momento rico de partilha. Até porque a disciplina de EMRC deve apresentar uma proposta concreta, capaz de persuadir os alunos a assumirem o bem comum e o cuidado ao outro como prioridade. Acredito ser possível alargar este objetivo a todo o percurso educativo dos alunos, através da utilização de uma metodologia que conjugue devidamente a aprendizagem e o serviço. A PS apresenta-se como uma novidade pedagógica, na medida em que pode contribuir para renovar a educação nas mais variadas frentes da sua atuação.

Neste capítulo, apresentarei uma proposta pedagógica na perspetiva da PS. No entanto, quero destacar que não tratarei exaustivamente a temática, até porque o meu objetivo é lançar pistas de reflexão para um futuro projeto em torno desse tipo de pedagogia. Vale assinalar que a PS é algo a aprofundar mais tarde, embora já me incentive a preparar uma atividade inovadora, com base nos seus princípios.

De modo a alcançar uma melhor compreensão da proposta, importa olhar para a sua origem e para o processo de evolução e expansão que foi acontecendo ao longo do tempo. Por isso, convém recuar no tempo para perceber a sua origem e a sua definição, ainda que de maneira sucinta. A origem da PS remonta ao século XX, quando surgem os primeiros antecedentes nos Estados Unidos da América. Contudo, é geralmente aceite que a sua raiz filosófica se encontre no pedagogo John Dewey, no psicólogo William James e outros que lideraram uma corrente educativa chamada “educação progressiva”, privilegiando a aprendizagem através da experiência e o desenvolvimento do sentido de comunidade. Dessa forma, nasceram em contexto escolar experiências pioneiras de serviço comunitário. A PS passou por um processo de maior desenvolvimento e expansão tanto nos Estados Unidos como em alguns países da América Latina, como Argentina, Chile e Uruguai.

Uma das grandes vantagens da PS é promover um maior envolvimento dos alunos com a sociedade, de modo a combater uma tendência individualista, tornando a educação algo significativo para eles. Em Portugal, contrariamente aos outros países, não conhecemos exemplos concretos de implementação da PS no âmbito da educação formal, conquanto se

---

<sup>188</sup> Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço...», 55.

destaque a abordagem ao tema no contexto da formação de professores da Universidade Católica Portuguesa. No âmbito das instituições de educação não formal, no Corpo Nacional de Escutas, do qual fiz parte ao longo da minha juventude, importa referir que os Escuteiros têm uma metodologia muito própria, sendo possível identificar alguma proximidade com esta proposta educativa. Segundo Sá Carvalho, nas escolas de Portugal, mesmo que não sucedam oficialmente nos projetos educativos, docentes criativos e atentos ao desenvolvimento dos alunos implementam estratégias didático-pedagógicas que se aproximam da perspetiva da PS.<sup>189</sup> A grande vantagem da aprendizagem cooperativa é permitir que os alunos «trabalhem em profundidade um tema para que, pelo menos aquele tema, fiquem a dominá-lo com mais profundidade do que apenas pela exposição do professor».<sup>190</sup> A aprendizagem cooperativa desenvolve competências sociais como a tolerância e a aceitação da diversidade.

Encontrar uma definição da PS que seja consensual é um problema comum a tantos outros temas. Surgem variadas definições formais da PS. Ao longo da minha reflexão, fundamentei a definição proposta por Sá Carvalho: a PS como o estudo de métodos de ensino ou modelos de ensino, incluindo os objetivos da educação e as formas como esses podem ser alcançados, sempre contemplando os sujeitos interessados nas práticas de ensino e de aprendizagem de algum conteúdo.<sup>191</sup> Este método de ensino é uma mais-valia para os alunos e para a própria comunidade escolar, embora a PS seja, à primeira vista, uma montanha difícil de escalar nas escolas. Mesmo assim, estou certa de que este modelo de ensino possibilita aos alunos uma nova visão acerca das necessidades do outro, através de uma experiência significativa de aprendizagem que os comprometa com a sua vida social.

É evidente que a PS tem por base uma filosofia educativa que «visa influenciar a forma como os alunos aprendem, mas também a forma como os professores ensinam e a forma como as escolas perseguem os seus objetivos e metas, dando-lhes voz ativa na sociedade e oportunidades relevantes para aprender a crescer com consciência e bondade».<sup>192</sup> Tal como outros esforços das escolas e das comunidades, a PS propõe uma «vinculação estreita do trabalho voluntário na comunidade com a aprendizagem escolar».<sup>193</sup> A PS é uma proposta inovadora no serviço à comunidade e à aprendizagem discente, mas, de que forma? Acredito que contribui para renovar a educação nos seus diferentes níveis. Propor este tipo de pedagogia à escola é, sem dúvida, uma maneira de propiciar o envolvimento ativo dos alunos,

---

<sup>189</sup> Cf. Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço...», 51-52.

<sup>190</sup> Cristina Sá Carvalho, «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica», *Pastoral Catequética*, Ano X, n.º 31-32 (2015), 56.

<sup>191</sup> Cf. Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço...», 66.

<sup>192</sup> Sá Carvalho, «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos...», 58.

<sup>193</sup> Sá Carvalho, «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos...», 57.

juntamente com a comunidade. Estou convicta de que educar para a paz é desafiar os alunos a assumirem gestos e atitudes responsáveis promotoras de vida, para patrocinar o bem e o cuidado do outro. Portanto, quando pensei na atividade “Tenda da paz” enquanto PS, sentia-me segura a respeito da contribuição que exerceria no desenvolvimento integral dos alunos.

Na educação para a paz é importante que os alunos façam as suas experiências e percebam que a paz é necessária. Acredito que educar para paz é algo que vai além da simples transmissão de conhecimentos. Neste sentido, o relatório elaborado por uma equipa liderada por Jacques Delors afirma que:

[a] educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta.<sup>194</sup>

Perante a afirmação acima, importa salientar que a aprendizagem só faz sentido se o modelo de ensino se baseia na teoria da aprendizagem pela experiência. Acredito que este será um dos primeiros princípios da PS. Dewey propõe o conhecimento experiencial, mas alerta que «a crença de que toda a educação genuína acontece por meio da experiência não quer dizer que todas as experiências sejam educativas». Não podemos equiparar a experiência e a educação de forma direta, porque algumas experiências são subeducativas ou «Qualquer experiência é subeducativa, quando tem o efeito de reter ou distorcer o crescimento de outras experiências».<sup>195</sup>

Dewey defende que, para a experiência ser educativa, se deve assumir alguns critérios, porque a aprendizagem não acontece no vazio, mas resulta sempre da transição entre o indivíduo e o meio. Neste sentido, o autor propõe dois princípios que estão no centro da sua filosofia da experiência: o da continuidade e o da interação. Por princípio da continuidade, Dewey afirma que todas as experiências são construídas sobre outras experiências prévias e

---

<sup>194</sup> Jacques Delors, *Educação um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI* (7.ª ed. Porto: Edição Asa, 1996), 89-90.

<sup>195</sup> Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço...».

necessitam ser direcionadas para fins de crescimento e desenvolvimento. Logo, o papel do professor é o de moldar e direcionar as experiências que servem a este *continuum*. Quanto ao princípio da interação, Dewey define a dimensão lateral da experiência, apontando que os aspetos internos e os aspetos objetivos das experiências interagem para formar uma situação.

Este tipo de aprendizagem motiva os alunos a «tomar a responsabilidade pela sua própria aprendizagem na linha da promoção de aprendentes autónomos e autorregulados preparados para a aprendizagem ao longo da vida».<sup>196</sup> Entretanto, deve ficar claro que “[as] escolas têm responsabilidades diretas e complexas na preparação dos alunos para vidas de cidadania ativa».<sup>197</sup> Logo, não estamos a retirar a responsabilidade às escolas.

Este modelo de pedagogia ajuda os alunos a criarem um conjunto de valores para superarem o exercício dos direitos individuais na comunidade e abrirem-se às necessidades dos outros. Facilita a formação de laços entre a escola e as famílias, porque os pais podem observar e compreender os processos educativos e participar neles, colaborando com algumas fases do desenvolvimento do projeto. Pode ser uma estratégia para a família encontrar novos temas de diálogo com os filhos, através das experiências realizadas.

Estou certa de que os professores desenvolvem novas capacidades ou despertam aquelas que talvez estejam adormecidas. Percebe-se maior frequência nos atos de colaboração entre os professores. Isso também se estende aos parceiros da comunidade, transformando a PS em uma experiência realmente significativa. Vale ainda mencionar que, assim como os professores, os alunos e os pais, a comunidade e as diferentes instituições que dela fazem parte também são beneficiadas. As pessoas que se envolvem na PS podem sentir-se mais motivadas a trabalhar. O resultado poderá ser bastante positivo, fomentando a relação interpessoal e aumentando o gosto pelo trabalho e pela ação social transformadora.

Antes da sua implementação, como disse anteriormente, devemos prestar atenção às cinco etapas da PS: investigação, preparação e planeamento, ação, reflexão e demonstração. A realização de um projeto de PS exige tempo, boa preparação e estruturação. Por isso, implica uma sequência de etapas essenciais para o sucesso dos projetos desenvolvidos. É fundamental analisar e compreender cada projeto de forma individual, embora vários projetos possam ocorrer em simultâneo.

A primeira etapa é a investigação: o ponto de partida da PS. É essencial perceber os recursos disponíveis para iniciar o projeto com sucesso. Antes disso, confirmam-se as necessidades identificadas, devidamente fundamentadas. É necessário realizar um trabalho de

---

<sup>196</sup> Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço...», 57.

<sup>197</sup> Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço...», 57.

pesquisa na internet, observar o ambiente onde se realizará o projeto e recorrer à experiência de cada pessoa. É fundamental escutar os parceiros locais, que possuem maior conhecimento sobre os possíveis problemas da comunidade. Somente após a conclusão da necessidade posta inicialmente, pode-se avançar para a fase seguinte, a da preparação.

A preparação e o planeamento consistem num aspeto fundamental da «qualidade dos Programas de Pedagogia do Serviço».<sup>198</sup> A segunda fase compreende uma planificação cuidadosa, incluindo uma lista de responsabilidades e de produtos do trabalho a desenvolver, a elaboração de tarefas e uma previsão de quem as desempenhará e de como o fará. Esta etapa é bastante complexa porque não inclui apenas a planificação. Podemos considerar que «estamos a aplicar um modelo de ensino baseado na resolução de problemas, que organiza a instrução em torno de questões e de problemas importantes na vida real e significativos na vida dos alunos»,<sup>199</sup> que vão realizando uma aprendizagem ativa e desenvolvendo um espírito crítico da realidade que os envolve. Neste processo, os alunos são chamados a desenvolver a sua capacidade de observação e de análise e a sua criatividade. Eventualmente, pode-se saltar à vista outros talentos, que, até então, podiam ser desconhecidos. É possível estabelecer parcerias entre diferentes áreas do saber, de modo a contribuir com novos recursos para a execução do projeto. Esta interdisciplinaridade pode favorecer a descoberta de necessidades que, de início, não foram identificadas. É importante que os professores percebam as capacidades que querem que os alunos desenvolvam, para que seja possível obter os resultados almejados com a realização do projeto. Nesta fase, com a ajuda do professor, os alunos atualizam competências e conhecimentos anteriormente aprendidos, adquirem nova informação através de diversos meios, desenvolvem um plano que encoraje a responsabilidade e definem parâmetros realistas para a implementação.

Uma vez concluída essa fase com sucesso, iniciar-se-á para a fase da ação. Nesta fase, a comunicação entre o grupo-turma e entre as várias equipas de trabalhos é muito importante, porque percebemos se o trabalho desenvolvido está a cumprir os objetivos estabelecidos no início do projeto. Pretende-se que a ação continue a dar aos alunos oportunidade de desenvolvimento de competências ao longo do projeto. Durante esta fase, os alunos irão partilhar as suas experiências (pesquisas feitas, apresentações orais e ações de serviços), bem como dos resultados do serviço dos diferentes meios de comunicação social. É importante realçar que a fase de ação não tem um intervalo de tempo definido, podendo demorar apenas um dia ou até um período letivo, como todo o ano. Nesta fase pode ainda ser necessário adquirir novas competências por parte dos alunos e, de igual modo, pode ser necessário

---

<sup>198</sup> Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço...», 87.

<sup>199</sup> Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço...», 88.

estabelecer novas parcerias ante imprevistos no decorrer do projeto, porque a PS é um processo em construção e bastante dinâmico, construindo para o crescimento de cada aluno em particular. Por isso, o acompanhamento que o professor faz aos alunos deve ser de forma individual, indo ao encontro da necessidade de cada aluno, de modo a ajudá-lo a desenvolver as suas capacidades. É importante que aluno se sinta integrado no projeto, exercendo o seu papel enquanto ser humano responsável e comprometido com o bem comum.

A fase da reflexão é imprescindível neste processo e, através dela, o aluno começa a fazer um balanço de toda a experiência vivida. O aluno pode ganhar consciência das suas capacidades ao pôr em prática um conjunto de competências, talentos e entusiasmo em prol dos outros. Importa salientar que nem sempre a reflexão é uma competência espontânea, exigindo muitas vezes a intervenção do professor. Segundo Sá Carvalho, «para que os alunos possam aprender a partir do serviço prestado, os professores devem providenciar numerosas oportunidades de reflexão. A reflexão pode assumir formas muito diversas: conversas a pares ou em pequenos grupos, como uma discussão em sala de aula, a redação de um texto, a resposta a um inquérito».<sup>200</sup>

Finalmente, temos a quinta e a última fase, que é a demonstração. Como a palavra indica, os alunos devem apresentar as aprendizagens que realizaram e as ações que desenvolveram em prol da comunidade. A demonstração é muito importante, porque permite perceber se os alunos assimilaram aquilo que aprendeu ao longo do projeto. Considero que esta seja uma fase em que os alunos se sintam muito orgulhosos do trabalho feito para o bem da comunidade.

---

<sup>200</sup> Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço...», 95.

### 3. PLANIFICAÇÃO DA ATIVIDADE PEDAGÓGICA

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚50'	Recursos	Avaliação
N. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	4. Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ A importância do diálogo que conduz à paz;</li> <li>▪ Importância do perdão que leva à reconciliação.</li> <li>▪ As instituições promotoras da paz no mundo e em Portugal (Igreja Católica, ONU, união Europeia, ACNUR, Amnistia);</li> <li>▪ Laureados com o prémio Nobel da paz;</li> <li>▪ Oração do S. Francisco: Senhor quero ser um instrumento da vossa paz</li> </ul>	<b>Workshops:</b> (A Paz em Ação)	50'	Tenda	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Pontualidade</li> <li>▪ Interesse</li> <li>▪ Participação</li> <li>▪ Comportamento</li> <li>▪ Empenho</li> </ul>
			Música do John Lennon para ambientar a tenda, com o objetivo de atrair mais alunos para a nossa tenda da paz.		Coluna e telemóvel	
			<b>O jogo</b> das laranjas Texto “O carpinteiro”		Duas mesas	
			Cada aluno escolhe duas instituições de promoção da paz e identifica a sua atuação/ sua principal missão.		Tinta guache	
			<b>Exposição</b> dos laureados com o Premio Nobel da paz de 1976-2017.		Imagens dos laureados com o Nobel da Paz	
			Alguns alunos ficarão responsáveis por apresentar a principal mensagem dos Nobel da paz		Imagens e símbolos de organizações promotoras da paz	
			<b>“Provocação”:</b> E tu! O que podes fazer para promover a paz na tua escola? <b>Mural:</b> Os alunos deixarão a sua marca no papel de Cenário (mural) com uma mão pintada com guache e a seguir escreve uma mensagem de compromisso com a construção da paz.		Mural (Anexo 17)	

Quadro 9. Planificação da atividade pedagógica.

## CONCLUSÃO

Após um ano de estudo, investigação científica, teológica e pedagógica da Prática de Ensino Supervisionada no núcleo de estágio e depois de apresentar o relatório da mesma, concluo que foi, sem dúvida, uma experiência gratificante, não obstante o desafio devido à situação pandémica, que acabou por dificultar a implementação de algumas atividades que estavam planeadas.

A elaboração deste relatório constituiu o alcance de mais um patamar neste processo contínuo e inesgotável de crescimento e enriquecimento quer enquanto pessoa, quer enquanto futura profissional. Importa salientar que este relatório partiu de uma análise das práticas, passando pelo alargamento teórico de reflexão, e terminou com uma proposta pedagógica prática, itinerário que contribui bastante para o meu crescimento enquanto docente.

De forma geral, o presente trabalho de investigação conseguiu atingir os objetivos propostos, embora tivesse encontrado várias dificuldades à sua realização. Uma das dificuldades prende-se com a crise pandémica. Resta-nos, agora, refletir acerca das dificuldades com que nos deparámos ao longo do processo.

Como iniciante da carreira docente, confesso que a dada altura fui invadida pelo medo e pela insegurança. Contudo, à medida que decorriam as aulas lecionadas e com a ajuda da professora cooperante, senti que fui ganhando competências enquanto docente, não obstante o desejo de querer fazer mais e melhor.

A minha investigação, tendo em conta o contexto escolar em que me encontrava, levou-me a questionar qual o nosso papel enquanto docente e como apresentar a temática da paz aos alunos do 7.º Ano, tendo em conta o programa de EMRC. Agora, que cheguei ao fim deste percurso, não tenho dúvidas de que a nossa responsabilidade perante o tema em causa merece um cuidado extremo, devido à falência de paz na sociedade atual. Importa reafirmar que o tema da paz é transversal a todos os ciclos e que, sem ela, a existência da disciplina deixaria de fazer sentido. Quero com isto dizer que a educação para a paz é uma proposta concreta da mensagem de Jesus, que, por outras palavras, se traduz na promoção do bem comum e na construção de uma sociedade mais humana.

Estou convicta de que a nossa ação só se torna realidade ao ajudarmos os nossos alunos a enveredar pelos caminhos da paz. É fundamental que o docente não se distancie do pensar da Igreja, pois os documentos referentes à causa da paz trazem um valioso contributo na sua abordagem.

A leção da Unidade Letiva “A paz, grande sonho da humanidade”, que decorreu durante a Prática de Ensino Supervisionada, levou-me a refletir o quão vantajoso seria se nessa unidade houvesse uma proposta de implementação da Pedagogia do Serviço. É de suma importância que a comunidade escolar, professores e as entidades encarregadas da gestão das escolas possam ter contato com a Pedagogia do Serviço e com resultados que comprovem os seus benefícios. Considero que propor a Pedagogia do Serviço nos programas curriculares pode, na verdade, ser um grande desafio, até mesmo alguma resistência. No entanto, considero importante que se comece a fomentar experiências-piloto na educação formal.

Propor a Pedagogia do Serviço no ambiente escolar é uma maneira de envolver os alunos com a comunidade e com as suas necessidades concretas. Alunos e professores são beneficiados com a implementação desta proposta que valoriza todo o processo educativo.

## BIBLIOGRAFIA

### 1. DOCUMENTOS ECLESIAIS

Bento XVI, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz: “Educar os jovens para a justiça e para a paz”». Acedido a 31 de janeiro de 2020. [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20111208\\_xlv-world-day-peace.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20111208_xlv-world-day-peace.html)

\_\_\_\_\_. «Homilia do Santo Padre durante a Celebração Eucarística presidida na praça inferior da Basílica de S. Francisco de Assis» (Roma, 17 de junho de 2007). Acedida a 22 de junho de 2021. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20070617\\_assisi.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070617_assisi.html).

Concílio Ecuménico Vaticano II. *Gaudium et Spes*. Acedido a 30 de janeiro de 2020. [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html).

\_\_\_\_\_. *Decreto sobre o apostolado dos leigos: «Apostolicam Actuositatem»*, Roma, 18 de novembro, 1965. Acedido a 30 de janeiro de 2020. [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651118\\_apostolicam-actuositatem\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html).

Conferência Episcopal Portuguesa. *Educação, direito e dever: missão nobre ao serviço de todos*. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa. Acedido a 30 de janeiro de 2020. <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-direito-e-dever-missao-nobre-ao-servico-de-todos/>.

\_\_\_\_\_. *Responsabilidade solidária pelo bem comum*. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa. Acedido a 30 de janeiro de 2020. <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/responsabilidade-solidaria-pelo-bem-comum/>.

\_\_\_\_\_. *Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado. Acedido a 30 de janeiro de 2020. <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>.

Francisco. «Mensagem para o Dia Mundial da Paz: “A Paz como caminho de esperança: diálogo, reconciliação e conversão ecológica”». Acedido a 19 setembro de 2020, [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20191208\\_messaggio-53giornatamondiale-pace2020.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20191208_messaggio-53giornatamondiale-pace2020.html).

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica *Lumen Fidei*. Acedido a 30 de janeiro de 2020, [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20130629\\_enciclica-lumen-fidei.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html).

\_\_\_\_\_. «Mensagem do Papa Francisco para a celebração do XLVIII Dia Mundial da Paz: “Fraternidade, Fundamento e Caminho para a Paz”». Acedido a 31 de janeiro de 2020. [XLVII Dia Mundial da Paz 2014: Fraternidade, fundamento e caminho para a paz | Francisco \(vatican.va\)](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20191208_messaggio-53giornatamondiale-pace2020.html).

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica *Laudato si'*. Apelação: Paulus, 2015.

\_\_\_\_\_. «Exortação Apostólica Pós-Sinodal: “*Amoris laetitia*”, “A Alegria do Amor”» (8 de abril de 2016). Acedido a 12 de setembro de 2020,

[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20160319\\_amoris-laetitia.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html).

\_\_\_\_\_. «A não-violência: estilo de uma política para a paz». Mensagem do Santo Padre Francisco para a celebração do XLIV Dia Mundial da Paz (1.º de janeiro de 2017). [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20161208\\_messaggio-l-giornata-mondiale-pace-2017.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20161208_messaggio-l-giornata-mondiale-pace-2017.html).

João Paulo II. «Diálogo entre las culturas para uma civilização do amor e da paz». Mensagem para o Dia Mundial da Paz. Acedido a 30 de janeiro de 2020. [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_20001208\\_xxxiv-world-day-for-peace.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_20001208_xxxiv-world-day-for-peace.html)

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica «*Sollicitudo Rei Socialis*», Roma, 30 de dezembro, 1987. Acedido a 31 de janeiro de 2020. [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_30121987\\_sollicitudo-rei-socialis.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html).

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica «*Dominum et vivificantem*», Roma, 18 de maio, 1986. Acedido a 18 de fevereiro de 2020. [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_18051986\\_dominum-et-vivificantem.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem.html)

João XXIII. «Carta Encíclica sobre Mãe e Mestra, «*Mater et Magistra*», Roma, 15 de maio, 1961. Acedido a 30 de janeiro de 2020. [http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater.html](http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html).

Paulo VI. Carta Encíclica *Populorum Progressio*. Acedido a 30 de janeiro de 2020. [http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html).

\_\_\_\_\_. *As verdadeiras armas da paz: mensagem para o Dia Mundial da Paz, Caminhos da Paz no 25.º Aniversário da Primeira Mensagem da Paz*. Lisboa: Comissão Justiça e Paz, Rei dos Livros, 1976.

\_\_\_\_\_. *Educar para a Paz através da reconciliação: Caminhos da Paz no 25.º Aniversário da Primeira Mensagem da Paz*. Lisboa: Comissão Justiça e Paz, Rei dos Livros, 1970.

\_\_\_\_\_. «Mensagem para o Dia Mundial da Paz: “Educar-se para a paz através da reconciliação”» (1.º de janeiro de 1970). Acedido a 19 de setembro de 2020, [http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/peace/documents/hf\\_p-vi\\_mes\\_19691130\\_iii-world-day-for-peace.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/peace/documents/hf_p-vi_mes_19691130_iii-world-day-for-peace.html).

\_\_\_\_\_. «A paz depende de ti: Mensagem para o Dia Mundial da Paz». *AAS* 65, n.º 11 (8 de dezembro de 1973): 668-73.

\_\_\_\_\_. «1.º de janeiro: Dia Mundial da Paz: Mensagem para o Dia Mundial da Paz». *AAS* 59, n.º 17 (8 de dezembro de 1967): 1067-102.

Pontifício Conselho «*Justiça e Paz*», *Compêndio Da Doutrina Social Da Igreja*. Acedido a 16 de \_\_\_\_\_ 2021. [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html)

## 2. OUTROS DOCUMENTOS

Agrupamento de Escolas da Damaia. *Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Damaia 2018-2021*. Damaia: Agrupamento de Escolas da Damaia, 2019.

[https://www.aedamaia.pt/media/media/2018\\_2019/Direcao/Documentos/PE\\_AED\\_2018\\_2021.pdf](https://www.aedamaia.pt/media/media/2018_2019/Direcao/Documentos/PE_AED_2018_2021.pdf).

Decreto-Lei 240/2001, de 30 de agosto do Ministério da Educação. *Diário da República*, 1.ª Série, n.º 201 (2001). Acedido a 11 de junho de 2020, <https://dre.pt/application/conteudo/631837>.

Secretariado Nacional de Educação Cristã (SNEC). *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Edição do Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014.

### 3. ESTUDOS E ENSAIOS

Ambrósio, Juan. «Finalidades, domínios de aprendizagem e metas curriculares: Programa de EMRC, edição 2014». *Pastoral Catequética* 10, n.º 31-32 (2005): 63-82.

Arends, Richard. *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill, 2008.

Ataíde, Maria João Avillez. «Quando se espera que os professores sejam pais... e as mães». *Communio* 26, n.º 4 (2009): 451-458.

Baptista, Isabel. *Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético*. Porto: Profedições, 2005.

Barbosa, Adérito Gomes. *A Pastoral na Igreja: agentes e prioridades*. Lisboa: Rei dos Livros, 1995.

Bortolazzo, Sandro «Entre denominações geracionais: o que as narrativas acadêmicas nos ensinam sobre crianças e jovens digitais». *Revista de Ciência Humanas* 51, n.º 1 (2017): 108-123. <https://doi.org/10.5007/2178-4582.2017v51n1p108>.

\_\_\_\_\_. «De Comte a Bauman: Algumas aproximações entre os conceitos de geração e identidade». *Estudos de Sociologia* 1, n.º 22 (2016): 121-144.

Carvalho, Lúcia Helena de. «Educação para a paz: uma alternativa para os desafios da educação». *Revista Científica do Centro Universitário de Araras* 5, n.º 1 (2011): 18-28.

Cristovam, José. «Sobre a noção de bem comum no pensamento político ocidental: entre becos e encruzilhadas da dimensão ancestral do moderno conceito de interesse público». *Revista de Investigações Constitucionais* 6, n.º 1 (2019): 107-134. <https://doi.org/10.5380/rinc.v6i1.57508>.

Coloma, Elisabeth. «Como educar para a paz», *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional* 11, n.º 2 (2007): 431-433. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572007000200023>

Ortiz, Carlos. «Teología y Cultura de Paz (Aportes para una teología de paz y su cultura)», *Cultura de Paz* 20, n.º 62 (2014): 16-24. <https://doi.org/10.5377/cultura.v20i62.1466>.

Matallana, Carlos Justino e Andrés Sierra Santiago González. «El bien común en la esfera de la teología, la ética y la moral social». *Revista Albertus Magnus* 9, n.º 1 (2018): 89-108. <https://doi.org/10.15332/s2011-9771.2018.0001.04>.

Freixa, Carles e C. Leccardi. «O conceito de geração nas teorias sobre juventude». *Revista Sociedade e Estado* 25, n.º 2 (2010): 185-204. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922010000200003>.

«Generation». Em *The American Heritage Dictionary of the English Language*. Acedido a 20 de dezembro de 2020, <https://ahdictionary.com/word/search.html?q=generation>.

- Lourenço, João. «Dimensão profética da EMRC. A Escola, o Docente, o Educando. Sinais proféticos da EMRC». *Pastoral Catequética* 10, n.º 31-32 (2015): 121-131.
- Jaeger, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. Traduzido por Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- Konemann, Judith. «La pedagogía de la paz en la teología práctica. Relevancia y oportunidades de procesos educativos religiosos por una educación y formación para “la Paz”». *Revista Teología* 119 (2016): 153-64.  
<https://repositorio.uca.edu.ar/handle/123456789/7427>.
- Martins, Guilherme D’Oliveira. «O conhecimento do fenómeno religioso». *Pastoral Catequética* 2, n.º 5 (2006): 69-73.
- Miguéns, Manuel (Dir.). *Educação e Família: seminários e colóquios*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação (CNE); Editorial do Ministério da Educação, 2005.
- Moita, Fernando. «A Missão do Professor de EMRC no Contexto da Escola Atual». *Pastoral Catequética* 9, n.º 26 (2013): 53-74.
- Nunes, D. Tomaz da Silva. «O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica». Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica. Lisboa: SNEC, 2015.
- Santos Neto, Elydio dos e Edgar Silveira Franco. «Os Professores e os Desafios Pedagógicos Diante das Novas Gerações: Considerações Sobre o Presente e o Futuro». *Revista de Educação* 19, n.º 36 (2010): 9-25. <http://dx.doi.org/10.15599/0104-4834/cogeime.v19n36p9-25>.
- Pinto, José Rui da Silva. *Homens para a paz*. 2ª ed. Braga: Secretariado do Apostolado da Oração, 1985.
- Premsky, Marc. «Digital Natives, Digital Immigrants Part 1». *On the Horizon* 9, n.º 5 (2001): 1- 6. <http://dx.doi.org/10.1108/10748120110424816>.
- Pheula, Arieta de França e Eduardo Chaves Sousa. «Estudos sobre o comportamento dos jovens das gerações Y e Z quando conectados à internet». *Revista de Educação, Ciência e Tecnologia* 3, n.º 1 (2016): 54-94. <https://doi.org/10.35819/scientiatec.v3i1.1501>.
- Reis, Elismar Vicente Reis e Maria Inês Tomaél. «A geração Z e as plataformas tecnológicas». *Informação & Informação* 22, n.º 2 (2017): 371-388. <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2017v22n2p371>.
- Sá Carvalho, Cristina. «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular de EMRC». *Pastoral Catequética* 10, n.º 31-32 (2015): 29-62.
- \_\_\_\_\_. «Pedagogia do Serviço: uma perspetiva de planificação e de implementação». *Pastoral Catequética* 14, n.º 41 (2018): 49-130
- Santos, D. António Francisco dos. «As metas curriculares de EMRC no contexto da educação cristã». *Pastoral Catequética* 10, n.º 28 (2014): 171-175.
- Singh, Anjali. «Challenges and Issues of Generation Z». *IOSR Journal of Business and Management* 16 (2014): 59-63. <https://doi.org/10.9790/487X-16715963>.
- Silva, José Antunes da. «O encontro de Assis: marco simbólico do diálogo inter-religioso», *Theologica* 10, n.º 41 (2006): 273-297. <http://hdl.handle.net/10400.14/13124>.
- Teixeira, Alfredo. *Património religioso e transmissão cultural: guia para o estudo*. Lisboa: UCP, 2019 [Documento não publicado].

- Urbano, Elisa. «A identidade do docente de Educação Moral e Religiosa Católica: Redescobrir o sentido da obediência». *Pastoral Catequética* 8, n.º 23 (2012): 117-124.
- Verhack, Etienne. «A missão dos educadores cristãos: caminhar como árvores». *Pastoral Catequética* 9, n.º 27 (2013): 97-109.
- Vilaça, Isabel e Vítor Carmona. «Os contextos pedagógicos e educativos da Educação Moral e Religiosa Católica». *Pastoral Catequética* 2, n.º 5 (2006): 89-96.
- Weller, W. «A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim». *Revista Sociedade e Estado* 25, n.º 2 (2010): 205-224. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922010000200004>.
- Weil, Pierre. *A arte de viver em paz: por uma nova consciência e educação*. Traduzido por Helena Tabeira e Hélio Silva. São Paulo: Gente, 1993.
- Yusuf, Hanna Onyi. « Integrating the Tenets of Peace and Care of Planet Earth in Reading Comprehension Passages of the English Language Curriculum for Junior Secondary Schools in Nigeria». *American Journal of Educational Research* 4, n.º7 (2016): 512-518. <http://www.sciepub.com/EDUCATION/abstract/5952>.

## ANEXOS

**Anexo 1: Aula 1 – UL 4 - Cartão com mensagem da paz**



**Anexo 2: Aula 1 — UL 4 — Fotografia de Nelson Mandela**



### Anexo 3: Aula 1 — UL 4 — Bandeiras de alguns países



**Anexo 4: Aula 1 – UL 4 — Capa do Portefólio para os alunos**



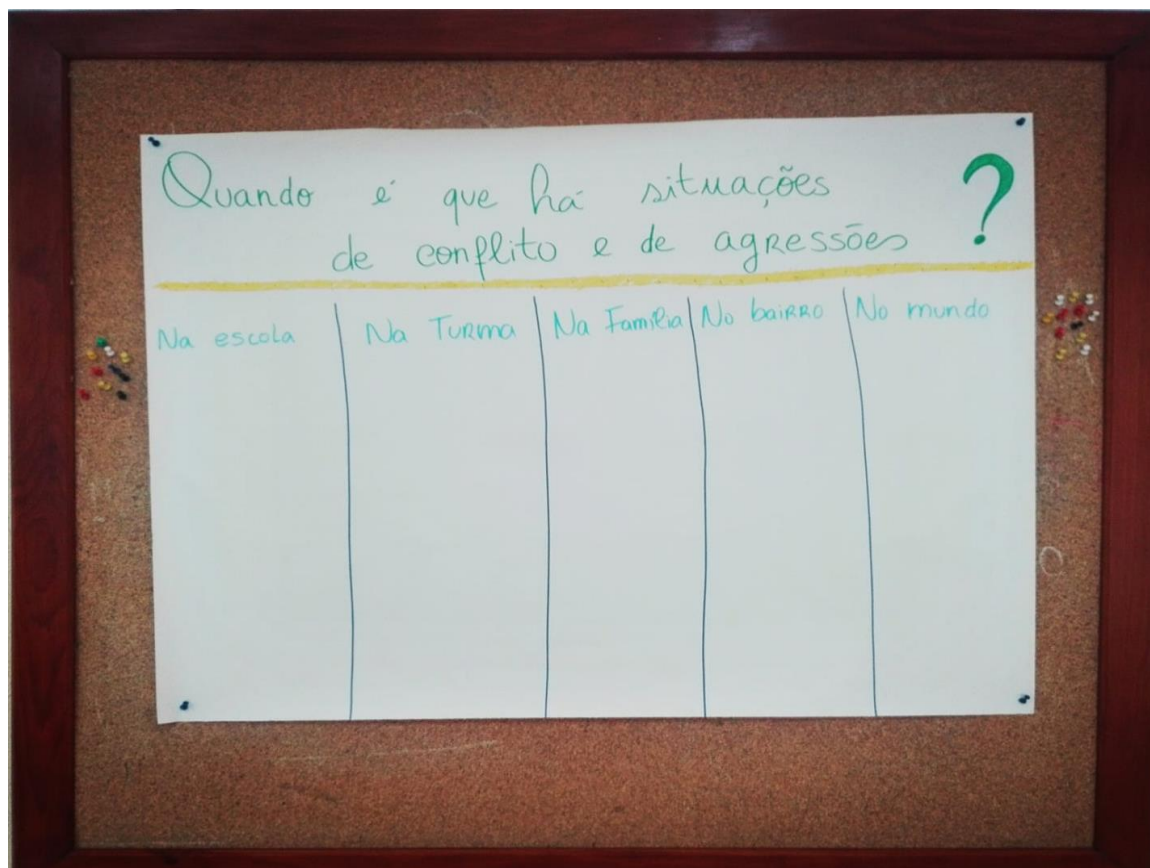
**Anexo 5: Aula 1 – UL 4 - Símbolos da paz**



Anexo 6: Aula 2 – UL 4 – Cartões



Anexo 7: Aula 2 – UL 4 – Mural



Anexo 8: Aula 3 – UL 4 – Autocolantes com sumario para colar no caderno



**Anexo 9: Aula 3 – UL 4 – Caixas com imagens e notícias dos casos de violência: o caso mediático de uma criança de 9 anos que pediu para morrer depois de ser alvo de *bullying* na escola.**





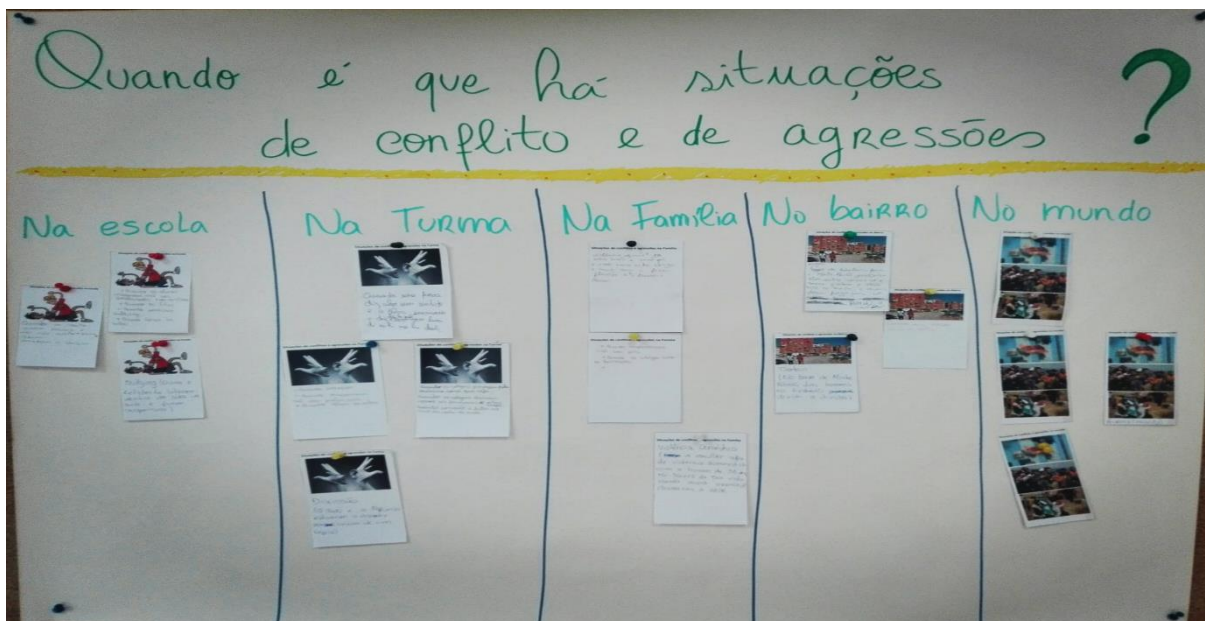
Quaden Bayles, 9 anos, causou comoção com um vídeo postado nessa terça-feira (18/02/2020) pela mãe, Yarraka, nas redes sociais. Vítima de [bullying](#) na escola por ter [nanismo](#), o garotinho foi filmado fazendo um pedido chocante a ela: “Me dê uma corda, eu quero me matar”. As imagens atraíram milhares de pessoas que, em uma corrente do bem, enviaram mensagens de apoio.

**Nanismo:** É a condição de tamanho de um indivíduo cuja altura é muito menor que a média de todos os sujeitos que pertencem à mesma população.



Uma mulher de 80 anos foi esta segunda-feira assassinada pelo marido, de 84 anos, em Pedroso, concelho de Vila Nova de Gaia, disse à Lusa fonte da GNR. De acordo com a fonte, o homem terá usado uma arma branca para desferir seis golpes na vítima.

Anexo 10: Aula 3 – UL 4 – Mural



**Anexo 11: Aula 3 – UL 4 - Imagens de situações de conflitos em diferentes contextos sociais**

**Situações de conflitos e agressões na turma**



**Situações de conflitos e agressões no Bairro**



**Situações de conflitos e agressões no mundo**



**Situações de conflitos e agressões na Escola**



## Anexo 12: Aula 4 – UL 4 - Cartão e texto da página 134 do MA

Observa-se nos nossos dias uma consciência crescente de que a paz mundial está ameaçada, não apenas pela corrida aos armamentos, pelos conflitos regionais e por causa das injustiças que ainda existem no seio dos povos e entre as nações, mas também pela falta do *respeito devido à natureza*, pela desordenada exploração dos seus recursos e pela progressiva deterioração da qualidade de vida. Semelhante situação gera um sentido de precariedade e de insegurança, que, por sua vez, favorece formas de egoísmo coletivo.

João Paulo II, Dia Mundial da Paz – 1 de janeiro de 1990

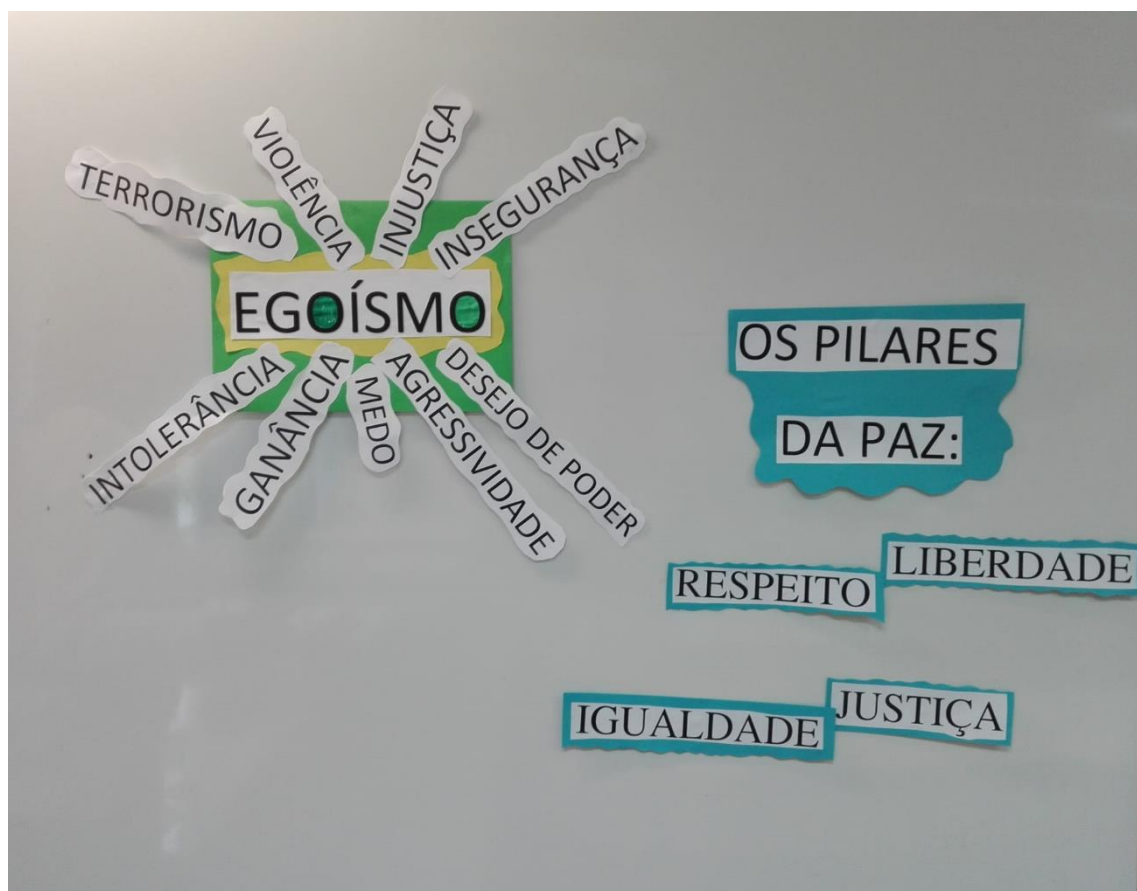
Encontre as oito (8) atitudes que conduzem à falência da paz

I	N	D	I	F	E	R	E	N	Ç	A
N	A	D	B	B	M	I	G	O	P	I
C	F	G	D	M	E	D	O	X	R	E
O	I	A	F	F	A	D	I	Q	A	M
M	B	N	A	A	R	I	S	A	T	M
P	M	Á	O	O	R	E	M	T	R	A
R	N	N	C	C	C	I	O	R	A	L
E	E	C	A	A	G	A	L	I	N	D
E	D	I	N	J	U	S	T	I	Ç	A
N	T	A	P	P	R	D	Á	O	A	D
S	Q	C	R	R	D	A	R	M	R	E
Á	Á	P	R	R	Ó	D	I	O	A	R
O	V	Í	U	U	A	M	O	R	C	D

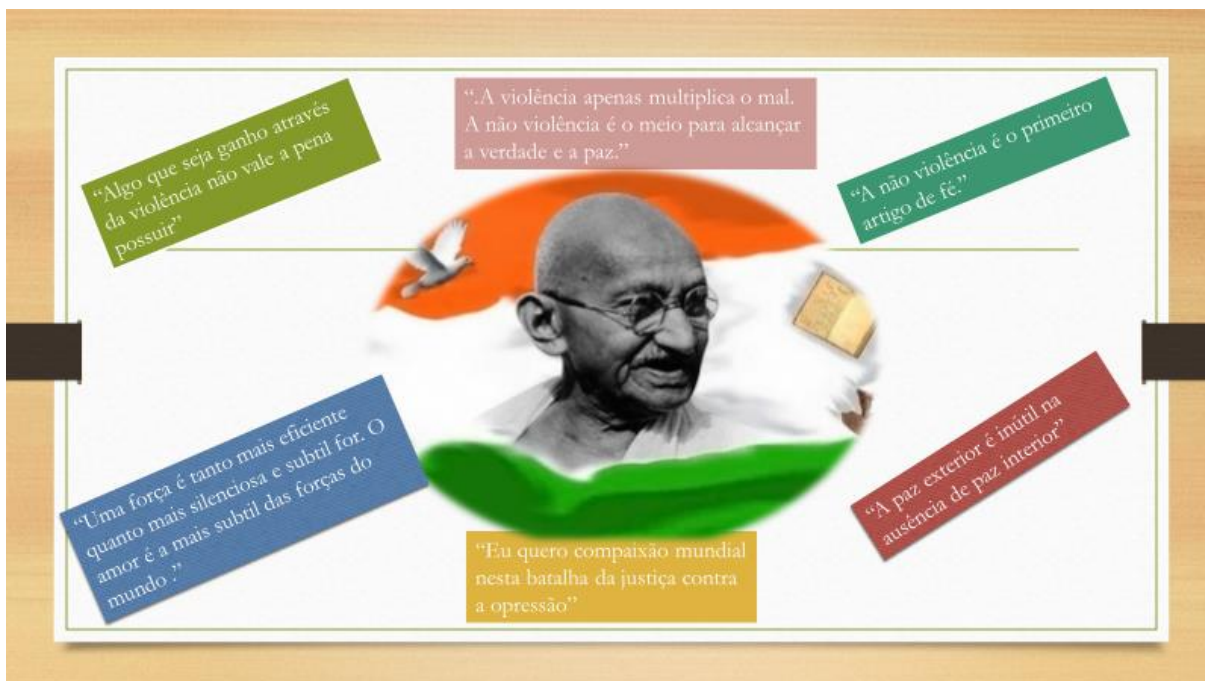
Correção

I	N	D	I	F	E	R	E	N	Ç	A
N	A	D	B	B	M	I	G	O	P	I
C	F	G	D	M	E	D	O	X	R	E
O	I	A	F	F	A	D	I	Q	A	M
M	B	N	A	A	R	I	S	A	T	M
P	M	Á	O	O	R	E	M	T	R	A
R	N	N	C	C	C	I	O	R	A	L
E	E	C	A	A	G	A	L	I	N	D
E	D	I	N	J	U	S	T	I	Ç	A
N	T	A	P	P	R	D	Á	O	A	D
S	Q	C	R	R	D	A	R	M	R	E
Á	Á	P	R	R	Ó	D	I	O	A	R
O	V	Í	U	U	A	M	O	R	C	D

Anexo 13: UL 4 - Cartolinas com os pilares da paz



**Anexo 14: Imagem do Mahatma Gandhi no centro de uma cartolina e a volta algumas frases do mesmo**



## **Anexo 15: Cartão e excerto da mensagem do Papa**

### **A paz, caminho de reconciliação na comunhão fraterna**

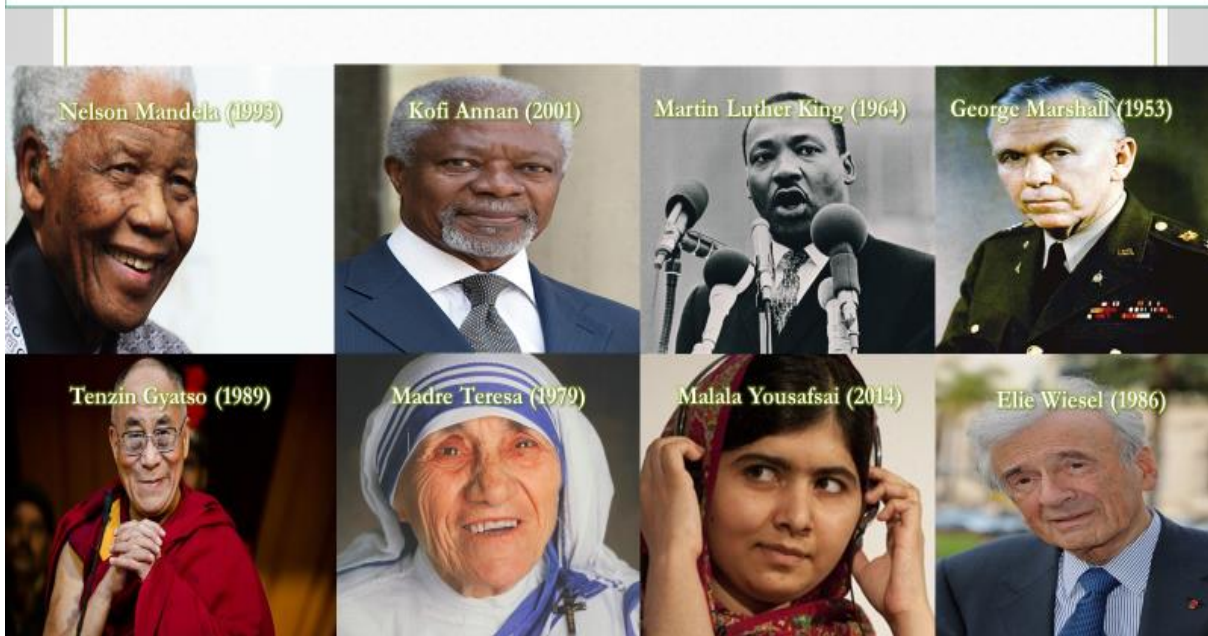
«“Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar? Até sete vezes?” Jesus respondeu: “Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete”» (Mt 18, 21-22). Este caminho de reconciliação convida-nos a encontrar no mais fundo do nosso coração a força do perdão e a capacidade de nos reconhecermos como irmãos e irmãs. Aprender a viver no perdão aumenta a nossa capacidade de nos tornarmos mulheres e homens de paz.

Anexo 16: Imagem utilizada na Aula 5



Anexo 17: Imagens dos laureados com o Nobel da Paz

# loureados com o Nobel da Paz



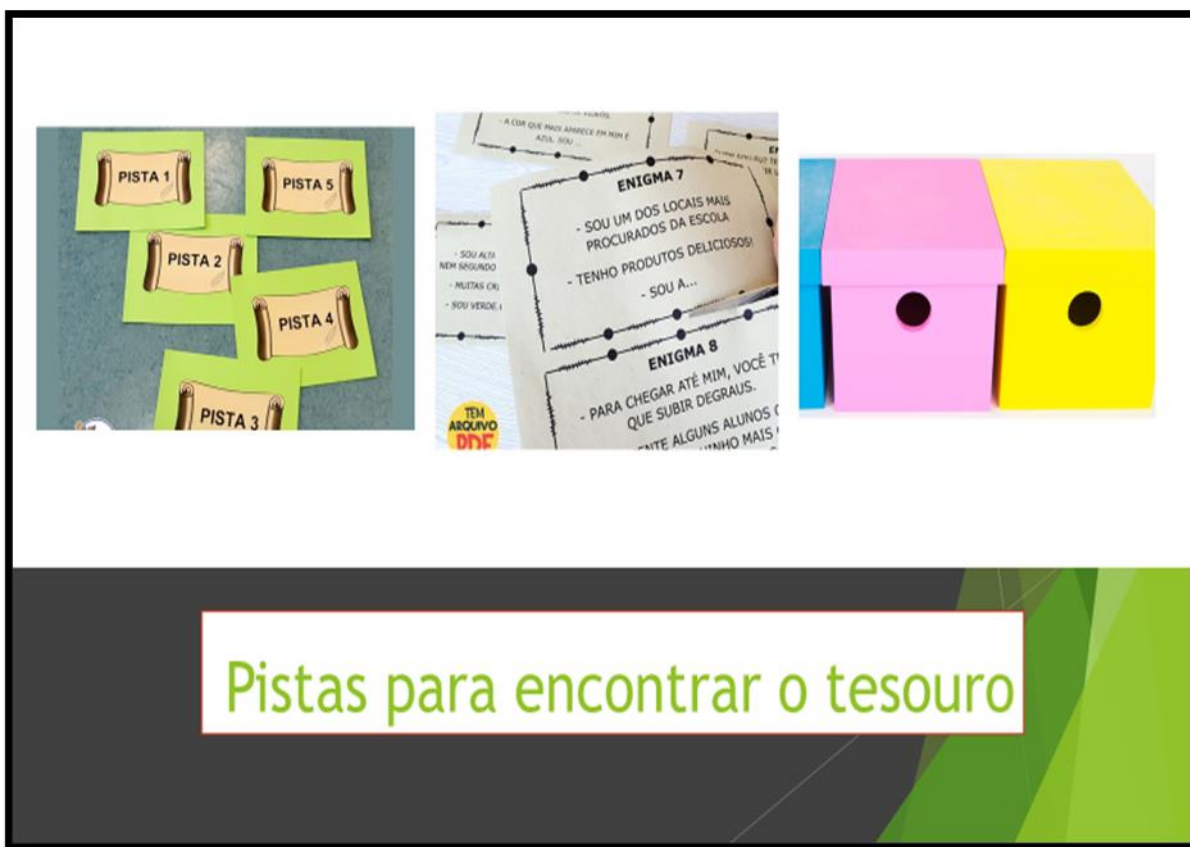
Anexo 18: Aula 5 — UL4 — Imagens e símbolos das organizações promotoras da paz



**Anexo 19: Aula 6 - UL4 - Mural no átrio da escola para os alunos colocarem as mensagens de compromisso com a paz**



Anexo 20: Aula 6 — UL4 — Pistas para encontrar o tesouro e caixa para colocar as bolas do Pokémon encontradas no caça ao tesouro.

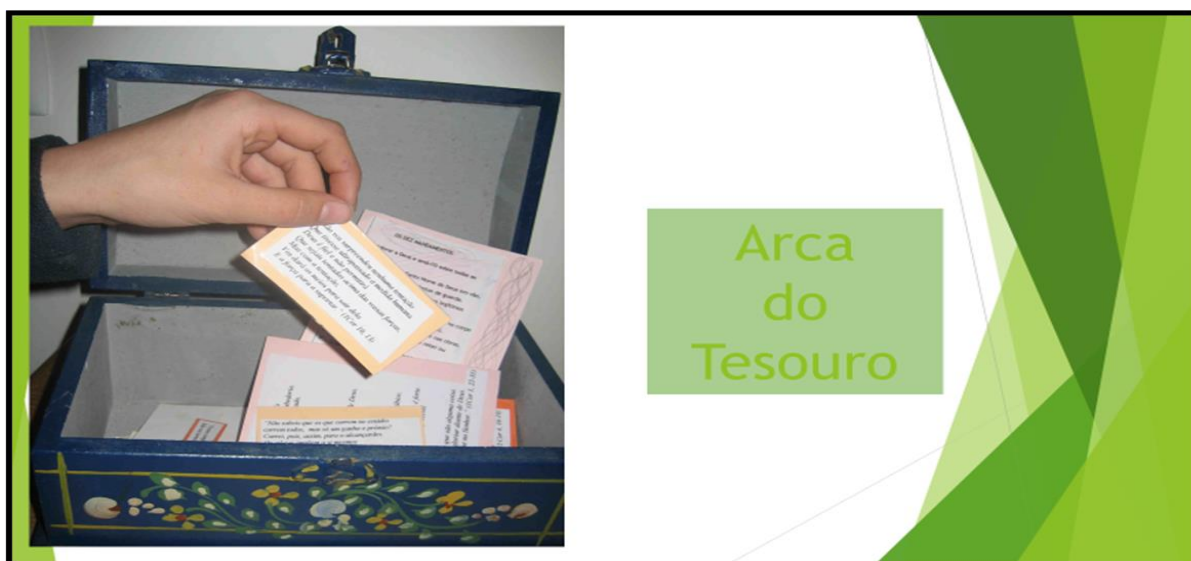


Pistas para encontrar o tesouro

Anexo 21: Aula 6 – UL4 – Bolas do Pokémon com citações bíblicas encontradas ao longo da caça ao tesouro GO



Anexo 22: Aula 6 — UL4 — Arca do tesouro



**Anexo 23: Aula 6 - UL4 - Fotocópias com mensagens bíblicas - sobre a paz –  
Hermenêutica dos textos bíblicos**

Mt 18, 22

70x7

«Se um homem ferir mortalmente outro homem, será condenado à morte. Aquele que ferir mortalmente um animal, pagá-lo-á vida por vida. E se alguém fizer um ferimento ao seu próximo, far-se-á o mesmo a ele: fractura por fractura, olho por olho, dente por dente; conforme o dano que tiver feito a outro homem, assim se lhe fará a ele.» (Lv 24, 17-21)

«Como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que apregoa a boa-nova e proclama a salvação!» (Is 52, 7)

«O Senhor dá força ao seu povo; o Senhor abençoa o seu povo na paz.» (Sl 29, 11)

«O Senhor sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz.» (Nm 6, 26)



**Hermenêutica dos textos bíblicos**

**Etapas da Leitura de um texto religioso**

Contextualização do texto	Análise Textual	Dialogando com o texto
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Quem é o autor?</li> <li>✓ Quando foi escrito?</li> <li>✓ A quem se dirige?</li> <li>✓ Qual a mensagem principal?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Do que fala o texto/qual o tema?</li> <li>✓ Qual o problema que se coloca?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Quais a ideia do auto?</li> </ul>



## Anexo 25: Aula 7 - UL4 - Fotocópias com as regras de ouro

«Não magoem os outros com aquilo que vos magoa a vocês.»  
(Sidhartha Gautama)

«Nenhum de vós é um crente até que deseje a seu irmão aquilo que deseja para si mesmo.» (Maomé)

«O que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho vós também.»  
(Jesus Cristo)

«Aquilo que não desejas para ti, não o faças aos outros.» (Confúcio)

«Não faças aos outros aquilo que não queres que os outros te façam a ti.» (Rabi Hillel)

«Não façam nada aos outros que se fosse feito a vocês, vos causasse mágoa.» (Krishna Vyasa)

«Considera os ganhos e as perdas de outrem como se fossem os teus próprios.» (Lao Tsé)

**Anexo 26: Aula 7 - UL4 - Tiras de cartolinas com as seguintes religiões: Budismo, Islamismo, Judaísmo e Cristianismo**



CRISTIANISMO



JUDAÍSMO

JUDAÍSMO



ISLAMISMO



BUDISMO

**Anexo 27: Aula 7 — UL4 — Quadro com linha de lã ao centro para afixar mensagens sobre a paz**

